

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



*Um modelo de crítica de tradução: Estratégias de tradução a partir de
The Kite Runner de Khaled Hosseini*

Marlene Knupfer

Tese orientada pela Professora Doutora Guilhermina Jorge, especialmente
elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Tradução

(Dissertação)

Área das Ciências da Linguagem

2016

“A published translation is a paradoxical object. (...). It is the result of a period of decision-making on the part of the translator that has been interrupted at a point which, while not arbitrary, is always questionable.”

Hewson (2011)

Índice

Agradecimentos	7
Observações	9
Resumo	11
<i>Abstract</i>	13
Introdução	15
1. Enquadramento teórico	17
1.1 Abordagem teórica	17
1.2 Estratégias de tradução	35
2. Apresentação e análise do <i>corpus</i>	41
2.1 Apresentação do <i>corpus</i>	41
2.2 Resumo da obra	47
2.3 Análise do <i>corpus</i>	49
2.4 Análise estatística	69
3. Crítica de tradução	77
3.1 Esboço de uma crítica de tradução	77
3.2 Crítica para não especialistas	83
3.3 Crítica para especialistas	85
4. Experiência de tradução	91
4.1 Relatório de tradução	93
4.2 Relatório de revisão	99
4.3 Relatório de retradução	103
Reflexões finais	107
Bibliografia	111
Anexo I: Excerto original	119
Anexo II: Experiência de tradução: Tradução M. K.	127
Anexo III: Experiência de tradução: Tradução S. G.	137
Anexo IV: Experiência de tradução: Tradução S. G. Revisão com rasuras	147
Anexo V: Experiência de tradução: Tradução S. G. Revisão	157
Anexo VI: Experiência de tradução: Retradução com rasuras	167

Anexo VII: Experiência de tradução: Retradução	179
Anexo VIII: Crítica para especialistas: Artigo completo	189
Anexo IX: Análise estatística: <i>Corpus</i> integral	195
Anexo X: As Estratégias de tradução: Perspetivas teóricas	209

Agradecimentos

A elaboração de uma dissertação consiste num trabalho desafiante que requer a intervenção de várias pessoas. Naturalmente, a maior contribuição, para além da do orientando, é sem dúvida a do respetivo orientador. Uma afirmação que, no meu caso, se torna especialmente verdadeira, uma vez que a Professora Guilhermina Jorge guiou este trabalho com entusiasmo e grande disponibilidade. Ao longo de vários meses de investigação e redação estão também inúmeras sugestões e revisões conduzidas por alguns colegas e amigos queridos. A todos eles, e à minha família, agradeço a contribuição e a paciência que disponibilizaram ao longo dos últimos meses.

Assim, gostaria de expressar o meu sincero agradecimento às seguintes pessoas:

À Professora Guilhermina Jorge, pela orientação dedicada, pela sinceridade e, acima de tudo, pela disponibilidade, uma constante durante toda a elaboração do trabalho.

Ao Johannes Knupfer e à Kersten Funck-Knupfer por possibilitarem esta próxima etapa da minha educação, pela compreensão e especialmente pelo apoio incondicional.

Ao Alexandre Figueiredo pelo apoio e pelas revisões. Mas especialmente pelo carinho e companheirismo que todos os dias me fez sentir.

À Ana Araújo e à Tatiana Martins pelas valiosas sugestões, contribuições e revisões que influenciaram o trabalho.

Observações

Durante o trabalho recorreremos às designações “texto-fonte” e “texto-alvo”, tal como a “original” e “tradução”, por uma questão de diversidade lexical. Não pretendemos atribuir-lhes significados diferentes.

Nos exemplos apresentados nos subcapítulos 2.3, 4.1, 4.2 e 4.3 recorreremos à utilização de sublinhados com o objetivo de destacar as partes mais significativas.

Na dissertação são trabalhadas e referidas duas traduções distintas. Por um lado, a tradução de Sofia Gomes, publicada pela Editorial Presença. Por outro lado, a tradução por nós proposta. Referir-nos-emos às mesmas como “Tradução S.G.” e “Tradução M.K.”, respetivamente.

No segundo e no terceiro capítulo, particularmente durante a análise estatística, a tradução literal surge como estratégia e erro morfossintático e como estratégia e erro lexical. Não se trata de uma distração da nossa parte, mas sim de uma divisão consciente. Assim, uma tradução literal surge como sendo uma opção de natureza lexical quando esta se destina apenas à tradução de uma palavra ou expressão. Quando se trata de uma tradução literal que abrange mais elementos frásicos, denominámo-la como sendo de natureza morfossintática.

Na análise do *corpus* e nos relatórios de tradução, revisão e retradução, os exemplos analisados encontram-se identificados pela página em que constam nas respetivas versões. Os exemplos em inglês foram retirados da primeira edição do romance e os exemplos em português da quarta edição da tradução.

Resumo

O principal objetivo da presente dissertação consiste na elaboração de um novo modelo de crítica de tradução. A fim de concretizar esse mesmo objetivo, tornou-se necessário pensar e analisar as várias teorias existentes, de forma a construir material teórico de apoio. A dissertação divide-se, assim, em duas partes principais.

Na primeira parte procederemos à construção de um quadro teórico de estratégias de tradução a partir da análise e categorização das estratégias de tradução existentes. O quadro servirá como base para a análise da tradução portuguesa do romance *The Kite Runner* (traduzido por Sofia Gomes – *O Menino de Cabul*). A análise das estratégias aplicadas à tradução desta obra tende, mais especificamente, a aferir a pertinência das soluções de tradução apresentadas pela tradutora e a sugerir uma reflexão aprofundada sobre a experiência de tradução. Assim, é objetivo desta dissertação mostrar que o trabalho sobre as estratégias de tradução é fundamental para o êxito da experiência da tradução.

Na segunda parte, e após a recolha e o tratamento dos dados obtidos durante a análise da tradução, dedicar-nos-emos à crítica de tradução. Será apresentado um modelo de crítica de tradução que resulta da análise e respetiva comparação dos modelos já existentes. Na sequência da análise e da crítica propomos uma experiência de tradução a partir de um dos capítulos do romance que terá em conta as observações e conclusões obtidas nas etapas anteriores.

Acreditamos que este trabalho poderá, por um lado, constituir uma mais-valia para os futuros estudantes de tradução e, por outro lado, demonstrar a necessidade de promoção da crítica de tradução e os benefícios dela resultantes.

Palavras-chave: Tradução, Crítica de tradução, Estratégias de tradução, Experiência de tradução, *The Kite Runner* (*O Menino de Cabul*)

Abstract

The main goal of this thesis is the creation of a new model for translation criticism. As a means to achieve this, it was necessary to create a supporting model in the form of a theoretical framework. Therefore, this thesis is divided into two main parts.

In the first part of this master's thesis, we intend to build a theoretical framework of translation strategies based on the analysis and categorization of the existing translation strategies. This framework will then serve as the cornerstone for the analysis of the Portuguese translation of the novel *The Kite Runner* (translated by Sofia Gomes – *O Menino de Cabul*). By analyzing the strategies that were applied in the translation of the novel we intend to evaluate the pertinence of the applied translational solutions. Furthermore, we will suggest a deep reflection on the translation experience. Thus, this dissertation attempts to demonstrate that developing the work in translation strategies is crucial to ensure that the translation experience is successful.

In the second part, after collecting and processing the data obtained during the analysis of the translation, we will focus on the topic of translation criticism. A new model of translation criticism will be formulated, resulting from the reformulation and combination of previously existing models. After the translation analysis and criticism, we will, among other things, elaborate a translation proposal of a chapter of the novel. This proposal will take into account all the observations and conclusions drawn in the previous steps.

We believe that this thesis may, on the one hand, constitute an asset for future students of translation studies and, on the other, demonstrate the need to promote translation criticism as well as the benefits thereof.

Key-words: Translation, Translation criticism, Translation strategies, Translation experience, *The Kite Runner* (*O Menino de Cabul*)

Introdução

A presente dissertação, que se enquadra no Mestrado em Tradução, alicerça-se em torno de dois vetores principais, a crítica de tradução e as estratégias de tradução. Os principais objetivos consistem na construção de um quadro teórico de estratégias de tradução e no desenvolvimento de um modelo de crítica de tradução.

A partir do quadro teórico, pretendemos demonstrar a necessidade de organizar as estratégias de tradução num formato mais acessível, para facilitar o trabalho do tradutor profissional e do estudante em tradução. Com o desenvolvimento de um modelo de crítica de tradução pretende-se mostrar a importância da crítica da tradução e, conseqüentemente, a necessidade da elaboração da mesma. Pretendemos também propor um novo modelo de crítica de tradução que possa ser aplicado tanto por tradutores, como por críticos e estudantes.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos principais: “Enquadramento teórico”, “Apresentação e análise do *corpus*”, “Crítica de tradução” e “Experiência de tradução”.

No primeiro capítulo, será feita uma abordagem teórica que representa o caminho que percorremos para elaborar o quadro teórico de estratégias de tradução. O próprio quadro é igualmente apresentado no primeiro capítulo, porém em versão reduzida. O quadro completo encontra-se no anexo x.

No segundo capítulo, a reflexão incide sobre o *corpus* escolhido para a elaboração desta dissertação, o romance *The Kite Runner*. Será feita uma apresentação do *corpus*, seguida de um resumo, a fim de familiarizar o leitor com a obra. Seguir-se-á a análise do *corpus*, onde será feita a recolha, categorização e análise de exemplos. Por fim, apresentaremos uma breve análise estatística dos resultados obtidos.

O terceiro capítulo centra-se na construção de uma crítica de tradução. Faremos uma introdução ao tema, baseada na bibliografia disponível, seguida de uma proposta para um novo modelo de crítica de tradução. Depois, serão analisados diferentes tipos de crítica de tradução presentes em jornais e revistas, a fim de proceder à elaboração de duas críticas de tradução: uma crítica para o público especialista e uma crítica para o público não especialista.

O quarto capítulo será inteiramente dedicado à experiência da tradução e às reflexões que daí decorrem. Em primeiro lugar, introduziremos o capítulo e as três etapas que o constituem: tradução, revisão e retradução. De seguida serão apresentados os relatórios correspondentes a cada uma das etapas: relatório de tradução, relatório de revisão e relatório de retradução.

O método de trabalho aplicado na elaboração desta dissertação e dos seus vários capítulos e subcapítulos consistiu na sucessiva leitura de textos e obras diversas. A bibliografia não diz respeito apenas à área da tradução, mas também a outras áreas do conhecimento, a fim de fundamentar e enriquecer o trabalho.

1. Enquadramento

1.1 Abordagem teórica

Tendo o romance *The Kite Runner* como base para o trabalho que nos propomos realizar, esta dissertação tem dois objetivos principais: o esboço de um modelo de crítica de tradução e a construção de um quadro teórico de estratégias de tradução e a subsequente aplicação do mesmo, como veremos mais adiante.

A fim de alcançar o conhecimento teórico necessário à elaboração desta dissertação recorreremos à leitura de várias obras de especialistas reconhecidos da área de tradução. O ponto de partida para esta aprendizagem foi o ensaio de Schleiermacher (1813), *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*, que representa, logo à partida, duas ideias centrais para este trabalho: a omnipresença da tradução e a distinção entre duas vertentes de tradução, uma vertente mais centrada no autor e uma outra mais centrada no leitor, como refere a citação seguinte.

“Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele.” (Schleiermacher 1813: 61)

Estas duas perspetivas de tradução, que hoje em dia têm outras denominações – estrangeirante/estrangeirizante ou alteridade¹ e domesticante ou etnocêntrica², respetivamente –, são, segundo o autor, mutuamente exclusivas. O compromisso não é possível, ou, pelo menos, segundo o próprio autor, não será desejável. O tradutor pode, no entanto, recorrer a ambas as vertentes durante a mesma tradução. Porém, deverá fazê-lo em alturas ou excertos distintos.

“Estes dois caminhos são tão diferentes que é necessário seguir exclusivamente um deles, com tanto rigor quanto possível, pois que qualquer mistura entre ambos dará um resultado altamente insatisfatório e é de recear que entre escritor e leitor se dê o desencontro total.” (Schleiermacher 1813: 61)

¹ Resumindo o pensamento de Venuti (1998), ocorre quando o texto-alvo mantém os valores culturais do texto-fonte.

² Resumindo o pensamento de Venuti (1998), é aquela que, apagando os valores culturais do texto-fonte, cria um texto que parece ter sido escrito na língua-alvo.

A omnipresença da tradução é um conceito que consiste na ideia de que a tradução é uma constante do quotidiano de qualquer indivíduo.

“Dans une acception beaucoup plus large, Georges Mounin affirme que même la connaissance du monde est une traduction, car le monde ne peut pas exister sans une pensée qui traduit le monde.” (Durdureau 2010: 13)

Deste modo, o conceito da omnipresença da tradução é fundamental para esta dissertação, uma vez que o romance *The Kite Runner* é uma espécie de autotradução³. Hosseini escreveu o romance em inglês, a sua segunda língua, e no próprio romance está omnipresente a tradução, sob forma de explicações, de algumas expressões ou palavras em pársi⁴. Assim, a tradução é um elemento recorrente na obra original e também na criação do romance, sendo que este facto deverá ser respeitado e tido em consideração durante o processo propriamente dito da tradução do romance. Por outras palavras, o tradutor deverá ter consciência de que se trata de um texto que teve já contacto com a tradução e se encontra por ela marcado, uma vez que esta particularidade irá influenciar as opções tradutórias.

“Não nos vemos nós frequentemente obrigados a começar por traduzir o discurso de alguém que, sendo em tudo nosso igual, tem contudo uma sensibilidade e um ânimo diferentes dos nossos? (...). Mas até os nossos próprios discursos somos por vezes obrigados a traduzir, se – passado algum tempo – deles nos queremos reapropriar convenientemente.”

(Schleiermacher 1813: 25)

Venuti (1995) salientou a noção da invisibilidade⁵ do tradutor, cujo objetivo é reforçar a ideia de que o tradutor é invisível ao mundo exterior. Um facto que, segundo Venuti, se deve à sociedade atual e às práticas de domesticação da mesma, que por sua vez ganham forma no pensamento de que uma tradução fiel é sinónimo de fluidez. Ou seja, que uma tradução, para ser fiel, tem de ser de leitura fluida e corrente. Visto que a fluidez raramente se atinge quando se recorre a estratégias de tradução estrangeirantes, conclui-se que a invisibilidade ocorre, maioritariamente, devido à domesticação.

³ A tradução de um texto-fonte para outra língua é elaborada pelo próprio autor.

⁴ Por exemplo: “*saratan*” (p.13); “*chapandaz*” (p.18); “*mast*” (p.21); “*mareez*” (p.71); “*khanum*” (p.117).

⁵ “The translator’s invisibility is thus a weird self-annihilation, a way of conceiving and practicing translation that undoubtedly reinforces its marginal status in Anglo-American culture.” Venuti (1995: 8).

“An illusionism produced by fluent translating, the translator’s invisibility at once enacts and masks an insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails (...).” (Venuti 1995: 17)

Uma tradução fluida, ao contrário de uma tradução estrangeirante, não tem, por norma, indícios de que se trata de um texto traduzido. Ou seja, Venuti dá a entender que a vertente domesticante faz com que os tradutores não sejam suficientemente reconhecidos. Por outras palavras, a invisibilidade do tradutor resulta da domesticação. Assim sendo, Venuti assume uma preferência pela vertente estrangeirante. A invisibilidade é interessante para a nossa reflexão porque Hosseini, ao inserir no romance palavras e expressões pársi, dá, de imediato, um toque estrangeirante ao próprio original, fazendo com que a tradução seja “vista” quando a tradução propriamente dita ainda não ocorreu.

O conceito de fidelidade influenciou neste trabalho através de Benjamin (1923). As suas reflexões mais importantes centraram-se na suposta incompatibilidade entre fidelidade e liberdade tradutória, na fidelidade na tradução de palavras individuais e na fidelidade na reprodução da forma. No entanto, um aspeto importante do ensaio de Benjamin é, a nosso ver, a sua definição do erro básico do tradutor.

“The basic error of the translator is that he preserves the state in which his own language happens to be instead of allowing his language to be powerfully affected by the foreign tongue. (...). He must expand and deepen his language by means of the foreign language.” (Benjamin 1923: 22)

O autor define-o como sendo a forma impenetrável com que o tradutor faz uso da sua língua ao traduzir um texto, não deixando ocorrer qualquer tipo de contacto entre os dois mundos (texto, língua e cultura-fonte e texto, língua e cultura-alvo). Benjamin defende, assim, a vertente estrangeirante, uma vez que é aquela em que o erro que descreve não ocorre. Ou seja, na vertente estrangeirante o tradutor estabelece uma ponte entre a língua e a cultura-fonte e a língua e a cultura-alvo, evitando assim o isolamento de ambas, que se dá na vertente domesticante.

A profissão do tradutor encontra-se há séculos intrinsecamente ligada à noção de fidelidade, mais especificamente, à noção de infidelidade. Muitas das traduções francesas dos séculos XVI, XVII e XVIII foram denominadas de “Belles Infidèles” por divergirem dos originais, a fim

de criar versões melhoradas.⁶ No provérbio italiano “Traduttore, traditore”, o tradutor é caracterizado como sendo traidor, ou seja, infiel. No poema “Eu tradutor, traidor”⁷, José Bento lamenta as consequências e as imperfeições da tradução.

Bassnet (1991), Baker (1992) e Munday (2001) permitiram um enquadramento mais geral da tradução, focando algumas das questões centrais em redor da mesma e os aspetos históricos e culturais que lhe dizem respeito. A noção de equivalência adquiriu, com estes autores, novo fôlego. O conceito da equivalência é, em conjunto com a noção de fidelidade, um dos conceitos mais debatidos da área da tradução. Esse facto deve-se, maioritariamente, à polissemia do conceito, sendo que existem várias definições e tipos de equivalência. No entanto, vejamos primeiro o que é a equivalência. A equivalência é uma estratégia de tradução que pretende preservar uma dada característica ou um dado elemento presente no texto-fonte ao procurar um equivalente na língua e na cultura-alvo.

“Equivalence has been understood as “accuracy”, “adequacy”, “correctness”, “correspondence”, “fidelity” or “identity”; it is a variable notion of how the translation is connected to the foreign text.” (Venuti e Baker 2000: 5)

Foram vários os autores que se debruçaram sobre a equivalência, entre eles Jakobson (1959), que defende a inexistência da equivalência absoluta uma vez que, por mais que haja equivalentes, estes terão sempre *nuances* diferentes (cf. Jakobson 1959). Nida (1964) distingue entre equivalência formal, que foca a mensagem tanto a nível da forma como de contexto, e equivalência dinâmica, que tem como objetivo obter a mesma relação entre recetor e mensagem do texto-alvo, em tudo semelhante à relação que existe entre recetor e mensagem originais (cf. Bassnet 1991). Um outro tipo de equivalência, a equivalência funcional, é sugerido por Reiss (1971). A equivalência funcional pretende que o texto-alvo mantenha a mesma função que o texto-fonte. Deste modo, Reiss (1971) distingue três tipos de texto diferentes – texto informativo, texto expressivo e texto operativo – argumentando que esta distinção é importante, uma vez que cada tipo de texto requer métodos e estratégias de tradução diferentes. Poder-se-ia ainda acrescentar a equivalência linguística (Popovič 1976), que consiste na homogeneidade a nível linguístico, tanto do texto-fonte como do texto-alvo (cf. Bassnet 1991: 33).

⁶ Cf. Horguelin (1981).

⁷ Bento (2003).

“Equivalence is a central concept in translation theory, but it is also a controversial one. Approaches to the question of equivalence can differ radically: some theorists define translation in terms of equivalence relations (...) while other reject the theoretical notion of equivalence, claiming it is either irrelevant (...) or damaging (...) to translation studies.” (Baker e Saldanha 1998: 96)

De um modo geral, toda e qualquer pesquisa de materiais teóricos específicos sobre crítica de tradução revelou-se algo complicada, uma vez que a literatura existente sobre o tema é relativamente escassa.⁸ Assim, o ponto de partida e, simultaneamente, a obra de referência para esta parte do trabalho foi o livro de Berman (1995) *Towards a Translation Criticism: John Donne*. São-nos fornecidos alguns pontos de referência pertinentes, como por exemplo, as formas de crítica de Meschonnic e da Escola de Tel Aviv.

Henri Meschonnic foi um poeta, linguista e ensaísta francês, conhecido principalmente pela sua tradução do Antigo Testamento. Berman (1995) refere-se a Meschonnic e às análises de tradução por ele propostas, às quais chama “analyses engagées”, explicando que Meschonnic identifica de forma clara as causas dos defeitos das traduções, mas que não se dedica à análise dos mesmos. Berman critica ainda a forma severa e rigorosa com que Meschonnic apresenta as suas críticas.

“If Meschonnic identifies quite well the “causes” of the defectiveness of the translations that he is attacking, he doesn’t waste his time analyzing them. What matters for him is *denouncing*, denouncing with *precision*.” (Berman 1995: 33)

Importa acrescentar que Meschonnic pratica este tipo de análise ou crítica das traduções em defesa dos respetivos originais. Deste modo, Berman identifica-o como “source-oriented”⁹.

A Escola de Tel Aviv (*Tel Aviv School*), fundada por Even-Zohar,¹⁰ linguista e sociólogo da Universidade de Tel Aviv, pratica uma análise distinta, se não mesmo contrária, à de

⁸ Em Portugal não existe uma verdadeira crítica de tradução, sendo que a crítica que existe é sobretudo literária.

⁹ Expressão inglesa que difere da definição de estrangeirante, significando que algo ou alguém se foca no texto-fonte, dando-lhe mais importância. Cf. Ladmiral (2015).

¹⁰ Cf. Berman (1995: 36).

Meschonnic, distinguindo-se especificamente por ser “target-oriented”¹¹. Trata-se, portanto, de uma análise descritiva com uma orientação socio-crítica. Com Toury e Brisset¹², que também pertencem a esta escola, a crítica de tradução deixa de ser um julgamento e passa a ser uma análise cuidada e aprofundada que deve ter em conta as condições socio-históricas, culturais e ideológicas que influenciaram o processo de tradução. Toury intitula estas condições de “normas”¹³. Desta forma, uma tradução que obedece a normas não pode ser criticada pelas consequências tradutórias que daí advêm. Berman (1995) critica esta abordagem por ser demasiado neutra e objetiva.

“From the outset, they want to avoid analysing translations with a prescriptive frame of mind, and they want to study in a neutral, objective, and “scientific” way (...).” (Berman 1995: 36)

“First, the translated text is *objectified*, transformed into an object of knowledge; it is no longer something one questions in order to criticize or praise. Secondly, as we have seen, the translation is in all cases *justified* since the analysis itself shows that it could not be other than what it was.” (Berman 1995: 47)

Devido às críticas que faz tanto à análise de Meschonnic como à Escola de Tel Aviv, Berman procura construir um método de crítica de tradução que seja um compromisso entre ambas. O método apresentado por Berman é constituído por seis etapas distintas. No entanto, o trabalho de crítica de tradução deve ser precedido por uma fase preparatória à crítica propriamente dita. Nesta fase preparatória, o crítico deve (i) proceder a uma leitura e releitura da tradução, ignorando o original; (ii) fazer uma leitura e releitura do original, ignorando a tradução; (iii) pesquisar informações sobre o tradutor; (iv) descobrir a definição de tradução do tradutor em questão; (v) identificar o projeto de tradução e (vi) entender o horizonte da tradução.

Após a fase de preparação, em que o crítico procedeu à leitura tanto do texto-alvo como do texto-fonte, se informou sobre o tradutor e as suas preferências e perspetivas tradutórias e

¹¹ Expressão inglesa que difere da definição de domesticante, significando que algo ou alguém se foca no texto-alvo, dando-lhe mais importância. Cf. Ladmiraal (2015).

¹² Cf. Berman (1995: 36).

¹³ Toury define como normas as convenções sociais que influenciam a tradução. Por exemplo, a definição de certo ou errado, apropriado ou não apropriado de um dado grupo social. Cf. Berman (1995) e Toury (1995).

se encontra familiarizado com o contexto em que a tradução se insere, dá-se início à análise propriamente dita da tradução que, como já foi referido, consiste em seis etapas:

- (1) determinar a forma da análise, que varia consoante o tipo de tradução;
- (2) fazer o confronto entre original e tradução;
- (3) escolher o estilo do confronto, ou seja, a comunicabilidade da análise, a fim de abrir o texto a múltiplos públicos;
- (4) definir a base da avaliação, que deverá ser a ética e a poética, para evitar que os conceitos tradutórios de quem critica sejam projetados para a análise;
- (5) averiguar a receção da tradução;
- (6) proceder à crítica produtiva, que ocorre quando a análise lidou com um texto que exige e prepara o terreno para uma retradução. Uma retradução consiste na revisão, alteração e melhoria de uma tradução já existente.

O método de análise sugerido por Berman teve um papel determinante neste trabalho, estando na base da pesquisa inicial feita acerca do *corpus*, e serviu de esboço para a análise e a crítica de tradução que iremos propor. O modelo que propomos organiza-se em seis etapas:

- (1) a preparação, que consiste numa pesquisa alargada sobre o autor do texto-fonte, o tradutor do texto-alvo e a receção crítica de ambos, entre outros;
- (2) a análise, que, como o próprio nome indica, consiste na análise do texto-alvo, ignorando o texto-fonte,¹⁴
- (3) o confronto entre texto-fonte e texto-alvo. Aqui revelar-se-ão os problemas e os sucessos da tradução;
- (4) a reflexão, onde é feita a categorização dos dados recolhidos na etapa anterior;
- (5) a produção, ou seja, a composição da crítica propriamente dita;

¹⁴ A análise não necessita abranger a totalidade do texto-fonte. Pode ser feita uma seleção, por exemplo por capítulos. No entanto, a seleção deve ser alargada e variada.

(6) a revisão, que consiste na revisão do produto final.

A primeira etapa consiste, maioritariamente, na fase introdutória apresentada por Berman (1995)¹⁵, onde o autor se familiariza com a realidade do texto-fonte e do texto-alvo, procedendo a uma pesquisa alargada sobre o autor, o tradutor, a editora e a receção crítica tanto do original como da tradução. Esta etapa é de grande importância, uma vez que fornece ao crítico um enquadramento geral da obra e da respetiva tradução. Permite, assim, uma avaliação mais informada da tradução, uma vez que podem existir indicações relevantes sob forma de livro de estilo.

A segunda etapa pressupõe uma análise do texto-alvo sem a consulta do texto-fonte. Esta análise, que consiste numa análise textual, deverá avaliar o texto-alvo como um todo, identificando todos os aspetos positivos e negativos de forma a destacar e identificar as escolhas feitas pelo tradutor da obra e a sua orientação tradutória, entre outros. Esta análise é fundamental e serve de suporte para a etapa seguinte, que passa pelo confronto entre original e tradução.

A terceira etapa representa o confronto entre o texto-alvo e o texto-fonte. Nesta fase, o crítico confirma se as passagens que assinalou como problemáticas ou bem-conseguidas no texto-alvo se prendem, ou não, com o texto-fonte ou com o tradutor. Após o confronto, o crítico dispõe de um conjunto de enunciados constituído tanto por opções tradutórias positivas como por opções negativas.

Na quarta etapa, a etapa da reflexão, os exemplos são categorizados e deve ser dada uma explicação para a sua avaliação positiva ou negativa. Deverão também ser identificadas as estratégias de tradução utilizadas.

Em penúltimo lugar ocorre a produção, que consiste na produção da crítica propriamente dita. Nesse momento o crítico dispõe de toda a informação que recolheu durante as diferentes etapas e faz um balanço final sobre a qualidade da tradução.

Em último lugar vem a revisão. Trata-se de uma etapa de grande importância, que deveria ser parte integrante de todo e qualquer trabalho académico e profissional. A fim de destacar o papel importante da revisão, atribuímos-lhe uma etapa individual.

¹⁵ Cf. p. 22 deste trabalho.

Na sua obra basilar, *After Babel*, Steiner (1975) abordou duas temáticas que vieram enriquecer o nosso trabalho. A hermenêutica da tradução e as topologias da cultura. De acordo com Steiner (1975), a hermenêutica consiste em quatro momentos que caracterizam o processo de tradução. Em primeiro lugar, o tradutor experiencia a “confiança”. O tradutor deposita a sua confiança no texto-fonte no sentido em que acredita que a obra é de facto coerente e traduzível.

“We venture a leap: we grant *ab initio* that there is ‘something there’ to be understood, that the transfer will not be void.” (Steiner 1975: 296)

Segue-se a “agressão”. O tradutor invade o texto-fonte de forma violenta a fim de discernir e compreender o texto. Neste momento, o tradutor extrai do texto-fonte toda a informação que considere pertinente ou necessária.

“The second move of the translator is incursive and extractive. (...) understanding, recognition, interpretation are a compacted, unavoidable mode of attack.” (Steiner 1975: 297)

Após a agressão a que o tradutor submeteu o texto-fonte, dá-se a “incorporação”. Aqui, o tradutor incorpora, no texto-alvo, aquilo que extraiu do texto-fonte. O tradutor opta, neste momento, por uma vertente mais estrangeirante ou mais domesticante.

“There are innumerable shadings of assimilation and placement of the newly-acquired, ranging from a complete domestication (...) all the way to the permanent strangeness and marginality of an artifact (...).” (Steiner 1975: 298)

O autor alerta para a necessidade de encontrar um equilíbrio. O tradutor tem a responsabilidade de optar por introduzir no texto-alvo apenas aquilo que é pertinente e deve fazê-lo de forma sensata e refletida.

“Where the native matrix is disoriented or immature, the importation will not enrich, it will not find a proper locale.” (Steiner 1975: 299)

“The cargo-cults of New Guinea, in which the natives worship what airplanes bring in, provide an uncannily exact, ramified image of the risks of translation.” (Steiner 1975: 300)

Depois de ter incorporado aquilo que extraiu durante o processo de agressão, o tradutor encontra-se perante uma situação de desequilíbrio entre texto-fonte e texto-alvo. Por esse motivo, o tradutor deve tentar restituir o equilíbrio.

“We come home laden, thus again off-balance, having caused disequilibrium throughout the system by taking away from ‘the other’ and by adding, though possibly with ambiguous consequence, to our own.” (Steiner 1975: 300)

Torna-se, deste modo, necessário um quarto momento, a “restituição”. Aqui, o tradutor tenta repor o equilíbrio entre o texto e a língua-fonte e o texto e a língua-alvo (cf. Steiner 1975: 395).

Para além de se tratar de um conceito interessante e certamente elucidativo do processo tradutório, a hermenêutica tem um interesse especial para o nosso trabalho. Existe uma analogia entre a hermenêutica abordada por Steiner (1975) e o modelo de crítica de tradução que apresentámos. Podemos identificar no modelo de crítica os quatro momentos que integram a hermenêutica. Quando o tradutor/crítico toma a iniciativa de proceder à crítica de uma dada tradução, tem confiança de que haverá material para a efetuar. A agressão ocorre sob forma da análise e do confronto. O tradutor/crítico invade o texto-alvo e o texto-fonte à procura de interferências e confronta-os a fim de encontrar boas e más opções de tradução. Por fim, a incorporação e a restituição representam o momento da produção, da redação da crítica propriamente dita. É feita a incorporação dos dados recolhidos na análise e no confronto no “texto-alvo” que é a crítica, tentando, se possível, encontrar um equilíbrio entre os aspetos positivos e os aspetos negativos.

Ainda dentro do domínio da análise e da crítica de tradução, tornou-se inevitável proceder a uma pesquisa relacionada com a categorização de erros de tradução. Frota (2000) apresenta uma abordagem interessante, pois traz a psicanálise para o domínio da tradução. Isto é, a autora aplica noções e conceitos apresentados por Freud (cf. Frota 2000), como, por exemplo, o inconsciente - visível através da interferência da experiência de vida do tradutor na tradução - à análise da tradução.¹⁶ Partindo do pressuposto que o inconsciente está sempre presente, Frota mostra que o tradutor nunca poderá ser inteiramente objetivo, precisamente por estar sujeito ao seu próprio inconsciente.

¹⁶ Cf. Freud (1977). O exemplo do milhafre, lapsos de língua, pontes verbais, entre outros.

“O inconsciente e a consciência não são opostos, mas, sim, radicalmente distintos, e não temos controle sobre a distribuição de seus funcionamentos; isto é, não temos como decidir que, ao fazermos um trabalho científico ou uma tradução, somente os processos conscientes estejam em jogo (...).”
(Frota 2000: 209)

Deste modo, se o inconsciente se manifesta na escrita e na fala do sujeito que a pratica, então o texto-alvo encontrar-se-á sempre marcado pelo sujeito. Apesar de o texto-alvo estar marcado pelo tradutor, a invisibilidade tradutória de que Venuti (1995) fala não se encontra refutada, uma vez que Venuti se refere, entre outros, à falta de reconhecimento dos tradutores.

A estas presenças do inconsciente do tradutor no texto-alvo, Frota chama singularidades. A autora propõe a distinção entre lapso e singularidade. Um lapso é um erro que acontece numa área conhecida de quem o pratica, e é reconhecido como tal, enquanto a singularidade é algo que acontece e não é classificável, sendo que o lapso é detetável enquanto a singularidade permanece invisível.

“O lapso de língua (...) constituindo-se, conforme visto, como uma quebra ou um acidente em terreno conhecido e estável, seja ele de natureza mais estritamente lingüística ou também histórica ou factual. (...). Já as formações singulares (...) ganham existência na intersecção entre o estranho e o conhecido (...).” (Frota 2000: 232)

“E as singularidades permanecem, enquanto tal, invisíveis, rotuladas como erros de interpretação.” (Frota 2000: 240)

Este é um aspeto interessante para a análise da tradução e, conseqüentemente, para a categorização dos erros de tradução. As singularidades¹⁷ deverão, sem dúvida, ser tomadas em consideração e não incluídas no mesmo grupo que os erros de tradução.

¹⁷ Dois exemplos característicos que Frota (2000) fornece na sua obra são a tradução de “picking up pieces” e de “rocking chair”. No primeiro exemplo, a tradutora traduz “picking up” como “colando”, devido à memória que tinha de sua mãe a colar cacos de bolo com o glacê (cf. Frota 2000: 24). No segundo exemplo, a palavra “rocking chair”, na canção “Enjoy yourself, it’s later than you think”, foi traduzida por “cadeira de rodas”, devido à experiência de vida da tradutora – quase todos os seus familiares idosos tinham terminado as suas vidas em cadeiras de rodas. Cf. Frota (2000: 205).

“A recepção de traduções (...) de um modo geral obedece à lógica binária do certo/errado, do bom/ruim. No que diz respeito aos possíveis fatores vistos como causa dos materiais textuais assim avaliados, não se costuma ir além da ignorância/familiaridade relativamente aos valores (...) prestigiados por aquele que ocupa o lugar de leitor, revisor ou crítico.” (Frota 2000: 237)

Porém, assumindo que é necessário um elevado grau de familiaridade para reconhecer as revelações inconscientes na escrita do tradutor, podemos concluir que uma distinção entre lapso e singularidade se torna inviável. Deve ser acrescentado que as singularidades podem ser reconhecidas e explicadas pelo próprio autor (cf. Frota 2000: 205). O crítico, apesar de saber da sua existência, não consegue reconhecer as singularidades, confundindo, portanto, erro e singularidade. Apesar da dificuldade de identificação de singularidades por parte do crítico, a noção de singularidade deve ser respeitada e tida em mente durante todo o processo de análise e deverá ser um fator relevante na avaliação geral da tradução. Especialmente tendo em conta que será na fase do confronto que as singularidades se tornarão visíveis para o crítico, que as poderá perceber como meros erros de tradução ou más escolhas tradutórias. No entanto, o crítico poderá ter suspeitas de eventuais singularidades, que poderá confirmar junto do tradutor. Deste modo, as singularidades desempenham um papel fundamental na tradução, na medida em que não podem ser vistas à luz de um mero erro de tradução, mas sim como a revelação do inconsciente do tradutor. O crítico deve, portanto, e sem perder a objetividade do seu trabalho, levar em consideração a singularidade do tradutor no momento da redação da crítica propriamente dita.

A leitura de Frota (2000) conduziu-nos até Pym (1992), que nos apresenta uma categorização baseada na noção de binariedade, em que distingue entre erro binário (*mistake*) e não-binário (*error*).

“(...) they should all involve selection from a potential TT series of more than one viable term. This is what I want to call the non-binarism of translational errors. A binary error opposes a wrong answer to the right answer; (...). For binarism, there is only right and wrong; for non-binarism there are at least two right answers and then the wrong ones.” (Pym 1992: 4)

Enquanto Pym (1992) recorre às denominações de erro binário e erro não-binário, nós decidimos adaptar a sua terminologia a fim de superar os problemas que a mesma nos levanta. Deste modo, optámos por falar de estruturas e não de erros, uma vez que são as estruturas que apresentam qualidades binárias ou não-binárias, ao passo que um erro é um erro.

Posto isto, uma estrutura binária é aquela em que não restam dúvidas, ou está certa ou está errada. Uma estrutura não-binária, deixando espaço para dúvidas, tem algumas opções erradas e pelo menos duas opções corretas. Pym (1992) caracteriza as estruturas não-binárias como sendo as mais interessantes, pelo menos no que diz respeito ao ensino da tradução, uma vez que abrem o caminho para a discussão de outras hipóteses de tradução. Frota (2000) afirma que o erro por ignorância é binário e que:

“(...) merece atenção nos estudos da tradução, sobretudo naqueles que se voltam para a crítica e a formação profissional na área.” (Frota 2000: 211)

O erro por ignorância é também abordado por Steiner (1975) quando fala das questões culturais que a tradução pode levantar. Devido às características multiculturais do *corpus* desta dissertação, este aspeto foi interessante para a análise do *corpus* e também para a experiência de tradução. O autor alerta para a especificidade cultural e para a necessidade de um elevado domínio linguístico, a fim de tornar possível a compreensão das componentes culturais de um dado texto-alvo ou de uma dada língua-alvo.

“Only time and native ground can provide a language with the interdependence of formal and semantic components which ‘translates’ culture into active life. It is the absence from them of any natural semantics of remembrance which disqualifies artificial languages from any but trivial *ad hoc* usage.” (Steiner 1975: 470)

A predisposição necessária para superar as dificuldades e questões culturais que a tradução de um determinado texto possa levantar é o domínio e o conhecimento da língua. Apenas o domínio da língua e da respetiva cultura poderá possibilitar a correta interpretação e conseqüente transposição. Por outras palavras, o autor estipula que o desconhecimento da língua, ou a ignorância, é uma das causas de traduções insatisfatórias ou erradas de provérbios, expressões, ditados etc.

Frota (2000) e Pym (1992) tiveram um papel fundamental no desenvolvimento de uma categorização viável a aplicar no processo de análise da tradução e na ênfase colocada nos respetivos erros.

O estudo da relação entre a tradução e as ciências cognitivas (cf. Pagano *et al* 2005) é de grande importância. Encontra-se especialmente desenvolvida a pesquisa sobre a tradução de metáforas¹⁸ e metonímias¹⁹. Ferreira (2007) postula e demonstra, através da análise da tradução de metáforas, que a tradução adequada das metáforas presentes num determinado texto-fonte assegura uma tradução conseguida, pelo menos, a nível comunicativo. Ferreira, Goldnabel e Krauspenhar (2007) analisam a tradução de metáforas em filmes alemães com o propósito de avaliar a importância que a Teoria da Metáfora Conceptual²⁰ poderá ter para os estudos de tradução. Os autores procuram recorrer a essa mesma teoria como instrumento de análise de traduções, com o objetivo de identificar e solucionar as dificuldades do tradutor no que diz respeito à tradução de metáforas.

Durante o processo de levantamento de estratégias de tradução para a construção do quadro teórico, Chesterman (1997) foi fulcral. Em *Memes of Translation*, Chesterman apresenta uma lista com dezenas de estratégias de tradução, seguidas das respetivas explicações, que divide em estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas. Podemos referir, a título de exemplo, a mudança de tropo, a mudança de nível e a mudança de ênfase. Esta lista foi o ponto de partida para pesquisas posteriores acerca de cada estratégia em particular, a fim de descobrir as definições e denominações a que outros autores recorreram, como é o caso de Newmark e Vinay e Darbelnet.

Vinay e Darbelnet (1958), tal como Newmark (1995), foram muito consultados durante a elaboração desta dissertação, especialmente durante a construção do quadro teórico, desempenhando um papel decisivo na recolha e definição das estratégias.

¹⁸ “Figura de retórica pela qual, em referência a uma pessoa, uma ideia ou um objecto, se emprega uma palavra ou uma frase que não lhe é literalmente aplicável. A metáfora é uma analogia implícita que, por um processo imaginativo, identifica uma coisa com outra.” (Shaw 1982: 296).

¹⁹ “Figura da linguagem que substitui o nome dum objecto ou duma ideia por outro relacionado com ele. Assim, dizer a «a coroa» ou «o ceptro» em vez de «o soberano»; «a cruz e a espada» em vez de «a religião e o exército»; «os copos» em vez de «as bebidas alcoólicas» são exemplos de metonímias. (Shaw 1982: 297).

²⁰ Teoria da área da linguística cognitiva que consiste, fundamentalmente, na perspectiva de que uma metáfora opera a nível conceptual. Cf. Lakoff e Johnson (1980); Evans e Green (2006).

Retomando a noção de equivalência,²¹ gostaríamos de voltar a Reiss (1971) e à equivalência funcional. Reiss (1971) defende que é necessário distinguir entre tipos de texto diferentes em função dos seus objetivos, uma vez que diferentes objetivos requerem diferentes estratégias de tradução. Como referido anteriormente, Reiss (1971) distingue entre textos informativos, que têm como objetivo veicular conteúdo, textos expressivos, que pretendem veicular conteúdo artisticamente organizado e textos operativos, que transmitem conteúdo com um carácter persuasivo. Desta forma, a equivalência funcional pretende assegurar que a função de um dado conteúdo é preservada durante o processo de tradução.

“(...) a) If the SL text is written to convey contents, these contents should also be conveyed in the TL text. (...) b) If the SL text is written in order to convey artistic contents, then the contents in the TL should be conveyed in an analogously artistic organization.” (Reiss 1971: 167)

A distinção por tipos de texto é um aspeto interessante que tivemos em consideração durante a elaboração desta dissertação. No entanto, não a incluímos no modelo de crítica que apresentamos nem no quadro teórico, por dois motivos. Em primeiro lugar, propusemo-nos criar o quadro teórico de estratégias de tradução, para facilitar a tarefa do tradutor. Assim sendo, ao incluir cada vez mais informação e distinções estaríamos a afastar-nos do objetivo. Em segundo lugar, e com base em Nord (2005), que, na construção de um modelo de análise textual para a tradução, afirma não ser necessária uma divisão por tipos de textos, julgamos não ser necessária essa distinção, uma vez que pretendemos construir um quadro que se aplique a um amplo conjunto de tipologias textuais dentro da área da tradução, mais especificamente, da tradução literária.

Gostaríamos agora de retomar os objetivos mencionados no início da reflexão teórica, a fim de os abordar de forma mais aprofundada. A ideia de criar um esboço para uma crítica de tradução surgiu após a leitura da obra de Berman (1995). Julgamos que a crítica tradutória é, de um modo geral, uma atividade pouco praticada, sobre a qual a literatura é relativamente escassa. A crítica de tradução é uma área que merece a atenção e o interesse de várias entidades e o seu desenvolvimento constituiria, do nosso ponto de vista, uma mais-valia. Isto porque, querendo ler um determinado autor estrangeiro, um leitor deveria poder determinar *a priori* se a tradução é conseguida ou, na eventualidade de existir mais

²¹Cf. p. 20 deste trabalho.

do que uma tradução, qual é a melhor. Deveria também ter a possibilidade de identificar quais os princípios em que se baseia a análise da tradução. As editoras poderiam igualmente tirar partido de uma prática mais assídua da crítica de tradução para determinar a qualidade dos seus tradutores. O autor da obra poderia assim saber e assegurar que as traduções das suas obras, que merecem a melhor aceitabilidade junto dos seus leitores, são de qualidade. Este é um aspeto muito importante a ter em consideração, uma vez que as repercussões de uma má tradução podem ser graves. A área da crítica de tradução merece um investimento que, por sua vez, pressupõe um investimento na avaliação e na qualidade das traduções²².

Procedemos à elaboração de um quadro teórico de estratégias de tradução, de modo a juntar, num mesmo suporte, a variada riqueza das estratégias e para permitir ao leitor, e a nós próprios em primeiro lugar, uma reflexão comparativa e global, embora tenhamos consciência de que o quadro que propomos não possa ser considerado um quadro exaustivo, nem isso se pretendia, mas um quadro aberto e em construção. Em primeiro lugar, julgámos que um quadro comum poderia constituir um objeto de apoio interessante para o tradutor no ato do exercício da tradução, tal como no ato da análise ou da crítica. Em segundo lugar, tendo em conta as várias estratégias de tradução e as inúmeras denominações e definições para elas existentes, acreditamos que o quadro poderá trazer algum contributo para a formação dos tradutores.

Para a construção do quadro teórico procedemos ao levantamento de estratégias de tradução junto de vários autores, sendo que o ponto de partida foi Schleiermacher (1813), uma das obras basilares da teoria da tradução. No entanto, foi Chesterman (1997) quem nos forneceu grande parte das estratégias presentes no quadro, lançando as bases para a nossa pesquisa. Os autores-chave foram, portanto, Schleiermacher (1813), Vinay e Darbelnet (1958), Berman (1985), Newmark (1995) e Chesterman (1997). Apesar de Berman (1985) não lhes chamar estratégias, decidimos incorporar as tendências deformantes no quadro, dado que a obra de Berman é uma obra de referência para os estudos de tradução em geral, e especificamente para a estrangeirização, ou, segundo Schleiermacher, o privilégio do autor sobre o leitor. Berman (1985) define doze tendências utilizadas pelos tradutores que

²² A Norma Europeia de Qualidade para Serviços de Tradução (EN-15038), que entrou em vigor em 2006, tem como objetivo estabelecer e definir pré-requisitos para assegurar a qualidade dos serviços de tradução. A norma abrange recursos humanos e técnicos, a gestão de projetos, os procedimentos e a definição dos termos, entre outros.

deformam o texto-alvo. Apesar de deformarem o texto, as tendências deformantes não podem ser categorizadas como sendo domesticantes na sua totalidade. Um enobrecimento do texto poderá não ser domesticante, embora acabe por adulterar o texto-fonte. Podemos, portanto, afirmar que a natureza das estratégias ou, neste caso, das tendências deformantes, depende do uso que o respetivo tradutor lhes dá. Deste modo, se o tradutor pretende domesticar o texto, empregará as estratégias e as tendências de forma a servir esse fim. Caso o tradutor queira enveredar pela vertente estrangeirante, irá moldar as estratégias e as tendências para cumprir esse objetivo. Existem, no entanto, estratégias estritamente estrangeirantes e domesticantes.

Para a construção do quadro que apresentamos de seguida foram selecionados alguns autores representativos das problemáticas que enunciamos. No entanto, dada a exuberância da literatura existente, não se pretende uma recolha exaustiva, mas um conjunto coerente e abrangente de estratégias que, de certa maneira, estejam, diretamente ou indiretamente, ligadas à reflexão crítica de tradução. Podemos, no entanto, afirmar que o processo de seleção foi difícil e cuidado e feito em função do material disponível e das definições de cada autor. A ideia geral do quadro é que este apresente os autores-chave e as principais estratégias de tradução, servindo de apoio e lançando as bases para a tradução propriamente dita e para um estudo mais organizado e aprofundado.

O quadro apresenta seis campos: *estratégia*, *referência*, *definição*, *citação*, *vertente* e *categorização*. Na versão presente no corpo do trabalho ocultámos os campos de *definição* e *citação* por motivos de espaço e inteligibilidade, sendo que a versão completa se encontra em anexo na página 211. No primeiro campo, o campo da *estratégia*, refletimos sobre a tradução da denominação em português, recorrendo à literatura existente em tradução. Em alguns casos, optámos por manter o nome da estratégia na língua original ou fazer, na maioria dos casos, decalques da outra língua. No campo da *referência*, indicamos por vezes mais do que um autor, a fim de proporcionar ao leitor uma maior amplitude de definições e encorajá-lo a fazer a sua própria pesquisa. Para cada uma das estratégias é facultada uma definição, por vezes acompanhada de exemplos, e, para uma melhor compreensão, optámos ainda por inserir uma citação do autor para cada estratégia citada. Por fim, as estratégias são distinguidas por vertente e categorização.

A vertente é uma distinção importante para a área da tradução que quisemos também integrar neste quadro teórico, com o propósito de o tornar o mais organizado possível, permitindo ao leitor uma perceção mais completa. Embora os autores utilizem uma terminologia diferenciada, propomo-nos categorizar as estratégias em estrangeirização/alteridade e domesticação/etnocentrismo para que o leitor se confronte com a diversidade terminológica existente e, ao mesmo tempo, com o florilégio da literatura que aborda alguns dos pontos em análise, mais especificamente as estratégias de tradução. No quadro encontram-se, no entanto, algumas estratégias de tradução sem indicação da vertente tradutória, uma vez que, no caso de algumas estratégias, a sua vertente depende do uso que o tradutor lhes dá. Ou seja, estratégias como a tradução literal²³, a mudança de estrutura sintagmática, a mudança de estrutura frásica, etc., não apresentam uma vertente definida, dependendo das preferências do tradutor que as emprega.

À semelhança da classificação dos problemas de tradução, a categorização será feita em quatro categorias diferentes: morfossintaxe, pragmática, semântica e léxico. Com a classificação das estratégias pretende-se tornar o quadro mais abrangente e preciso.

Por fim, optámos por organizar o quadro temporalmente, em função dos autores, dentro de cada estratégia, para proporcionar ao leitor uma melhor perceção e um entendimento histórico e cronológico.

²³ Na presente dissertação a “tradução literal” surge como estratégia e erro morfossintático e como estratégia e erro lexical. Assim, uma tradução literal surge como estratégia lexical quando se destina apenas à tradução de uma palavra ou expressão. Quando a tradução literal abrange mais elementos frásicos, categorizamo-la como estratégia morfossintática.

1.2 Estratégias de Tradução

Estratégia	Referência	Vertente	Categorização
Levar o autor ao leitor	SCHLEIERMACHER (1813)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Pragmática Semântica
Levar o leitor ao autor	SCHLEIERMACHER (1813)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe Pragmática Semântica
Empréstimo	VINAY e DARBELNET (1958)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Decalque/Calque	VINAY e DARBELNET (1958)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe
Decalque lexical	VINAY e DARBELNET (1958)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe
Decalque estrutural	VINAY e DARBELNET (1958)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Tradução literal	VINAY e DARBELNET (1958)	*	Léxico Morfossintaxe Semântica
	NEWMARK (1995)		
	CHESTERMAN (1997)		
Transposição	VINAY e DARBELNET (1958)	**	Léxico Morfossintaxe
	NEWMARK (1995)		
	CHESTERMAN (1997)		
Modulação	VINAY e DARBELNET (1958)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
Equivalência	VINAY e DARBELNET (1958)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica
	NEWMARK (1995)		

Adaptação	VINAY e DARBELNET (1958)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica
Racionalização	BERMAN (1985)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe
Clarificação	BERMAN (1985)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
Expansão	BERMAN (1985))	**	Morfossintaxe
Enobrecimento	BERMAN (1985)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Empobrecimento qualitativo	BERMAN (1985)	**	Léxico Semântica
Empobrecimento quantitativo	BERMAN (1985)	**	Léxico Semântica
Destruição dos ritmos	BERMAN (1985)	**	Léxico Morfossintaxe
Destruição de redes subjacentes de significação	BERMAN (1985)	**	Léxico Morfossintaxe
Destruição de padrões linguísticos	BERMAN (1985)	**	Morfossintaxe
Destruição de redes vernaculares ou a exotização das mesmas	BERMAN (1985)	*	Léxico Pragmática
Destruição de expressões e idiomatismos	BERMAN (1985)	*	Léxico Semântica
Apagamento da sobreposição das línguas	BERMAN (1985)	**	Morfossintaxe
Empréstimo, decalque	CHESTERMAN (1997)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Mudança do tipo de unidade	CHESTERMAN (1997)	*	Léxico Morfossintaxe

Mudança da estrutura sintagmática		CHESTERMAN (1997)	*	Morfossintaxe
Mudança da estrutura proposicional		CHESTERMAN (1997)	*	Morfossintaxe
Mudança da estrutura frásica		CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe
Mudança de coesão		CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe
Mudança de nível		CHESTERMAN (1997)	*	Léxico Morfossintaxe
Mudança de esquema retórico	<i>ST scheme X => TT scheme X</i>	CHESTERMAN (1997)	*	Morfossintaxe
	<i>ST scheme X => TT scheme Y</i>			
	<i>ST scheme X => TT scheme Ø</i>			
	<i>ST scheme Ø => TT scheme X</i>			
Sinonímia		NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica
		CHESTERMAN (1997)		
Antonímia		CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica
Hiponímia	ST superordinate => TT hyponym	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica
	ST hyponym => TT superordinate			
	ST hyponym X => TT hyponym Y			
"Converses"		CHESTERMAN (1997)	*	Léxico Pragmática Semântica
Mudança do grau de abstração		CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica

	Mudança distribucional	CHESTERMAN (1997)	Domesticante Etnocentrismo	Morfossintaxe Semântica
	Mudança de ênfase	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica
	Paráfrase	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
		CHESTERMAN (1997)		
Mudança de tropo	<i>ST trope X => TT trope X</i>	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
	<i>ST trope X => TT trope ∅</i>			
	<i>ST trope X => TT trope ∅</i>			
	<i>ST trope ∅ => TT trope X</i>			
	Outras mudanças semânticas	CHESTERMAN (1997)	*	Semântica
	Filtragem cultural	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Lexical Pragmática Semântica
	Mudança do grau de explicitação	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
	Mudança de informação	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
	Mudança interpessoal	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
	Mudança ilocutória	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
	Mudança de coerência	CHESTERMAN (1997)	*	Morfossintaxe Pragmática
	Tradução parcial	CHESTERMAN (1997)	Estrangeirização Alteridade	Pragmática

Mudança de visibilidade	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
<i>Transediting</i>	CHESTERMAN (1997)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Outras mudanças pragmáticas	CHESTERMAN (1997)	*	Pragmática
Transferência	NEWMARK (1995)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
<i>Through-Translation</i>	NEWMARK (1995)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Naturalização	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe
Equivalente funcional	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Equivalente descritivo	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Compensação	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Equivalente cultural	NEWMARK (1995)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica

*Estratégia maleável, cuja vertente depende do uso que o tradutor lhe dá.

** Estratégia que não apresenta vertente, tendo, no entanto, características deformantes.

Este quadro teórico foi crucial para o desenvolvimento da presente dissertação e constituiu o ponto de partida da nossa reflexão e, ao mesmo tempo, o fio de Ariadne que nos ajudou a traçar as grandes linhas diretrizes deste trabalho. Por um lado, porque a sua construção consolidou o nosso conhecimento sobre as estratégias de tradução e a tradução em geral; por outro lado, porque era necessário para a elaboração da análise do *corpus* e para a crítica de um modo geral. O quadro possibilitou uma identificação de estratégias de tradução mais eficiente e organizada, tendo sido também consultado durante a tradução, revisão e retradução²⁴ do terceiro capítulo do romance. Será também uma ferramenta importante para a identificação de eventuais padrões na utilização de estratégias de tradução no romance.

No próximo subcapítulo será feita uma apresentação do *corpus* a fim de familiarizar o leitor com a obra *The Kite Runner*, o autor Khaled Hosseini, o enredo e as principais características da narrativa. Para este efeito será também feito um breve resumo da obra. Seguir-se-á a análise do *corpus*, que, por outras palavras, consiste na análise da tradução do romance, onde será feita uma avaliação da mesma mediante a recolha e análise de vários exemplos.

Deste modo, o *corpus* servirá também como modo de verificação do quadro de estratégias, na medida em que esperamos poder identificar quais as estratégias de tradução utilizadas nas traduções menos bem-sucedidas e quais as estratégias utilizadas nas traduções bem-sucedidas. Por fim, o quadro será também um precioso documento de apoio para a elaboração de uma breve análise estatística dos dados acima referidos.

²⁴ O terceiro capítulo da obra do autor será objeto de três experiências. Em primeiro lugar, procederemos à tradução do terceiro capítulo. Em segundo lugar, iremos rever a tradução já existente com base na análise textual, a fim de eliminar as interferências presentes. Por fim, em terceiro lugar, iremos proceder a uma versão final que albergue as três versões existentes: a tradução M.K., a tradução S.G. e a revisão da tradução existente.

2. Apresentação e análise do *corpus*

2.1 Apresentação do *corpus*

The Kite Runner, *O Menino de Cabul* em português, é o primeiro romance de Khaled Hosseini. Conta-nos a história de Amir e Hassan, dois rapazes de etnias e estratos sociais diferentes que são inseparáveis até que um deles trai o outro e os mundos de ambos começam a desabar.

Deve ser explicitada a motivação por detrás da escolha do *corpus*. O romance de 2003 é um livro que muito apreciamos, pela história e pela forma como está escrito. Por isso, conhecemos a história e as personagens a fundo. Desta forma, julgámos que fosse um objeto de estudo interessante para esta dissertação por dois motivos: o conhecimento integral da obra permite um trabalho mais objetivo e determinado e permite-nos um desenvolvimento mais aprofundado do *corpus* em análise.

Khaled Hosseini nasceu em Cabul em 1965. O pai foi diplomata do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão e a mãe foi professora de persa. Em 1978, após uma estadia prolongada em França, a família não pôde regressar a Cabul devido à Revolução de Saur²⁵. Em 1980, após o início da Guerra do Afeganistão, recebeu asilo político dos Estados Unidos. Em 1988, o autor licenciou-se em Biologia pela Universidade de Santa Clara. Em 1993, Hosseini licenciou-se em Medicina e exerceu nos Estados Unidos até um ano e meio após ter publicado o seu primeiro romance. O romance foi traduzido para mais de quarenta línguas, entre as quais chinês, grego, japonês, turco, azerbaijanês e finlandês. Até à data publicou mais dois romances igualmente bem-sucedidos: *A Thousand Splendid Suns* (2007), *Mil Sóis Resplandecentes* (2008) na tradução portuguesa de Manuela Madureira e *And the Mountains Echoed* (2013), *E as Montanhas Ecoaram* (2013) na tradução portuguesa de Alberto Gomes e Manuel Alberto Vieira. O primeiro livro tem como foco principal personagens femininas e o seu papel na sociedade afegã. O segundo livro conta uma história em nove contos, narradas por diferentes personagens do romance, ilustrando diferentes perspetivas. Atualmente, Hosseini vive na Califórnia com a mulher Raya e os dois filhos, Haris e Farah.

The Kite Runner foi adaptado ao cinema em 2007 e nesse mesmo ano foi adaptado para o palco, pela Universidade Estadual de San Jose, e para audiolivro, lido pelo próprio autor. No

²⁵ Nome dado à tomada do poder pelos comunistas no Afeganistão a 27 de abril de 1978.

entanto, tanto no mundo lusófono como no anglófono a versão cinematográfica do romance não teve uma receção crítica muito positiva. O filme foi proibido no Afeganistão, mas, mesmo assim, a *Paramount Pictures* viu-se obrigada a retirar os quatro jovens atores afegãos (nos papéis de Assef, Amir, Hassan e Kamal) de Cabul, especialmente devido à cena de violação que surge no filme, tendo sido enviados para os Emirados Árabes Unidos por motivos de segurança.²⁶

Neste romance, Hosseini combina três elementos diferentes: o enredo propriamente dito, a história do Afeganistão e o conflito étnico entre hazaras²⁷ e pastós²⁸. Os dois últimos elementos foram inseridos no romance com o objetivo de dar a conhecer ao público anglófono a realidade, a história e a cultura afegã. Todos os elementos se encontram interligados. No entanto, o conflito étnico tem uma importância preponderante no enredo, uma vez que a personagem principal, Amir, que é também o narrador, filho pastó de um mercador rico e muito respeitado de Cabul (Baba), tem como melhor amigo Hassan, o filho hazara do criado de Baba. Devido a esta discrepância étnica e social, o comportamento de Amir perante Hassan apresenta várias facetas - amizade, irmandade, lealdade, superioridade – e a última, em conjunto com o desespero de agradar ao pai, leva Amir a trair a amizade de Hassan. Um acontecimento que irá persegui-lo durante toda a vida. Apesar do peso e da complexidade emocional constante no romance, a mensagem principal que transmite é de amor, redenção e perdão.

Um dos principais objetivos de Hosseini ao escrever o livro foi, como anteriormente mencionado, dar a conhecer a cultura afegã ao público anglófono. A obra surge num momento-chave: numa altura em que a relação entre os Estados Unidos e o mundo islâmico se encontrava muito abalada, pouco tempo após os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001. Deste modo, a intenção era dar a conhecer a realidade afegã para contrabalançar o sensacionalismo dos media, talvez como forma de mostrar que todos os mundos têm duas facetas e que também no Afeganistão foram muitos os que sofreram às mãos dos talibãs.

²⁶ Cf. Abdul Wafa. *The Kite Runner – Film outlawed in Afghanistan. The New York Times*.

²⁷ Povo de origem mongol que reside principalmente em Hazarajat, no centro do Afeganistão. Fala Hazaragi, um dialeto proveniente do Persa, sendo constituído maioritariamente por muçulmanos xiitas.

²⁸ Grupo étnico localizado principalmente no Sul e no leste do Afeganistão que se caracteriza pela língua própria (Pastó), sendo maioritariamente constituído por muçulmanos sunitas.

Hosseini optou por escrever o romance em inglês (levando, por assim dizer, o autor ao leitor)²⁹ e procedeu à introdução de palavras e expressões em pársi (levando o leitor ao autor)³⁰, que se encontram colocadas de forma a que o significado se entenda sem esforço, através do contexto. Por exemplo, na seguinte passagem “High on hashish and *mast* on French wine (...).”³¹ o leitor percebe, por associação, que a palavra em itálico significa estar embriagado. Nas situações em que uma explicação se torna necessária, Hosseini coloca-a no corpo do texto entre vírgulas ou pontos, sem por isso retirar fluidez ao texto – ““I think I have *Saratan.*” I said. Cancer.”³² - procedendo, assim, à tradução da língua, dentro do próprio texto, através da expansão/explicação. Estes são alguns dos aspetos que proporcionam à escrita de Khaled Hosseini a sua leveza. Outros são, por exemplo, o facto de não recorrer a notas de rodapé ou a glossários, a economia da escrita, o equilíbrio perfeito entre linguagem formal e informal e entre frases simples e complexas. Podemos observar algumas destas características no excerto seguinte:

“Never mind any of those things. Because history isn’t easy to overcome. Neither is religion. In the end, I was a Pashtun and he was a Hazara, I was Sunni and he was Shi’a, and nothing was ever going to change that. Nothing. (...). We’d run outside to watch the caravan plod through our street, men with dusty, weather-beaten faces and women dressed in long, colorful shawls, beads, and silver bracelets around their wrists and ankles.” (Hosseini 2003: 22).

O excerto apresenta um equilíbrio entre frases simples e complexas. O vocabulário é acessível, tornando o texto mais corrente e fluido. O uso dos adjetivos, apesar de ser frequente, não é excessivo.

É através do conjunto de todas as características já enumeradas que Hosseini cria a identidade da sua escrita e deste romance: a sobriedade e o modo despojado com que nos conta a história, colocando-a no centro das atenções.

²⁹ Encontramos aqui uma tendência de Schleiermacher: o privilégio do autor sobre o leitor. Cf. Schleiermacher (1813: 61).

³⁰ Encontramos aqui uma tendência de Schleiermacher: o privilégio do leitor sobre o autor. Cf. Schleiermacher (1813: 61).

³¹ Cf. Hosseini (2003: 21).

³² Cf. Hosseini (2003: 13).

Vejamos agora a forma como o romance foi recebido pelos compatriotas do autor. Hosseini relata que a reação mais frequente por parte de outros afegãos americanos fora acusarem-no de envergonhar os afegãos, sendo que aceitam a realidade que é relatada no romance, mas preferiam que tivesse permanecido oculta.

"They never say I am speaking about things that are untrue. Their beef is, 'Why do you have to talk about these things and embarrass us? Don't you love your country?'" (Young 2007)

Devido às semelhanças existentes entre as experiências de vida de Amir e de Khaled Hosseini - a carreira profissional de suas mães, o amor pela escrita e pela poesia, a visita a Cabul e o choque que causou - houve quem julgasse que a narrativa apresentava uma forte componente autobiográfica. O autor afirmou que as memórias da sua infância em Cabul influíram no romance e que, aliás, a escrita se transformou numa forma ou numa estratégia de enfrentamento³³.

"Survivor's guilt has been a major part of Hosseini's life. 'Whenever I read stories about Afghanistan my reaction was always tinged with guilt. A lot of my childhood friends had a very hard time. Some of our cousins died. One died in a fuel truck trying to escape Afghanistan [an incident that Hosseini fictionalizes in *The Kite Runner*]. Talk about guilt,' he says, arms folded, bent double as he remembers. 'He was one of the kids I grew up with flying kites. His father was shot.' Hosseini has channeled his emotion into his novels. 'It all comes out in my stories,' he says." (Young 2007).

The Kite Runner foi o primeiro livro afegão a ser escrito em inglês³⁴, sendo que existe uma edição árabe do mesmo livro. No entanto, há que ter em consideração que para Hosseini a língua inglesa não é materna, uma vez que apenas iniciou a sua aprendizagem aos 15 anos, quando imigrou para os EUA em 1980. Pode dizer-se que Hosseini se autotraduziu do árabe (língua-fonte) para o inglês (língua-alvo), encaminhando-nos para a questão da omnipresença da tradução.

³³ Mais comumente conhecido pelo seu termo Inglês "coping mechanism". Define os esforços cognitivos dispensados para resolver problemas e aguentar o *stress*. Cf. Matsumoto (2009: 156).

³⁴ Hill (2003).

“Não nos vemos nós frequentemente obrigados a começar por traduzir o discurso de alguém que, em tudo nosso igual, tem contudo uma sensibilidade e um ânimo diferentes dos nossos? Nomeadamente quando sentidos que as mesmas palavras na nossa boca teriam, um sentido muito diferente ou pelo menos aqui e além um valor mais forte ou mais fraco do que na boca desse outro, e que se quiséssemos exprimir a mesma opinião dele, nos havíamos de servir (...) de palavras e locuções inteiramente diferentes (...)”
(Schleiermacher 1813: 25)

Tentámos contactar o autor e a editora a fim de confirmar e encontrar respostas para a relação existente entre original e tradução. Para esse efeito preparámos um breve questionário com cinco perguntas relacionadas com a área da tradução, a importância da crítica de tradução e a omnipresença da tradução no romance autotradução do autor. No entanto, apenas fomos informados da indisponibilidade de Khaled Hosseini. A ausência de resultados é, neste caso, um resultado em si próprio, uma vez que demonstra a falta de interesse por parte de entidades que deveriam promover a crítica de tradução.

Por fim cabe acrescentar que Hosseini parece ter lançado as bases para outros autores, uma vez que em 2009 surgiu a autobiografia de Malaila Joya³⁵, *A Woman Amongst Warlords: The extraordinary story of an Afghan who dared to raise her voice*. O livro foi escrito em inglês em conjunto com o escritor canadiano Derrick O'Keefe.

Apresentamos de seguida o resumo da obra.

³⁵ Política, escritora e ativista afegã. Membro parlamentar da Assembleia Nacional do Afeganistão entre 2005-2007.

2.2 Resumo da obra

Amir, um rapaz afegão de 12 anos, vive em Cabul com o seu pai, Baba, e os dois criados Ali e Hassan. Amir e Hassan são os melhores amigos e passam muito tempo juntos. Baba é um mercador e empresário rico e respeitado, que trabalha muito, em conjunto com o seu grande amigo Rahim Khan. A mãe de Amir morreu durante o parto, um acontecimento pelo qual Amir se sente culpado. Baba e Amir não têm uma relação muito próxima, e Amir encontra-se constantemente à procura da aprovação e do afeto do pai, acabando quase sempre por ser rejeitado. No inverno de 1975, Amir decide participar no torneio de lançamento de papagaios para, ao trazer para casa o último papagaio derrotado, alcançar o orgulho do pai. Amir e Hassan participam juntos no torneio, cortam o cordel ao último concorrente e Hassan pronuncia as palavras mais marcantes do romance, “For you, a thousand times over”, antes de correr atrás do papagaio que flutua pela cidade. Amir segue Hassan pelas ruas de Cabul, mas perde-o. Quando o torna a encontrar, o rufia Assef e os seus companheiros encurralam Hassan, e tentam tirar-lhe o papagaio, mas Hassan resiste e paga o preço da sua lealdade: Assef viola-o. Espreitando por um beco, Amir assiste a tudo, sem intervir, e decide fugir antes que seja visto. Ao chegar a casa com o papagaio derrotado, Amir consegue finalmente ter o orgulho e a aprovação do seu pai. No entanto, a sua consciência está pesada, e tenta evitar Hassan a todo o custo. Por fim, Amir tenta incriminar Hassan acusando-o de ter roubado um relógio. Hassan, que contara tudo ao seu pai, Ali, assume as culpas perante Baba como último sacrifício por Amir. Hassan e Ali decidem partir e Baba fica destroçado. Em 1981 Baba e Amir fogem do Afeganistão devido à guerra e conseguem asilo nos Estados Unidos, onde Baba trabalha numa bomba de gasolina e Amir continua os estudos. Em 1983 Amir começa a estudar Escrita Criativa na universidade. É nesse ano que Amir conhece Soraya Taheri, a sua futura esposa. Em 1985, é diagnosticado cancro a Baba, e ele morre pouco tempo depois, após o casamento de Amir e Soraya. A história continua com o telefonema de Rahim Khan em 2001, a pedir que Amir o visite no Afeganistão. Amir encontra Rahim Khan já muito velho e doente, também com cancro, e este conta-lhe o que sucedeu após a partida de Amir e Baba para os Estados Unidos. Amir descobre que Hassan era seu irmão e que, juntamente com a sua mulher, fora morto por talibãs, deixando um filho órfão, Sohrab. Rahim Khan, consciente de tudo, pede a Amir que salve Sohrab e que o leve consigo para os Estados Unidos. Amir promete fazê-lo, e quando encontra Sohrab, depara-se com Assef. Por fim, Amir consegue, após muita burocracia,

regressar aos Estados Unidos com Sohrab. O romance acaba com Amir e Sohrab a lançar papagaios no *Golden Gate Park*.

2.3 Análise do *corpus*

A análise de uma tradução consiste na avaliação aprofundada e objetiva das várias opções tradutórias tomadas e na categorização das mesmas, podendo ser categorizadas em primeiro plano como positivas ou negativas. De seguida, devem ser explicitadas as razões pelas quais uma opção é positiva ou negativa. Se for negativa, normalmente essas razões resultam de más escolhas de tradução, visíveis nos erros de tradução que devem ser identificados e, por sua vez, categorizados.

Um método interessante é-nos sugerido, como já referimos, por Pym (1992) que distingue entre erros binários (*mistake*) e não-binários (*error*).³⁶ Uma estrutura binária ocorre quando não há ambiguidade, quando algo ou está certo ou está errado. Para uma estrutura ser não-binária tem de haver pelo menos duas repostas certas e uma resposta errada.

“A binary error opposes a wrong answer to the right answer; non binarism requires that the TT actually selected be opposed to at least on further TT1 which could also have been selected, and then to possible wrong answers. For binarism, there is only right and wrong; for non-binarism there are at least two right answers and then the wrong ones. (...) binary errors were earning a simple line through them (“It’s wrong!”), whereas non-binary errors were graced with wavy or straight underlining and the need for further discussion (“It’s correct, but...”).” (Pym 1992: 5)

A categorização em estruturas binárias e não-binárias não pode ser aplicada na análise e na crítica da tradução de forma isolada. Ao categorizar um dado erro de tradução como sendo binário ou não-binário, não estamos a especificar a sua natureza. No entanto, há que reconhecer que se trata de uma proposta interessante que, acompanhada por outro sistema de categorização, pode ser uma mais-valia no processo de análise e crítica da tradução.

No âmbito da categorização dos erros de tradução, consultámos também Frota (2000) que distingue entre lapsos e singularidades, como já referimos anteriormente. Estas são as características e especificidades individuais de cada tradutor que entram no texto-alvo através do inconsciente e que, como tal, são invisíveis, na medida em que passam

³⁶ Como referido anteriormente, a terminologia de Pym (1992) levantou-nos alguns problemas, motivo pelo qual a adaptámos (Cf. p. 29 deste trabalho).

despercebidas ou são identificadas como erros de tradução. Aliás, as singularidades apenas são perceptíveis no confronto entre original e tradução. Assim sendo, as singularidades não são relevantes para a categorização. Porém não devem ser excluídas, uma vez que postulam um aspeto a ter em consideração no momento da avaliação geral da tradução.

A teoria do “skopos”, desenvolvida por Vermeer, também constitui um contributo interessante para a identificação de erros de tradução. Muito sucintamente, a teoria assenta no propósito e na função da tradução (cf. Reiss e Vermeer 1984). Trata-se de uma teoria funcionalista de tradução deveras debatida.

“Skopos theory focuses above all on the purpose of the translation, which determines the translation methods and strategies that are to be employed in order to produce a functionally adequate result.” (Munday 2001: 79)

Assim sendo, também o conceito de erro de tradução, tal como a identificação e a categorização do mesmo, dependerá igualmente do “skopos”. Por outras palavras, o propósito do texto-alvo define no que consiste um erro.

“This is why the definition of translation skopos is so important for each individual translation task. If, for example, the translation skopos requires the reproduction of the whole of the content, the smallest omission (...) is a translation error.” (Nord 2005: 187)

Procedamos então à definição do *skopos* da tradução do romance *The Kite Runner*. Poder-se-á dizer que o principal propósito do texto-alvo consiste na reprodução da narrativa do texto-fonte de forma a proporcionar, tanto quanto possível, a mesma experiência de leitura ao público anglófono e lusófono. No entanto, neste caso específico, e talvez de forma geral na área da tradução literária, esta definição de *skopos* não contribui para a identificação de erros de tradução, uma vez que é demasiado vaga. A análise do *skopos* de um texto-alvo que tenha requisitos funcionais mais específicos será, sem dúvida, uma mais-valia para a análise dos erros de tradução.

“This means that in my opinion *skopos* theory is not very useful for translation quality assessment.” (House 2015: 22)

Não existindo muita bibliografia em torno da categorização de erros de tradução³⁷ e tendo em conta que a singularidade de Frota (2000) não é aplicável e que o sistema binário de Pym (1992) é um pouco vago, optámos por propor um novo modelo teórico que resulta da comparação dos modelos já existentes. Assim sendo, recorreremos a uma categorização que se baseia em Frota (2000), em Pym (1992) e em designações comuns e sobre as quais há consenso. Delineámos quatro categorias: erros de natureza pragmática, lexical, semântica e sintática. Estas são também as categorias utilizadas para caracterizar as estratégias de tradução. Deste modo, recorreremos a Pym (1995) para fazer uma espécie de categorização preliminar dos erros de tradução, a Frota (2000) para refletir sobre a possibilidade de alguns erros serem, na verdade, singularidades e às quatro categorias acima mencionadas para uma categorização mais aprofundada e específica.

De um modo geral, podemos dizer que, à primeira vista, a tradução é convincente. Isto porque, ao folhear a tradução, ela parece cumprir as características principais do original. Poder-se-ia dar como exemplo o título cativante, *The Kite Runner*; as palavras e expressões em pársi³⁸, como por exemplo, “*naan*”, “*Jadi*”, “*kaka*”, “*saratan*”, “*kunis*”, “*morgh*”, “*quaom*”, entre outros; e a manutenção dos nomes - Baba, Rahim Khan, Amir, Hassan, Assef, Ali, etc. - e das alcunhas das personagens – Amir *agha*, Babalu, Jan. Porém, ao analisar a tradução de forma mais minuciosa deparámo-nos com alguns aspetos que podem, e devem, em muitos casos, ser melhorados.

Começamos pelo elemento mais óbvio, o título. *The Kite Runner* não é um título fácil de traduzir, especialmente por representar uma forte tradição³⁹ afegã e por ser uma imagem importante e recorrente do livro. No Brasil optou-se pela tradução literal, *O Caçador de Pipas*. Se essa mesma opção tivesse sido mantida no português europeu a tradução teria sido “O Caçador de Papagaios”, resultando num título enganador para o leitor, dada a polissemia e a possibilidade de o título ser processado de forma literal ou de forma metafórica - (um indivíduo que caça papagaios). A opção de tradução seguida no português europeu é, do nosso ponto de vista, a mais sensata, pois preserva a coerência contextual. Recorreu-se a estratégias de interpretação e criatividade de forma a proporcionar ao leitor

³⁷ Embora existam alguns textos fundamentais sobre a análise de erros linguísticos. No entanto, essa abordagem não vai ao encontro da perspetiva desta dissertação.

³⁸ Nome indígena para a língua persa.

³⁹ O lançamento de papagaios, que consiste, maioritariamente, na participação em torneios em que o objetivo é cortar os fios dos papagaios concorrentes.

do texto-alvo um título cativante, atrativo e coerente – *O Menino de Cabul* – que permite situar a narrativa. Porém, deve ser mencionado que esta tradução altera o foco do título, tornando-o ambíguo. Isto é, o título original refere-se à personagem de Hassan enquanto a tradução portuguesa tanto se poderá referir a Hassan como a Amir ou *Sohrab*. Esta ambiguidade tem uma implicação considerável na totalidade da leitura do texto, uma vez que o título original, ao referir-se a Hassan, aponta, de imediato, um foco especial a essa personagem. Porém, a ambiguidade da tradução portuguesa faz com que o leitor possa eleger o “seu” menino de Cabul.

O romance apresenta uma forte vertente estrangeirante, visível, por exemplo, nas palavras e expressões em pársi introduzidas no corpo do texto em itálico⁴⁰, nos nomes das personagens, nas tradições e nos valores afegãos apresentados. Trata-se de uma obra que pretende, tal como mencionámos anteriormente, familiarizar o seu público com o contexto sociocultural e histórico do Afeganistão. Como tal, estamos perante um aspeto deveras importante da obra, a ter em consideração durante o processo de tradução. Esta vertente estrangeirante foi mantida na tradução portuguesa, por exemplo, através da manutenção das palavras e expressões em pársi.

““I think I have *saratan*”, I said.” (13)

“Acho que estou com *saratan* — anunciei.” (23)

“(…) buying fresh *naan* from the bazar (…).” (24)

“(…) ir comprar *naan* fresco ao bazar (…).” (34)

“Good morning, *kunis!*” (34)

“Bom dia, *kunis!*” (45)

“(…) man to man, *mard* to *mard*.” (35)

“(…) de homem para homem, *mard* para *mard*.” (46)

“His people pollute our homeland, our *watan*.” (35)

“O povo dele polui a nossa pátria, a nossa *watan*.” (46)

“To rid Afghanistan of all the dirty, *kasseef* Hazaras.” (36)

“Que expulse do Afeganistão os porcos, os *kasseef* dos hazaras.” (47)

⁴⁰ A utilização do itálico tem dois objetivos principais na narrativa. Por um lado, destaca as palavras em pársi. Por outro lado, destaca as palavras às quais o autor pretendeu dar ênfase.

Tendo em conta que o autor inseriu no texto original expressões estrangeiras e itálicas, o tradutor não devia ter legitimidade para apagar essa característica da escrita do autor. No entanto, observámos que há algumas incoerências e inconsistências na tradução em relação a este aspeto em particular. Referimo-nos a situações em que o itálico não foi mantido:

“(...) leave me to wonder why it was *always* grown-ups’ time with him.” (4)
“(...) ficava a pensar porque seria que com ele era tudo sempre para os crescidos.” (14)

“In Kabul, fighting kites *was* a little like going to war.” (43)
“Em Cabul, ir lançar papagaios era um pouco como ir à guerra.” (54)

“How can you *know*?” (47)
“Mas sabes como?” (58)

“We sat there, two boys under a sour cherry tree, suddenly looking, *really* looking, at each other.” (47)
“Ali estávamos, dois rapazes na base de uma ginjeira, a olhar, mas a olhar mesmo, um para o outro.” (59)

“(...) I *like* where I live.” (51)
“(...) gosto de morar onde moro.” (63)

“I found Rahim Khan praying *namaz* in a corner of the room.” (199)
“Encontrei Rahim Khan a rezar namaz num canto da sala.” (210);

a expressão ou palavra em itálico foi traduzida:

“(...) families snacked on *samosas* and *pakor*as.” (279)
“(...) famílias comiam chamuças e *pakor*as.” (288)

ou a mesma expressão ou palavra numa passagem é traduzida e noutra é colocada em itálico:

“*Não*, Amir Agha.” (36)
“*Nay*, prefiro ir sozinho.” (180).
“*Nay*, é pior.” (186)

A palavra ou expressão “*nay*” traz consigo uma questão importante. Na tradução, esta surge em itálico, ignorando as incongruências acima referidas. O autor e a tradutora recorrem à utilização do itálico para destacar as palavras e as expressões pársi. No entanto, o autor não colocou “*nay*” em itálico, uma vez que se trata de uma expressão da língua inglesa. Porém, a

tradutora assumiu tratar-se de uma palavra do léxico pársi, ignorando o facto de esta não se encontrar em itálico no texto-fonte. Deste modo, a tradução S.G. apresenta uma palavra inglesa como sendo pársi, um erro que se relaciona de forma clara com as afirmações de Steiner sobre o (des)conhecimento da língua (cf. p. 29 e 30 deste trabalho). Este erro ocorre com alguma frequência, uma vez que “Nay” é uma expressão recorrente em todo o romance.

As expressões em itálico servem o propósito de familiarizar o público-alvo com a cultura afegã e especialmente com a língua pársi. Khaled Hosseini não julgou que fosse necessário introduzir notas de rodapé ou explicações extensas para estas palavras estrangeiras, permitindo uma divulgação da cultura-fonte. No entanto, na tradução procedeu-se à introdução de três notas de rodapé:

“(...) Lollywood movie posters (...)” (196)

“(...) cartazes de cinema de Lollywood³ (...)” (207)

³ Indústria cinematográfica no Paquistão. (NT)”

Aqui, estamos perante uma nota de rodapé que, dado que o público anglófono e o público lusófono têm o mesmo grau de familiaridade com a cultura afegã e que o próprio autor não julgou necessário inserir uma explicação do termo em questão, não é pertinente.

“We tried a drug called Clomiphene, and hMG, a series of shots (...)” (162)

“Experimentámos uma substância chamada clomifeno e HMG², uma série de injeções (...)” (176)

²Human menopausal gonadotropin, em português menotropina, substância usada para o tratamento de problemas de fertilidade. (NT)”

Este caso é mais difícil de avaliar, uma vez que poderíamos argumentar, por um lado, que o público lusófono não se encontra familiarizado com o termo “HMG”, e que, conseqüentemente, uma explicação seria pertinente. Por outro lado, “hMG” também não faz parte do léxico comum do público anglófono, sendo que, uma vez que o autor não julgou necessária a introdução de uma explicação, esta se torna desnecessária também na tradução. Deste modo, estamos perante uma estrutura não-binária, não há apenas certo ou errado. No entanto, devemos acrescentar que, optando por inserir uma nota de rodapé, esta deveria ser mais sucinta do que a que a tradução apresenta, visto que a informação de que a “substância [é] usada para o tratamento de problemas de fertilidade” é redundante, tendo em conta o enredo do romance.

“We’d spent six months in Peshawar waiting for the INS to issue our visas.” (113)
“Tínhamos passado seis meses em Peshawar à espera que o INS¹ nos desse os vistos.
(126)
“¹Serviço de Imigração e Naturalização. (NT)”

Neste exemplo, podemos observar uma situação em que a inserção de uma explicação é necessária. O público anglófono encontra-se familiarizado com o INS, mas o público lusófono não. Desta forma, a explicação torna-se pertinente. Será, no entanto, discutível se esta informação não deveria permanecer no corpo do texto, a fim de se enquadrar melhor na apresentação global da obra. Porém, talvez devesse ser mencionado que o INS (Immigration and Naturalization Service) era, antes da sua divisão em três repartições, o equivalente anglófono para o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras).

A linguagem da narrativa, apesar de recorrer a um léxico acessível, apresenta um desafio para o tradutor, uma vez que este deverá captar o tom do original e as características da escrita do autor e tentar imitá-los na tradução. Neste aspeto, a tradução apresenta alguns problemas. A escrita de Hosseini identifica-se maioritariamente pela sua leveza, fluidez e sobriedade. Ao alterar o registo linguístico, a tradução torna-se pesada e densa, como o demonstram os seguintes excertos.

“But we were kids who had learned to crawl together, and no history, ethnicity, society, or religion was going to change that either.” (22);

“Mas éramos crianças que tinham aprendido a gatinhar juntas e nem a história, nem a etnia, nem a religião iriam também mudar isso.” (33);

“Then he’d laugh at his own joke.” (172);

“Depois desatava a rir-se do seu próprio lugar-comum.” (185).

“(…) I thought of the way dappled sunlight had danced in Soraya’s eyes (…).” (130)

“(…) pensei no modo como o sol, filtrado pelas árvores, dançava nos olhos de Soraya (…).” (144)

No primeiro exemplo, a tradução portuguesa está, na parte sublinhada, muito densa devido à manutenção da palavra “também”, que é desnecessária. No segundo exemplo, o equivalente escolhido para “joke” é uma expressão pouco corrente, que tira a simplicidade à frase. “Lugar-comum” é um substantivo masculino utilizado em português para definir (i) trivialidade, (ii) banalidade, (iii) cliché, (iv) chavão (cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*

Contemporânea: 2307). Deste modo, podemos observar que “lugar-comum” não é uma tradução apropriada de “joke”, sendo que se poderia traduzir por “piada” ou “brincadeira”, preservando assim o estilo do autor. No último exemplo, estamos perante uma opção não-binária, uma vez que traduzir “dappled”⁴¹ por “filtrado pelas árvores” não está propriamente errado. No entanto, resulta numa tradução densa que pode impedir uma leitura fluida da tradução e numa explicitação. Julgamos que existem outras opções que resultariam numa tradução mais adequada. Poder-se-ia traduzir “dappled” por “mosqueado” ou “sarapintado”, que são equivalentes da expressão inglesa e que transmitem o mesmo significado.

Há alguns momentos em que a tradução consegue recriar o registo simples e a fluidez geral da escrita de Hosseini. No entanto, a maior parte desses momentos ocorre em excertos que, no texto-fonte, se encontram num tom formal. Motivo pelo qual a tradução acaba, muitas vezes, por não preservar o tom geral da obra.

“(…) this despite the fact that their family somehow managed to obtain them exemptions from the draft.” (21);

“(…) isso apesar de a família deles ter conseguido, não sei como, livrá-los da tropa.” (32).

Ainda em relação a questões de registo, deve ser mencionado que a tradução recorre a eufemismos⁴² sempre que a linguagem se torna mais vulgar ou contém alusões sexuais. No entanto, estas expressões cruas fazem parte da realidade que o autor pretende transmitir. São exemplos do que acabámos de referir os enunciados seguintes:

“Fuck the Russia!” (115)

“A Rússia que vá para o raio que a parta!” (129)

“I took her from behind by that creek over there.” (6)

“Fartei-me de levá-la para ali, para trás do ribeiro.” (17)

“What a tight little sugary cunt she had!” (7)

“Mas que coisinha mais boa e apertada que ela tinha!” (17)

⁴¹ “(...) Variegated, become variegated, with rounded spots of colour or shade.” Cf. *The Concise Oxford Dictionary* (1934: 286).

⁴² Figura de estilo a que se recorre para atenuar ideias desagradáveis (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*).

O primeiro exemplo corresponde a uma fala de Baba, em que este se encontra revoltado. A tradução mais acertada em termos linguísticos seria “A Rússia que se foda”, no entanto, a opção tomada pela tradutora não está errada, uma vez que a mensagem da fala (a raiva e o descontentamento de Baba) se mantém. Trata-se, portanto, de uma estrutura não-binária⁴³. No entanto, ao apagar a carga semântica da expressão, a tradução passa por um filtro que neutraliza a sua força e expressividade.

No segundo excerto, a tradução encontra-se tão eufemizada que o sentido do original já mal está presente. Ou seja, o leitor do texto-alvo poderá nem perceber que está perante uma alusão sexual. A tradução adequada seria “Dei-lhe por trás ao pé daquele ribeiro ali”.

A tradução de “cunt” também consiste num eufemismo, sendo que “coisinha” não tem o impacto pretendido pelo vocabulário presente no excerto original. Aqui a tradução seria mais indicada recorrendo ao uso de um difemismo⁴⁴, como por exemplo, “cona”.

Porém, deve ser mencionado que, muitas vezes, as editoras têm restrições em relação a este tipo de linguagem, forçando o tradutor a recorrer a eufemismos. Por vezes, as editoras ou empresas poderão dar recomendações ao tradutor sob forma de livro de estilo.

A nível lexical, a tradução levanta algumas questões, entre as quais se destacam aquelas que podem ser denominadas de erros binários. Ou seja, aquelas situações em que a tradução não está correta. Entre os erros de natureza lexical encontram-se aqueles que surgem devido ao facto de a tradutora ter traduzido palavra por palavra, resultando numa forte literalização:

“(…) blades of grass (…).” (24)

“(…) lâminas de relva (…).” (35)

“(…) Hassan had the runs.” (12)

“(…) Hassan tinha ido fazer recados.” (22)

A tradução literal, tal como qualquer outra estratégia, não é a estratégia certa para todas as traduções, sendo necessário adequar as estratégias ao texto-fonte e ao excerto em questão.

⁴³ Cf. Pym (1992).

⁴⁴ Palavra ou expressão utilizada em vez de uma mais neutra. Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001).

Quando a tradução literal é utilizada em situações ou estruturas menos propícias, a tradução resultante pode não ser satisfatória. Os excertos acima apresentados são exemplos disso. Podemos ainda observar que o primeiro exemplo parece ter passado por um processo mais literal do que o segundo.

De natureza lexical é também o seguinte exemplo, que se deve, a nosso ver, a uma pesquisa inacabada, resultando numa tradução errada:

“Hassan and I looked at each other. Cracked up.” (45)

“Hassan e eu olhámos um para o outro. Furiosos.” (56)

Em todos os exemplos de natureza lexical apresentados se encontram erros binários. No primeiro exemplo é introduzida uma colocação na língua-alvo que não existe, sendo que uma tradução possível seria “ervinhas” ou “rebentos de relva”. No segundo exemplo estamos perante uma interpretação errada da expressão presente, que se deve, presumivelmente, ao desconhecimento da expressão por parte da tradutora. “To have the runs” significa “ter diarreia”. No terceiro exemplo, estamos perante um caso de desconhecimento linguístico, uma vez que “cracked up” tem apenas três significados possíveis,⁴⁵ sendo que “estar furioso” não é um deles. A tradução mais acertada será “Desatámos a rir”.

De entre os erros de natureza lexical encontram-se também problemas ligados às colocações⁴⁶ que causam estranheza, como podemos observar nos seguintes exemplos.

“Just before sunrise (...).” (32)

“Pouco antes de o dia nascer (...).” (43)

“People gathered (...).” (45)

“As pessoas aglomeravam-se (...).” (56)

“(...) wrapped in naan.” (12)

“(...) entre duas fatias de naan.” (22)

⁴⁵ “crack up” 1. Ir-se abaixo; ter um colapso (nervoso ou físico); 2. rir a bandeiras despregadas; 3. abrir fendas. Cf. *Dicionário Inglês-Português* (2011: 199).

⁴⁶ “(...) characteristic word combinations which have developed an idiomatic semantic relation based on their frequent co-occurrence. Collocations are, therefore, primarily semantically (not grammatically) based, e.g. dog: bark, dark: night.” (Bussmann 1996: 200).

“(...) just before noon the next day.” (16)

“(...) antes da manhã seguinte terminar.” (26)

“(...) through the crowded Pashtunistan Square.” (226)

“(...) a apinhada Praça Pashtunistan (...)” (236)

“The streets glistened with fresh snow (...)” (53)

“As ruas cintilavam com a neve que acabara de cair (...)” (65)

“I am indebted to the following (...)” (vii)

“Agradeço reconhecido aos seguintes (...)” (9)

“(...) as he drove in silence.” (19)

“(...) sem dizer palavra.” (29)

“I’d rol from side to side (...)” (43)

“Rebolava-me na cama (...)” (54)

Estamos, tal como podemos observar, perante exemplos em que as colocações escolhidas durante o processo de tradução resultaram em opções que causam estranheza ao leitor. No primeiro exemplo, a tradutora poderia ter escolhido a expressão “nascer do sol”, sendo que “nascer do dia” não será, neste contexto, a melhor solução de tradução. *Naan* é um tipo de pão de formato circular e plano proveniente da Índia. Considerando as características referidas, é estranho falar-se em “fatias” de *naan*, especialmente tendo em conta que no texto-fonte o autor não faz referência à forma, afirmando apenas que os ingredientes se encontram envolvidos em *naan*.

Os outros problemas lexicais decorrem, na sua grande maioria, de situações em que o equivalente escolhido pela tradutora não aparenta ser o mais adequado. Por exemplo:

“(...) shortly before he and I fled Kabul.” (173)

“(...) antes de ele e eu deixármos Cabul.” (186)

“I thought about (...)” (168)

“Recordei o que (...)” (180)

“(...) through the window (...)” (43)

“(...) pela vidraça.” (54)

“(...) was undeniably the highlight of the cold season.” (43)

“(...) era sem dúvida o expoente máximo da estação fria.” (54)

“(...) we had to make our own string (...)” (44)

“(...) tínhamos que preparar o nosso próprio cordel (...)” (55)

“That summer of 1983 (...)” (114)

“No verão de 1983 (...)” (127)

„(...) which I was probably going to do anyway.” (175)

“(...) eu ia com certeza acabar (...)” (188)

“I remembered Peshawar pretty well (...)” (170)

“Eu lembrava-me perfeitamente (...)” (183)

“(...) that my garrulous driver referred to as “Afghan Town”.” (171)

“(...) que o meu loquaz condutor designou de «cidade afegã».” (184)

“I thought about the last time (...)” (171)

“Lembrei-me da última vez (...)” (184)

“(...) Ali had married his cousin to help restore some honour to his uncles blemished name (...)” (9)

“(...) Ali casara com a prima para limpar a honra do nome do tio (...)” (19)

Ao traduzir “fled” por “deixar” perde-se a conotação da pressa e do perigo que uma situação em tempo de guerra acarreta. Desta forma, a tradução mais acertada seria “fugirmos”.

No segundo exemplo, Amir está a refletir sobre uma frase que Rahim Khan lhe disse ao telefone. O verbo “recordar” não tem essa conotação e, portanto, a tradução mais fidedigna seria “Pensei no que (...)”. Similarmente, em “I thought of”, no penúltimo exemplo, Amir está a pensar ativamente na última vez que viu Rahim Khan. Ao traduzir por “lembrei-me” é transmitida, automaticamente, a ideia de que foi uma memória que veio ao de cima.

A tradução de “highlight” por “expoente máximo” é uma opção não-binária, uma vez que não está errada. No entanto, poder-se-ia traduzir por “ponto alto”, tornando o registo mais adequado ao léxico de um rapaz pré-adolescente.

Ao traduzir “that summer” por “no verão” perde-se a *nuance* de especificidade e de continuidade. A tradução mais correta seria “nesse verão”.

No último exemplo, a tradução portuguesa causa estranheza desnecessária, sendo que “limpar” não é a tradução mais apropriada para “restore”. Recorrendo à tradução literal “restaurar alguma honra”, a tradução teria sido mais bem-sucedida e menos estranha.

É visível na tradução que se procedeu a inúmeras alterações de natureza pragmática, das quais se destacam as mudanças de informação por omissão e adição, tal como as mudanças do grau de explicitação. São exemplos de adição:

“Their father argued (...).” (21)

“O pai ainda tentou argumentar (...).” (32)

“(...) on the dining table.” (23)

“(...) em cima da mesa da casa de jantar.” (34)

“(...) and his running footsteps pounced the stairs.” (32)

“(...) e ouviram-se os seus passos correr escada acima, pisando com força os degraus.” (43)

“People spoke of woman’s rights and modern technology.” (38)

“Ouvia-se falar em coisas como direitos das mulheres e tecnologia moderna.” (49)

“(...) and played with dyed hard-boiled eggs.” (38)

“(...) e brincavam com ovos cozidos, os quais tinham a casca pintada de várias cores.” (49)

São exemplos de explicitação:

“We went to the bazaar and bought bamboo, glue (...).” (44)

“Íamos ao bazar e comprávamos canas de bambu, cola (...).” (55)

“Not welcome anymore.” (111)

“Não bem-vindos nesta casa.” (124)

“(...) to pass that longest of nights.” (125)

„(...) para ajudar a passar essa noite tão comprida.” (138)

“(...) every night of the week became a *yelda* for me.” (125)

“(...) todas as noites da semana passaram para mim a ser noites de yelda.” (138)

“(...) but he bit into a peach and waved his hand.” (130)

“(...) mas ele trincou um pêsego e mandou-me calar com um gesto.” (144)

No entanto, a grande maioria das mudanças de informação ocorreram através de pequenas omissões, que podemos observar nos exemplos seguintes:

“(...) and told the other servants (...).” (21)

“(...) dizendo aos criados (...).” (32)

“(...) listen to the muffled stillness broken only (...).” (42)

“(...) ouço o silêncio quebrado apenas (...).” (53)

"Sometimes I wished he wouldn't do that." (45)

"Eu não queria que ele fizesse isso." (56)

"(...) was always my idea." (14)

"(...) era ideia minha." (4)

"(...) and just five days later, she was gone." (9)

"(...) cinco dias depois desapareceu." (19)

"I used to burry cotton wisps (...)." (12)

"Eu enfiava bolas de algodão (...)." (21)

"The news had reached Kabul and he called." (171)

"A notícia chegara a Cabul." (184)

"(...) I learned the lore of *yelda*, that bedeviled moths flung themselves (...)." (125)

"(...) me ensinou que na *yelda* as traças, atordoadas, se lançam (...)." (138)

"(...) Ali had married his cousin to help restore some honour to his uncles blemished name (...)." (9)

"(...) Ali casara com a prima para limpar a honra do nome do tio (...)." (19)

"No kid I knew ever (...)." (43)

"Nenhum miúdo alguma vez (...)." (53)

"(...) on the water where dozens of miniature boats." (167)

"(...) na água onde navegavam barcos em miniatura." (180)

"I spent most of the first twelve years of my life playing with Hassan." (22)

"Passei os meus primeiros doze anos da minha vida a brincar com Hassan." (33)

"Maybe I'll bring you one someday (...)." (129)

"Qualquer dia trago-te uma (...)." (142)

Existem exemplos mais fortes de omissão. Na seguinte tradução, por exemplo, a segunda e a terceira frases foram omitidas:

"Huddled together in the dining room and waiting for the sun to rise none of us had any notion that a way of life had ended. Our way of life. If not quite yet, then at least it was the beginning of the end. The end (...)." (32)

"Agarrados um ao outro na sala de jantar, à espera que o sol nascesse, nenhum de nós teve a noção de que uma certa forma de vida chegava ao fim. O fim (...)." (42)

Há várias razões que podem levar a omissões, entre elas a existência de dificuldades na tradução, a inatenção ou a prevenção de problemas de interpretação. No exemplo acima, julgamos que a resposta mais plausível seja que a tradutora procedeu à omissão das duas frases por não serem importantes para o enredo. Outro exemplo, mais característico, encontra-se no terceiro capítulo:

“The water was a deep blue and sunlight glittered on it’s looking glass-clear surface. On Fridays, the lake was bustling with families out for a day in the sun. But it was midweek and there was only Baba and me, us and a couple of longhaired, bearded tourists – “hippies”, I’d hear them called.” (12)

“À sexta-feira, o lago enchia-se de famílias que iam passar um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá se viam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – hippies era como lhes chamavam.” (22)

Tal como podemos observar, as partes sublinhadas a vermelho são aquelas que foram omitidas na tradução. No entanto, nesta passagem estamos perante mais do que um simples caso de omissão. A nosso ver, a tradutora deparou-se com uma dificuldade de tradução presente no primeiro sublinhado vermelho e recorreu a três tipos de estratégias a fim de a contornar. Procedeu a duas estratégias pragmáticas, a mudança de ordem de unidades textuais, como podemos observar nas frases/partes sublinhadas a azul e a amarelo, que foram invertidas, e a omissão propriamente dita. A nível sintático procedeu-se à reestruturação de parágrafos, igualmente visível nos sublinhados amarelos e azuis. Por fim, ocorreu uma mudança de ênfase, alcançada através da alteração de relevância, omitindo, por exemplo, a forma como o sol brilhava e o facto de a ação ocorrer a meio da semana.

Em relação a estes exemplos de omissão, cabe acrescentar que, da informação conseguida, não houve contacto entre a tradutora e o autor, sendo que esta omissão ocorreu sem o aval do autor.⁴⁷

No domínio dos erros de natureza sintática, o que mais ocorre são alterações de padrões de repetição e rítmicos. São exemplos disso:

“I thought about Hassan. Thought about Baba. Ali. Kabul. I thought of (...).” (2)

“Lembrei-me de Hassan. Lembrei-me de Baba. De Ali. De Cabul. Da minha (...).” (12)

⁴⁷ Na tradução portuguesa da obra *Il Nome Della Rosa* de Umberto Eco procedeu-se à omissão de inúmeras passagens em cooperação com o próprio autor.

“Hassan lost his less than a week after he was born. Lost her (...).” (6)

“Hassan perdeu a dele menos de uma semana depois de nascer. Ela teve (...).” (16)

“I loved wintertime in Kabul. I loved it for the (...).” (43)

“Eu adorava o inverno em Cabul. Por causa do (...).” (54)

As repetições e os padrões rítmicos são de grande importância, não para o enredo da narrativa, mas para o leitor, uma vez que assumem um papel que se assemelha ao de um refrão. Acresce que são uma característica da escrita de Hosseini e, ao apagá-la, dificulta-se a reprodução da linguagem geral e do tom da obra.

Outro tipo de erro que ocorre com alguma frequência deve-se, provavelmente, ao desconhecimento da história, retirando à narrativa e, conseqüentemente, ao leitor algumas *nuances* importantes. Por exemplo a tradução de “sneakers” por “pés” (p. 44) no seguinte excerto:

“Now he was walking towards us, hands on his hips, his sneakers kicking up little puffs of dust.” (34)

Para o leitor é importante saber que Hassan se encontra calçado e que tem ténis, um produto muito ocidental, uma vez que são numerosos aqueles que não possuem calçado. Por outras palavras, a menção dos ténis demonstra o seu estatuto social. A tradução por “pés” dá a entender que se encontrava descalço, o que seria sinal de pobreza.

A nível pragmático, a estratégia de tradução utilizada com mais frequência é, sem dúvida, a mudança de ênfase, como o ilustram os exemplos seguintes:

“After hearing the brothers' account (...).” (21)

“Depois de ouvir o relator dos jovens (...).” (32)

“Baba loved the idea of America.” (109)

“Baba adorava a ideia de viver na América.” (122)

“(...) I like where I live.” (51)

“(...) gosto de morar onde moro.” (63)

“(...) why it was always (...).” (4)

“(...) tudo sempre para (...).” (14)

“(...) to tutor him, but to be kind to him.” (21)

“(...) que o educassem, mas com brandura.” (32)

“(...) of the month of Jadi (...).” (125)

“(...) do mês de Jadi (...).” (138)

“(...) a “big-toothed cretin.” (110)

“(...) um idiota chapado.” (123)

“(...) as he drove in silence.” (19)

“(...) sem dizer palavra.” (29)

No primeiro enunciado, a tradutora, ao traduzir “brothers” por “jovens”, confere mais ênfase ao facto de os dois rapazes serem ainda jovens, enquanto o foco do original está no facto de serem irmãos. Estando perante uma estrutura binária, concluímos com facilidade que a tradução correta seria “irmãos”.

Nos exemplos dois, três e quatro trata-se do mesmo tipo de mudança de ênfase: a não-manutenção de um itálico. As respetivas palavras foram colocadas em itálico para dar ênfase. A sua manutenção parece-nos importante, a fim de salvaguardar as intenções do autor e a correta interpretação da história.

Na tradução do último excerto optou-se, em vez de traduzir, por descrever a palavra “silence”, mudando o enfoque da frase e tornando-a mais densa. A tradução mais correta e simples seria “em silêncio”.

Distrações como:

“Sacudi o pó do pódio livro (...).” (17)

“(...) se engole um bocado de casca de ovo ela sai no chichi.” (23)

“Baixei-me a apertei-a.” (208)

tornam evidente a falta de revisão final da tradução, tanto por parte do tradutor, como por parte da editora.

No entanto, a tradutora também apresenta soluções muito bem conseguidas em alguns momentos do exercício de tradução, como por exemplo:

“(...) and when he could talk again (...).” (23)

“(...) e quando conseguiu falar (...).” (34)

“Lore has it (...).” (11)

“Diz quem sabe (...).” (21)

“Need a CAT scan first (...).” (135)

“Primeiro tem de fazer uma TAC (...).” (148)

“(...) at Ohlone Junior College in Fremont.” (131)

“(...) no Ohlone Junior College em Fremont.” (144)

“(...) but we’d already made \$160.” (126)

“(...) mas já tínhamos feito cento e sessenta dólares.” (139)

“(...) for \$5, you could (...).” (127)

“(...) por cinco dólares, podíamos (...).” (140)

“(...) had offered three dollars for a five-dollar set (...).” (131)

“(...) ofereceu três dólares por uns castiçais de cinco dólares (...).” (145)

“(...) under a foot of snow.” (42)

“(...) por meio metro de neve.” (53)

No primeiro exemplo, a omissão de “again” foi positiva, uma vez que torna a frase mais curta e direta. No segundo excerto, a tradutora encontrou um equivalente satisfatório para a expressão original, sendo que traduziu uma fraseologia recorrente da cultura-fonte por uma equivalente na cultura-alvo.

Ao traduzir “CAT scan” por “TAC”, a tradutora encontrou o termo médico usado em Portugal para designar o mesmo procedimento, optando pela estratégia da equivalência. Deste modo, estamos perante uma opção binária, uma vez que apenas existia uma opção correta, que foi a da tradutora.

A tradutora optou por não traduzir o nome “Ohlone Junior College”. Poder-se-ia ter optado por uma estratégia domesticante, a fim de proporcionar ao público lusófono um termo mais comumente utilizado na língua portuguesa. A manutenção do nome em inglês preserva a vertente estrangeirante do próprio romance. Trata-se, assim, de uma boa opção de tradução.

Os exemplos seis, sete e oito revelam uma ocorrência interessante. A tradutora optou por não proceder a estratégias de filtragem cultural na tradução da moeda americana. Deste modo, traduziu-a pelo seu equivalente português “dólares”. Nos exemplos seis e sete, podemos, no entanto, observar que a tradutora procedeu igualmente a estratégias domesticantes de adaptação ao converter os algarismos “160” e “5” em números por extenso. Trata-se de uma estratégia de adaptação porque na língua portuguesa, em textos

deste género, é mais comum encontrar os números por extenso. Estamos, portanto, perante um exemplo perfeito em como um texto ou até mesmo uma frase, como neste caso, pode apresentar estratégias de tradução domesticantes e estrangeirantes (cf. p. 17 deste trabalho).

Por fim, traduzir “foot” por “meio metro” foi uma boa opção tradutória. Um “foot” corresponde a 0.3 metros, mas como essa tradução teria causado estranheza no texto-alvo, a tradutora arredondou para “meio metro”, salvaguardando a fluidez do texto. Deste modo, a tradutora recorreu à filtragem cultural, uma estratégia pragmática.

Dentro do domínio dos aspetos culturais, podemos ainda referir os seguintes exemplos:

“At parties, when all six-foot-five of him thundered into the room (...).” (11)
“Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa (...).”
(21)

Tal como no exemplo anterior, estamos perante uma boa solução tradutória, uma vez que o público lusófono não se encontra familiarizado com o sistema imperial de unidades, regendo-se pelo sistema métrico. Deste modo, recorrendo novamente à filtragem cultural, a tradutora converteu a medida “six-foot-five” numa medida reconhecível para o público lusófono. No entanto, “six-foot-five” corresponde a 1.98 metros (cf. conversor de medidas) e a tradutora arredondou o número para 1.90 para evitar estranheza. Porém, neste caso, poder-se-ia argumentar que o arredondamento, devido ao número elevado, deveria ter sido feito para dois metros.

“When I was in fifth grade (...).” (14)
“Quando eu estava no nono ano (...).” (24)

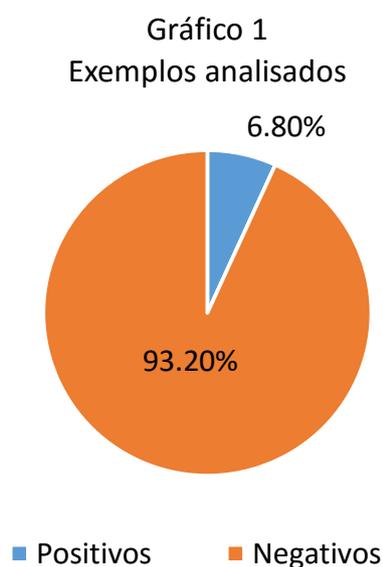
O sistema de ensino lusófono difere do sistema de ensino anglófono, motivo pelo qual é necessário fazer uma pesquisa sobre as respetivas diferenças, a fim de encontrar o equivalente cultural para proporcionar ao público lusófono uma tradução coerente. Nos Estados Unidos, uma criança que frequente o “fifth grade” tem entre nove e onze anos, o que corresponde, sensivelmente, ao quinto/sexto ano do ensino português. A tradução por “nono ano” fornece ao leitor a informação de que Amir tem, nessa altura, 14/15 anos, o que não é o caso. Desta forma, a tradução mais acertada seria “Quando eu estava no quinto ano”.

2.4 Análise estatística

Os dados apresentados no capítulo anterior correspondem apenas a uma parte do *corpus* recolhido durante a elaboração da dissertação. Assim, e a fim de fornecer uma outra perspetiva, procedemos a uma análise estatística que engloba um número mais significativo de exemplos, a totalidade do qual se encontra em anexo na página 195.

Os erros e as estratégias de tradução encontram-se aqui representados e divididos por categorias, com o propósito de identificar os tipos de erros que ocorreram com maior e menor frequência. As categorias “semântica”, “pragmática”, “morfofossintaxe” e “léxico” serão representadas de forma mais detalhada nos gráficos três, quatro, cinco e seis, a fim de identificar as subcategorias e a frequência com que as mesmas ocorrem.

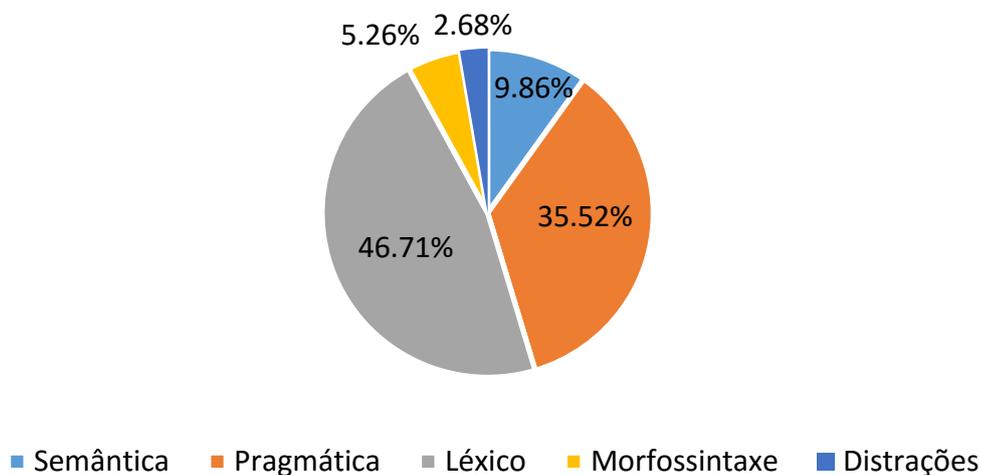
Em primeiro lugar, apresentamos um gráfico que ilustra a análise de todos os exemplos por exemplos positivos e negativos, ou seja, estratégias de tradução positivas e negativas.



Poder-se-á observar que no *corpus* analisado existe um elevado número de estratégias de tradução que resultaram em erros de tradução, correspondendo a mais de 90%. As estratégias positivas, resultando em traduções bem-conseguidas, correspondem a aproximadamente 7%.

O gráfico 2 dá conta da percentagem com que cada tipo de estratégias de tradução negativas ocorreu. Ou seja, demonstra também a natureza dos erros de tradução que ocorrem na tradução S. G., bem como a sua frequência.

Gráfico 2
Natureza dos erros de tradução

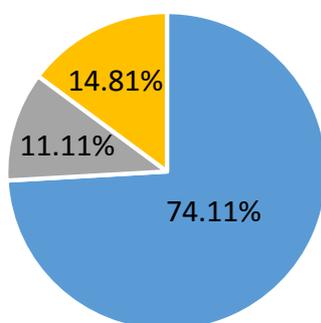


Os erros de natureza lexical e pragmática são aqueles que têm percentagens mais significativas, correspondendo a 46% e 35%, respetivamente. Os erros de natureza morfossintática e semântica ocorreram com pouca frequência, correspondendo a cerca de 15%. Assim, podemos concluir que as principais dificuldades que a tradutora experienciou durante o processo de tradução foram de natureza lexical e pragmática. O gráfico ilustra, simultaneamente, as estratégias de tradução mais utilizadas pela tradutora, uma vez que uma estratégia mal aplicada resulta, na maioria dos casos, num erro de tradução. Assim sendo, as estratégias mais utilizadas foram de natureza lexical e pragmática. Pode-se ainda acrescentar que cerca de 2% dos erros encontrados se enquadram na categoria “distrações”, e correspondem a erros que não foram resolvidos pela revisão.

Os quatro gráficos seguintes apresentam, de forma mais detalhada, as subcategorias - léxico, pragmática, semântica e morfossintaxe - em que ocorreram os erros de tradução. A pragmática é, depois do léxico, a categoria que apresenta um maior número de erros.

Com cinquenta e quatro ocorrências, os erros desta categoria correspondem a 35% de todos os erros de tradução encontrados durante a análise do *corpus*.

Gráfico 3
Pragmática

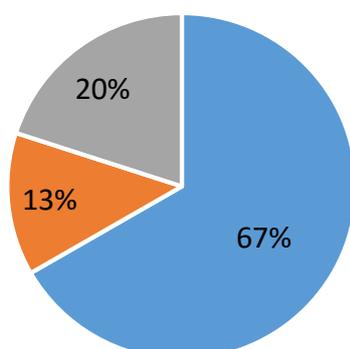


■ Mudança de informação ■ Mudança de registo ■ Mudança de grau de explicitação / implicação

Na categoria pragmática identificámos três tipos diferentes de erro, sendo que a mudança de informação foi o que ocorreu com maior frequência. Na mudança de informação, 55% correspondem a omissões e 22.5% a adições, sendo que os restantes 22.5% correspondem a outros tipos de mudança de informação. Segue-se a mudança de grau de explicitação e/ou implicação que ocorre em 15% dos erros de natureza pragmática. A mudança de registo ocorre em apenas 11% dos casos.

No gráfico 4 encontram-se representados os tipos de erros identificados dentro da categoria dos erros de natureza semântica e a frequência com que os mesmos ocorreram.

Gráfico 4
Semântica

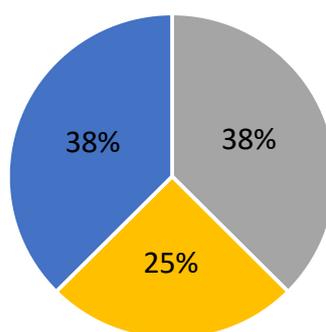


■ Mudança de ênfase ■ Paráfrase ■ Mudança de tropo

Tal como podemos observar, 67% dos erros de natureza semântica correspondem a mudanças de ênfase. A mudança de tropo ocorre em 20% dos exemplos analisados e a paráfrase em 13%. Assim, podemos concluir que, a nível semântico, a principal causa dos erros de tradução foi a aplicação da estratégia de tradução de mudança de ênfase.

O gráfico 5 apresenta as três subcategorias de erros de natureza morfossintática e a frequência com que ocorrem.

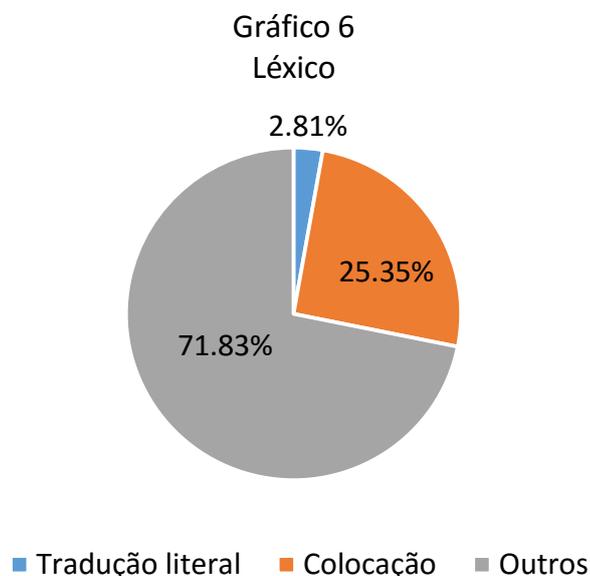
Gráfico 5
Morfossintaxe



- Alterações de padrões de repetição e rítmicos
- Mudança de tipo e organização de unidade
- Tradução literal

Os erros de natureza morfossintática são a categoria com menor representação, com apenas oito ocorrências no *corpus* por nós selecionado e analisado. Podemos observar que as três subcategorias se encontram relativamente equilibradas, sendo que as alterações de padrões de repetição e rítmicos e a tradução literal ocorrem em 38% dos casos. As mudanças de estrutura frásica ocorrem em 25% dos exemplos analisados, correspondendo a uma quarta parte.

O gráfico 6 apresenta a divisão dos erros de natureza lexical por três subcategorias distintas, “tradução literal”, “colocação” e “outros”. Sendo que a subcategoria “outros” diz respeito a erros de inadequação lexical.

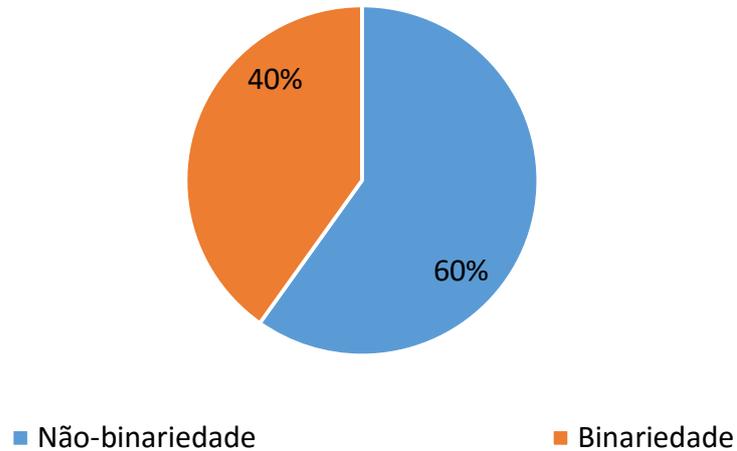


Os erros que resultam de estratégias de tradução literal são aqueles que menos ocorrem, correspondendo a apenas 2.81%. O *corpus* revela, no entanto, alguns problemas em relação a colocações, equivalendo a mais de 25% dos erros de natureza lexical. A grande maioria dos erros ocorreu na subcategoria “outros” que, como já referimos, diz respeito a erros de inadequação lexical, correspondendo a 71%.

Os dois últimos gráficos pretendem mostrar a natureza dos erros em termos de binariedade e as estratégias de tradução utilizadas nas opções tradutórias bem-sucedidas.

Retomando brevemente Pym (1995), analisámos as construções e opções tradutórias do *corpus* desta estatística, que engloba os exemplos apresentados no subcapítulo anterior, aquando da sua binariedade e não-binariedade. Recordemos que uma construção ou opção binária é aquela que, tal como o nome indica, apenas apresenta duas possibilidades - ou está certa ou errada. Quando uma construção ou opção de tradução é não-binária é discutível se estamos perante um erro ou não, uma vez que existe mais do que uma solução ou opção correta.

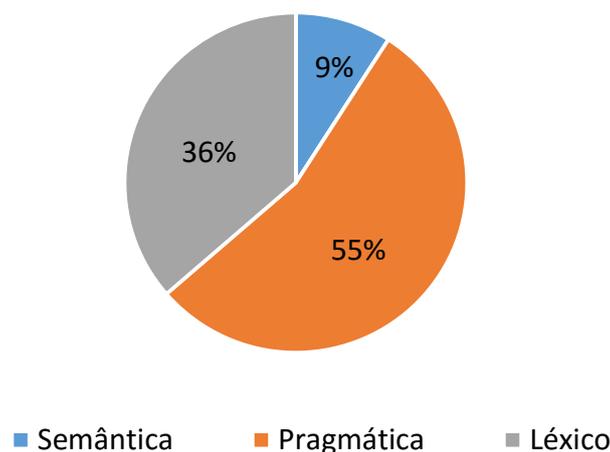
Gráfico 7
Binariedade e não-binariedade



O gráfico 7 demonstra que existe uma tendência para a não-binariedade, que é, segundo Pym (1995) a categoria mais interessante, uma vez que abre o caminho para o debate. No entanto, os erros binários ocorreram em 40% dos casos. Isto significa que em pouco menos de metade das construções analisadas não há dúvidas de que se trata de um erro de tradução, uma vez que existem apenas duas hipóteses: certo ou errado.

No oitavo e último gráfico encontram-se representadas as estratégias de tradução bem-sucedidas e a divisão das mesmas nas categorias “léxico”, “pragmática”, “morfossintaxe” e “semântica”.

Gráfico 8
Estratégias bem-sucedidas



A análise revelou, tal como podemos observar no gráfico 8, que as estratégias mais utilizadas foram, na sua maioria, de natureza pragmática. E as estratégias que menos resultaram em traduções bem-sucedidas foram as de natureza sintática e semântica. Ao comparar o gráfico 2 e o gráfico 8 podemos observar que a nível lexical ocorrem a maioria dos erros de tradução e 36% das soluções bem-conseguidas. Podemos observar também que a pragmática, que é a categoria em que ocorrem 35% dos erros de tradução, é também aquela que levou à grande maioria das soluções bem-conseguidas.

A análise estatística dos dados recolhidos durante a análise do *corpus* possibilitou uma nova perspetiva das opções de tradução positivas e negativas da tradução S.G. Os erros de tradução ocorreram principalmente na sequência de opções de tradução de natureza lexical e pragmática. Os erros de natureza pragmática ocorreram maioritariamente na subcategoria de “mudança de informação”, onde a “omissão” ocorreu em mais de metade dos casos analisados. Os erros de natureza lexical deveram-se, na sua grande maioria, a questões de adequação lexical de equivalentes. No entanto, as estratégias que levaram às opções de tradução bem-sucedidas são igualmente de natureza pragmática e lexical. A análise estatística revela, assim, uma tendência forte para a utilização de estratégias de tradução pragmáticas e lexicais, sendo que as estratégias menos utilizadas são aquelas que menos erros causaram (cf. gráfico 2 e gráfico 8). Podemos, então, concluir que os principais aspetos negativos da tradução S.G resultaram de omissões e de dificuldades de apropriação lexical.

3. Crítica de tradução

3.1 Esboço de uma crítica de tradução

A crítica de tradução é uma área pouco visível em Portugal, sendo que existem outros tipos de crítica que estão cada vez mais difundidos. Referimo-nos às críticas que se encontram maioritariamente em revistas e jornais, que abordaremos mais adiante, e que abrangem, de uma maneira geral, o cinema, a música e a literatura. A crítica, independentemente da área que abrange, é, a nosso ver, um instrumento importante, uma vez que proporciona às várias entidades (leitores, autores, espetadores, atores, etc.) a possibilidade de se informarem sobre a receção de um dado evento/obra.

No domínio da tradução, a crítica também teria um papel fulcral, uma vez que permitiria, como referimos anteriormente, uma avaliação qualitativa que seria de interesse para os autores, editores, tradutores e leitores da obra em questão, pois para todas estas entidades uma tradução qualitativamente inferior terá consequências indesejáveis – a não-recomendação da obra, a fraca divulgação, as más críticas, as vendas reduzidas, entre outros. Por outro lado, uma tradução qualitativamente superior deveria também ser alvo deste tipo de crítica, para obter mais divulgação e, conseqüentemente, mais mercado editorial.

É devido à quase inexistência de crítica de tradução e aos benefícios dela resultantes que decidimos incorporá-la nesta dissertação como ferramenta para trabalhar os resultados obtidos na análise da tradução. Porém, uma vez que a crítica de tradução não é comumente praticada, o material teórico sobre a mesma não é abundante. Por este motivo, e tal como foi referido anteriormente, a base para esta parte do trabalho foi a obra de Berman (1995), *Towards a Translation Criticism: John Donne*. No livro, Berman (1995) apresenta dois modelos de crítica já existentes. O modelo de Henri Meschonnic (1973) caracteriza-se pela rigorosa identificação de erros de tradução, sendo que assume a defesa do original (*source-oriented*). O modelo da Escola de Tel Aviv, onde se pratica uma análise neutra e objetiva (no entanto, defensora do texto-alvo – *target-oriented*), não permite efetuar uma crítica no verdadeiro sentido da palavra, uma vez que atribui, segundo Berman, a grande maioria dos erros encontrados às condições socio-históricas, culturais e ideológicas que influenciaram o processo de tradução. Por fim, Berman (1995) apresenta o seu próprio modelo de crítica de tradução que, por sua vez, serviu de base para o modelo que pretendemos desenvolver.

Durante a fase de recolha de materiais sobre crítica de tradução, foi em Frota (2000) que encontramos a referência a House (1977, 1997, 2015) e ao seu modelo de avaliação de qualidade de uma tradução. Antes de proceder à elaboração do seu próprio modelo, House (2015) enumera alguns autores que se dedicaram igualmente à questão da crítica de tradução. Entre eles destacam-se Koller (1974), van den Broeck (1985,1986) e Amman (1990).

Koller (1974), reconhecendo a necessidade de um modelo linguístico de avaliação de qualidade tradutória, formulou um modelo com três etapas que, segundo House (2015), não ultrapassou a fase da reflexão teórica, tendo sido apenas delineado. Em primeiro lugar, o crítico procederia à crítica do texto-fonte, tendo em vista a transferibilidade para a língua-alvo. Em segundo lugar, realizava-se a comparação tradutória, onde são descritos os métodos de tradução utilizados na produção da tradução em questão. Em terceiro lugar, o crítico procedia à avaliação da tradução como sendo “adequada” ou “inadequada”, tendo em conta os aspetos textuais específicos recolhidos numa primeira fase, que eram medidos em relação à capacidade de juízo metalinguístico de um falante nativo.

Van den Broeck (1985, 1986), à semelhança de Koller (1974), sugere um modelo tripartido que inclui uma análise contrastiva e pragmática do texto-fonte e do texto-alvo, que servirá de base para a avaliação crítica da tradução. Em primeiro lugar, o crítico procede à reconstrução hipotética das relações e funções internas do texto-fonte para a comparação com o texto-alvo. Aqui podem ser encontrados e identificados “textemes”⁴⁸, que indicam funções textuais. A análise de “textemes” engloba componentes fonéticas, lexicais e sintáticas, variedades linguísticas, estruturas narrativas e poéticas, entre outros. De seguida, os elementos do texto-alvo são comparados aos elementos correspondentes no texto-fonte. Aqui, Van den Broeck chama a atenção para mudanças (*shifts*), distinguindo entre mudanças obrigatórias (*obligatory shifts*), que se devem às regras do sistema linguístico e cultural da língua-alvo, e mudanças opcionais (cf. House 1997: 16). É interessante observar que Van den Broeck recorre, tal como Pym, a uma categorização binária dos erros de tradução.

Amman (1990) propõe um modelo e uma perspetiva orientada para o texto-alvo. A avaliação funcionalista que propõe consiste em cinco etapas. Deve-se determinar (1) a função da

⁴⁸ Correspondem às relações textuais ou funções textuais que emergem de um mesmo texto. Lamosa (2008) define-os como sendo “(...) signs that assume specific functions deriving from the special relationships they create within the text (...)”. Cf. Lamosa (2008: 314).

tradução; (2) a coerência intratextual da tradução; (3) a função do texto-fonte; (4) a coerência intratextual do texto-fonte; (5) a coerência intratextual entre a tradução e o texto-fonte, tanto a nível de conteúdo como de forma. A autora defende que, em primeiro lugar, é necessário avaliar a tradução como texto. Apenas depois deve ser feita a avaliação da tradução como sendo a tradução de um texto-alvo. O modelo que propomos apresenta algumas parecenças com o modelo de Amman (1990), sendo a mais significativa a afirmação da importância da elaboração de uma análise textual do texto-alvo.

Após a enumeração destes, e de outros, exemplos, House (2015) procede à introdução do seu modelo de avaliação qualitativa. O modelo que propõe é, à semelhança de Koller (1974) e Van den Broeck (1985,1986), tripartido, sendo, no entanto, bastante mais complexo. Primeiro, o crítico deve analisar o texto-fonte e descrever a função do mesmo. Para esta análise, House (2015) sugere duas categorias: (A) as dimensões do utilizador da língua e (B) as dimensões do uso da língua. (A) divide-se em três subcategorias: (1) origem geográfica, (2) classe social e (3) tempo. (B) divide-se em cinco subcategorias: (1) meio, (2) participação, (3) relação do papel social, (4) atitude social e (5) domínio. Cada uma destas categorias deve ser preenchida com informações acerca do texto-fonte e acompanhada de justificações a nível sintático, lexical e textual. Após a análise, deve ser escrita a descrição da função do texto. Em segundo lugar, deve ser feita a análise do texto-alvo e a descrição da função do texto, à imagem da análise anterior. Em terceiro lugar, é feita a comparação entre texto-fonte e texto-alvo e é redigida a declaração de qualidade. A comparação entre ambos os textos deve ser feita seguindo apenas a categoria (B), as dimensões do uso da língua e as respetivas subcategorias.

O modelo de House (1977, 1997, 2015) é, como pudemos observar, bastante complexo. No entanto, ou talvez por isso mesmo, é um modelo minucioso e detalhado. Posteriormente, House postulou mudanças e procedeu a algumas alterações no modelo (cf. House 2015: 54).

Podemos, assim, dizer que Berman (1995) esteve na base do desenvolvimento do tema da crítica de tradução nesta dissertação e que o modelo que apresenta influenciou aquele que pretendemos apresentar. House (1977, 1997, 2015) proporcionou-nos uma leitura informada e valiosa sobre os diferentes modelos de crítica de tradução existentes e os aspetos positivos e negativos de cada um.

Durante a construção de um modelo de crítica, é necessário definir a que público se dirige a crítica. Um público especialista requer um tratamento mais minucioso dos dados, que inclui vários exemplos e explicações, e um registo mais científico, que nos permite recorrer ao vocabulário específico da área em questão. Um público não especialista, como será maioritariamente o caso nas revistas e jornais acima mencionados, requer outro tipo de abordagem - uma linguagem menos técnica, um tratamento de dados menos pormenorizado e a ausência de exemplos. Consequentemente, uma crítica para o público especialista é mais densa e extensa do que uma crítica para uma revista ou um jornal mais generalista, motivo pelo qual decidimos incluir nesta dissertação ambos os tipos de crítica.

A fim de redigir uma crítica de tradução passível de ser reproduzida para o público em geral, analisámos as críticas publicadas na revista *Time Out* e nos jornais *Público* e *Expresso*. A revista *Time Out* apresenta, normalmente, uma crítica de um espetáculo ou filme atual e é, na maioria dos casos, bastante sucinta e direta, não ocupando mais de um terço de página. No *Expresso*, podemos encontrar muitas críticas e avaliações, classificadas em seis categorias: livros, cinema, televisão, música, teatro&dança e exposições. Aqui são apresentadas várias críticas por categoria, sendo que há sempre uma crítica em destaque, que é sempre mais desenvolvida. Os restantes textos são ligeiramente mais extensos do que os da *Time Out* e apresentam, em primeiro lugar, uma contextualização e um resumo. No *Público*, existe ainda a secção do Cinecartaz onde se encontram inúmeras críticas para muitos dos filmes que se encontram nos cinemas portugueses. Em formato digital, temos também acesso à média da avaliação feita por parte dos leitores. Cada filme costuma ter três críticas diferentes e os tamanhos e as estruturas podem variar bastante. Existem críticas breves e outras extremamente longas, nas quais são abordados vários tipos de questões, que vão para além da avaliação qualitativa. No entanto, todos os tipos têm uma característica em comum: é sempre feito um pequeno enquadramento ou resumo, que, na maior parte das vezes, precede a crítica.

A fim de redigir uma crítica de tradução passível de ser reproduzida para o público especialista, analisámos, à imagem de Nord (2005), as revistas que poderiam publicar uma crítica desse género. Entre elas encontra-se a *Érudit* e o portal *Cadernos de Tradução*. Os artigos aqui publicados pretendem difundir novas descobertas na área da investigação em tradução. A linguagem dos artigos é, maioritariamente, de elevada formalidade e engloba o léxico especializado da área da tradução.

Tendo em conta toda a informação anterior, procedemos à montagem do modelo de crítica de tradução que iremos utilizar e apresentar nesta dissertação. Assim como Nord (2005) sugere para a análise textual, procurámos construir um modelo que fosse bilateral, ou seja, que possa ser usado para ambos os tipos de crítica e por críticos com ou sem formação em tradução. Desta forma, estipulámos seis etapas: (1) a preparação; (2) a análise; (3) o confronto; (4) a reflexão, (5) a produção e (6) a revisão. A primeira etapa consiste, tal como mencionado anteriormente, numa pesquisa alargada sobre o autor do texto-fonte, o tradutor do texto-alvo, a receção crítica de ambas as obras. Em segundo lugar, ocorre a análise, onde, ignorando o texto-fonte, se deve analisar o texto-alvo. Esta análise é, no fundo, uma análise textual, onde serão identificados todos os aspetos positivos e negativos do texto. De seguida, dá-se o confronto entre texto-fonte e texto-alvo. É aqui que o crítico descobre se os defeitos ou aspetos menos positivos que identificou no texto-alvo se encontram presentes no texto-fonte, ou se estes se devem às estratégias utilizadas pelo tradutor. Em quarto lugar, ocorre a reflexão. Aqui, o crítico analisa e categoriza os dados recolhidos nas etapas dois e três, com o intuito de, por um lado, identificar os problemas e a razão da sua ocorrência e, por outro lado, identificar as boas opções tradutórias. Em quinto lugar, é feita a produção da crítica propriamente dita, onde o crítico, dependendo do seu público, elaborará um texto mais ou menos científico que irá conter a avaliação geral e final da tradução da obra. Por fim, em sexto lugar, surge a etapa da revisão.

O trabalho elaborado nesta dissertação também se baseia nas seis etapas acima mencionadas. Antes de dar início à elaboração propriamente dita do trabalho, procedemos à (1) preparação que consistiu na pesquisa de material sobre o romance *The Kite Runner*, a tradução portuguesa, as respetivas editoras, o autor, a tradutora, a receção crítica de ambas as obras e a receção crítica das adaptações do romance. Depois, demos início à (2) análise que se cingiu, basicamente, à leitura da tradução portuguesa do romance, sem consultar o original. Seguiu-se o (3) confronto, onde fizemos o levantamento dos excertos, expressões e construções que provocaram estranheza e das respetivas passagens, expressões e construções originais. Durante a (4) reflexão procedemos à categorização de todos os exemplos recolhidos e analisados anteriormente, fazendo-os acompanhar de explicações e sugestões. De seguida, partimos para a (5) produção, onde iremos elaborar uma crítica de tradução que faz parte desta dissertação. Por fim, daremos início à (6) revisão da dissertação. Como se depreende da leitura deste parágrafo, ele representa, de forma breve,

o resumo da própria dissertação e enumera os passos que constroem o nosso trabalho de investigação.

Chegámos, portanto, à quinta etapa desta dissertação e, como tal, à produção da crítica propriamente dita da tradução. Procedemos à redação de duas críticas distintas. Uma crítica para o público não especialista e uma crítica para o público especialista, que se encontram nas páginas 83 e 85, respetivamente.

Para redigir as críticas procedemos, após a consulta dos materiais acima referidos, à construção de uma estrutura de crítica moldada ao texto e à tradução em questão e às suas características específicas. Posteriormente, a estrutura foi moldada para cada uma das críticas. No entanto, a estrutura depende, de certa forma, do próprio crítico e das prioridades do mesmo. Depende também da vertente tradutória que o crítico defende.

Durante a redação da crítica para não especialistas procurámos, num tom modalizador, ser, acima de tudo, assertivos, informativos e breves. Uma vez que o público desta crítica não será, à partida, especialista em tradução, não recorreremos a terminologia específica. Na crítica para especialistas procurámos ser igualmente assertivos e informativos, recorrendo, no entanto, ao léxico especializado referente à área da tradução. Com o objetivo de exemplificar a estrutura de um artigo deste género, incluímos em anexo o artigo completo com resumo, referências bibliográficas, etc. (cf. Página 189 deste trabalho).

3.2 Crítica para não especialistas

O Menino de Cabul

The Kite Runner é o primeiro romance de Khaled Hosseini, publicado em 2003 pela editora Bloomsbury e em 2013 pela Editorial Presença na tradução de Sofia Gomes. Hosseini, que estudou Medicina nos Estados Unidos, inspirou-se nas suas raízes afegãs e conta-nos a história do seu país de origem e da sua cultura por intermédio do enredo. Amir, um rapaz de onze anos, tem como melhor amigo Hassan, o filho do criado Ali. Baba, o pai de Amir, é um mercador rico e respeitado de Cabul que não demonstra muito interesse pelo seu filho. Assim, Amir passa todo o seu tempo com Hassan, e juntos passeiam por Cabul, pelos bazares, constroem papagaios de papel, vão ao cinema e, sobretudo, brincam. A mãe de Amir morreu durante o parto e, como tal, Amir sente falta do amor e do carinho de Baba. Numa tentativa de conseguir o orgulho de Baba, Amir e Hassan participam no torneio de lançamento de papagaios de papel de Cabul. A vitória está perto quando Amir se vê obrigado a decidir entre o orgulho do seu pai, que tanto deseja, e a amizade e a dignidade de Hassan.

As principais características do romance foram preservadas na tradução, destacando-se, entre elas, os nomes das personagens e das localidades e as palavras e expressões em pársi. O título foi traduzido de forma muito criativa, o que, tendo em conta o grau de dificuldade, foi muito acertado, resultando num título adequado e apelativo. A escrita de Hosseini caracteriza-se particularmente pela sua leveza e por apresentar um equilíbrio entre frases curtas e frases longas e entre a formalidade e a informalidade. Os momentos em que a tradução não consegue reproduzir esse equilíbrio são superiores àqueles onde o consegue, tornando a leitura um pouco cansativa. A voz de Baba está bem retratada e transportada para o português, mas a personagem de Amir encontra-se algo distorcida quando comparada com o Amir original. Este Amir não faz justiça ao original e não consegue provocar em nós os mesmos sentimentos de compaixão. As dificuldades de tradução foram resolvidas de forma variada e distinta. Por vezes, as soluções que a tradutora propõe são muito boas, como por exemplo na tradução do título; outras vezes, as soluções acabam por desvirtuar o texto e, conseqüentemente, a leitura.

A tradução tem excertos bons e excertos menos bons, mas é nos momentos-chave que parece ficar distante do original. Por exemplo, existem na narrativa duas frases que assumem um papel de refrão e que têm um grande peso emocional, constituindo, assim, um

ponto central do enredo. A tradução portuguesa não consegue transmitir o significado e a carga emocional das frases e, conseqüentemente, falha em recriar o mesmo impacto no público lusófono. Acresce que é visível uma clara falta de revisão da tradução. Assim sendo, o leitor deve refletir sobre a hipótese de ler o romance na versão original.

3.3 Crítica para especialistas

“The Kite Runner vs. O Menino de Cabul: crítica de tradução”

The Kite Runner (2003), a primeira obra de Khaled Hosseini, caracteriza-se pela sua vertente estrangeirante. O próprio romance consiste numa tradução, pelo menos do ponto de vista cognitivo. Hosseini escreveu o romance em Inglês, a sua segunda língua, procedendo, assim, à autotradução e demonstrando a omnipresença da tradução (Schleiermacher: 1813). Naturalmente, a omnipresença da tradução no próprio romance levanta a questão da (in)visibilidade de Venuti (1995).⁴⁹

No corpo do texto encontram-se inúmeras referências geográficas e culturais, muitas das quais em pársi. O autor recorre frequentemente à utilização do itálico a fim de (i) destacar as palavras ou expressões pársi e (ii) dar ênfase a uma dada palavra ou expressão inglesa. Estamos perante uma idiosincrasia do autor que contribui para a estrangeirização do próprio texto. Apesar da inclusão de estrangeirismos no corpo do texto, que são, por vezes, acompanhados de explicações (““I think I have saratan,” I said. Cancer.”) a leveza da escrita de Hosseini persiste durante todo o romance. A narrativa apresenta um diálogo equilibrado entre a simplicidade e a complexidade. Em 2013, foi publicada a tradução de Sofia Gomes, *O Menino de Cabul*.

Para a identificação correta de erros de tradução foi consultado o sistema binário apresentado por Pym (1992)⁵⁰. O trabalho desenvolvido por Frota (2000) também contribuiu para a reflexão subjacente a esta crítica. A presença de singularidades⁵¹ contribuiu para uma análise mais cuidada e uma reflexão mais equilibrada.

A tradução portuguesa manteve os itálicos, as referências geográficas e os nomes das personagens. Trata-se de uma excelente opção de tradução, uma vez que permite a manutenção da vertente estrangeirante do próprio romance. No entanto, ao confrontar texto-fonte e texto-alvo, nota-se uma incoerência na implementação dessa mesma opção. Desta forma, a tradução acaba por interferir com as idiosincrasias do autor, especialmente a nível enfático.

⁴⁹ Se o próprio romance é visivelmente uma tradução, será que o tradutor é invisível?

⁵⁰ O autor sugere uma distinção entre ocorrências binárias e não-binárias. As ocorrências binárias ou estão corretas ou erradas. As ocorrências não-binárias dispõem de mais opções. Cf. Pym (1992).

⁵¹ Cf. Frota (2000).

“How can you know?” (47)

“Mas sabes como?” (58)

“(…) I like where I live.” (51)

“(…) gosto de morar onde moro.” (63)

A nível morfossintático, a tradução revela uma tentativa de manter no texto-alvo a mesma relação equilibrada entre frases simples e frases complexas. No entanto, o que ocorre com alguma frequência é que o texto-alvo apresenta frases demasiado complexas. Assim, o equilíbrio do texto-fonte não foi mantido durante o processo de tradução, eliminando outra idiosincrasia do autor.

“People hugged and kissed and greeted each other with “*Eid Mubarak*”. Happy Eid. Children opened gifts and played with dyed hard-boiled eggs.” (38)

“Abraçavam-se, beijavam-se e saudavam-se dizendo «*Eid Mubarak*». Feliz Eid. As crianças desembrulhavam prendas e brincavam com ovos cozidos, os quais tinham a casca pintada de várias cores.” (49)

A tradutora procedeu às alterações necessárias para adaptar a pontuação às normas e convenções da língua portuguesa. Por exemplo, no caso do discurso direto.

A tradução do título levantou dificuldades que a tradutora soube contornar ao recorrer a estratégias de interpretação e criatividade. A tradução portuguesa proporciona ao leitor um título cativante, atrativo e coerente – *O Menino de Cabul*. Na versão brasileira optou-se por uma tradução literal – *O Caçador de Pipas*. No entanto, trata-se de uma opção enganadora, uma vez que o leitor, devido à polissemia, poderia interpretar o título de forma literal.

Ocorrem no texto várias referências a medidas, fornecidas no formato do sistema imperial. Na tradução portuguesa essas medidas são convertidas para o sistema métrico e arredondadas, recorrendo à estratégia pragmática de filtragem cultural, uma boa opção tradutória que evita submeter o leitor a uma estranheza desnecessária.

“At parties, when all six-foot-five of him thundered into the room (…).” (11)

“Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa (…).” (21)

“(…) under a foot of snow.” (42)

“por meio metro de neve.” (53)

Ainda no domínio das estratégias pragmáticas, o confronto entre texto-fonte e texto-alvo revelou que a tradução portuguesa recorreu a inúmeras mudanças de informação. Deste modo, o texto-alvo apresenta várias omissões, adições e explicitações que não se encontram justificadas.

“(...) was always my idea.” (4)

“(...) era ideia minha.” (14)

“Not welcome anymore.” (111)

“Não bem-vindos nesta casa.” (124)

“Their father argued (...)” (21)

“O pai ainda tentou argumentar (...)” (32)

A tradução apresenta alguns défices a nível sintático, sendo que a organização e a estrutura frásica de alguns excertos suscitam estranheza durante a leitura. Normalmente, os excertos carecem apenas de uma reorganização dos elementos frásicos, como o demonstram os seguintes exemplos:

“Lembro-me de, na véspera da inauguração, Baba me levar ao lago Ghargha, a uns quilómetros a norte de Cabul.” (22)

“Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu próprio dinheiro.” (22)

“Em frente ao orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras.” (23)

A estranheza presente nos excertos acima deve-se, também, à pontuação. A elevada utilização de vírgulas contribui para a estranheza, interferindo com a leitura.

Em relação ao léxico, a tradutora nem sempre recorre aos equivalentes ou soluções mais adequadas, distorcendo, por vezes, o significado ou até mesmo criando estranheza. Por vezes os equivalentes escolhidos transportam consigo alterações a nível semântico, na medida em que resultam em mudanças de ênfase.

“(...) shortly before he and I fled Kabul.” (173)

“(...) antes de ele e eu deixarmos Cabul.” (186)

“I thought about (...)” (168)

“Recordei o que (...)” (180)

„(...) which I was probably going to do anyway.” (175)

“(...) eu ia com certeza acabar (...)” (188)

O texto apresenta erros que demonstram uma evidente falta de revisão, tanto por parte da tradutora como por parte de outras entidades. É evidente que, nestas circunstâncias, não estamos perante erros de tradução propriamente ditos, mas sim de desatenções, ou distrações.

“Sacudi o pó do pódio livro (...)” (17)

“(...) que quando se engole um bocado de casca de ovo ela sai no chichi.” (23)

“Baixei-me a apertei-a.” (208)

São desatenções deste tipo que demonstram a necessidade e a importância do trabalho de revisão. Apenas uma revisão cuidada e exaustiva poderá revelar e corrigir este tipo de erros do texto.

A tradução contém ainda incongruências a nível lexical que resultam de um elevado grau de literalização. À semelhança dos exemplos enunciados anteriormente, revelam uma falta de revisão.

“blades of grass” (24)

“lâminas de relva” (35)

“Hassan had the runs” (12)

“Hassan tinha ido fazer recados” (22).

A grande maioria das críticas apontadas a esta tradução são de natureza lexical. A escolha de equivalentes não se encontra apurada e, por vezes, não se aproxima do texto-fonte. A nível da linguagem o texto-alvo não é convincente, afastando-se significativamente do texto-fonte. São mantidas as principais características da narrativa. No entanto, alguns dos erros de natureza sintática, morfossintática e semântica parecem estar intrinsecamente ligados à ausência de um processo de revisão rigoroso. Tal como Berman (1995) sugere, não devemos produzir uma crítica excessivamente neutra que atribua os aspetos negativos a outros fatores que não o tradutor.

Deste modo, estamos perante um texto-alvo cujo processo de tradução parece não estar concluído. A revisão, uma etapa importantíssima, foi claramente negligenciada. O resultado é um texto-alvo que se assemelha a um esboço de tradução. Uma revisão rigorosa poderia providenciar ao texto as alterações necessárias para o transformar numa tradução que faça justiça ao seu original. Neste momento, como foi dito, estamos perante um trabalho em curso. Por outras palavras, podia dizer-se que a tradução carece do quarto movimento da hermenêutica da tradução (cf. Steiner: 1975). Assim, deixamos aqui preparado o terreno para uma futura retradução (cf. Berman: 1995) do romance *The Kite Runner*.

4. Experiência de tradução

Nesta etapa do trabalho, que se encontra dividida em três partes, dedicar-nos-emos à experiência da tradução e às reflexões dela decorrentes. Cada parte consiste numa experiência diferente a que iremos submeter um capítulo do romance – tradução, revisão e retradução.

Para elaborar as três experiências acima mencionadas selecionámos o terceiro capítulo do romance. Por um lado, o capítulo apresenta uma dimensão adequada para o tipo de tratamento textual previsto. Por outro lado, tratando-se de um dos primeiros capítulos do romance, é importante que a tradução, tal como o original, consiga cativar o interesse e o entusiasmo do leitor, criando nele os mesmos efeitos e as mesmas emoções do texto original.

Em primeiro lugar, iremos proceder à tradução isolada do capítulo, sem consultar a tradução S.G.⁵². Esta parte irá possibilitar uma comparação entre a tradução que propomos e a tradução já existente, a fim de fundamentar a retradução.

Em segundo lugar, será feita uma revisão da tradução S.G., sem consultar o original. A revisão tem como objetivo avaliar a tradução como se fosse um texto originalmente redigido na língua portuguesa⁵³. Ou seja, como se não se tratasse de uma tradução, com o objetivo de eliminar todas as interferências presentes sem o constrangimento da necessidade de fidelidade para com o texto original.

Em terceiro lugar, iremos propor uma retradução do terceiro capítulo, que consistirá na junção da tradução S.G., da revisão da tradução S.G. e da tradução por nós elaborada. Na retradução pretendemos reunir de todos os textos as melhores opções de tradução, a fim de alcançar uma tradução mais ponderada.

Serão redigidos três relatórios distintos, um para cada experiência. Produziremos um relatório de tradução, que pretende dar conta das principais dificuldades que a tradução do terceiro capítulo levantou e justificar algumas das opções tomadas. Seguir-se-á um relatório

⁵² Estamos conscientes que, ao situarmos neste momento do nosso trabalho a experiência de tradução, já estamos, pela análise desenvolvida, marcados pela relação entre o texto original e pela tradução. No entanto, vamos tentar abstrair-nos desse contacto e olhar para o original como se de uma nova tradução se tratasse.

⁵³ Pretendemos encarar a tradução como se não se tratasse de uma tradução, como se tivesse sido redigida em português. É objetivo deste exercício desinibir o revisor de proceder a uma revisão rigorosa em função do público lusófono, sem preocupações a nível tradutório. Ou seja, trata-se de uma revisão textual.

que descreverá o processo de revisão da tradução S.G., os critérios que a caracterizaram e as opções tomadas. Por fim, iremos apresentar um relatório da retradução.

Os relatórios serão introduzidos no corpo do texto nos pontos 4.1, 4.2 e 4.3. A tradução, revisão e retradução serão incluídas nos anexos. Serão disponibilizadas duas versões da revisão e da retradução. A primeira versão permitirá consultar todas as alterações efetuadas ao texto. A segunda versão consistirá apenas no produto final, sem rasuras, para uma leitura mais inteligível. No caso da retradução, as alterações apresentadas a vermelho serão aquelas a que procedemos em função da revisão da tradução S.G. e as alterações apresentadas a azul aquelas que foram feitas em função da tradução M.K.

Com esta etapa pretendemos demonstrar o papel importante que a atividade da tradução e a reflexão desempenham para um melhor entendimento global e uma perspetiva mais realista durante o processo de crítica de tradução. Naturalmente, os benefícios resultantes destas atividades englobam também, como referido no parágrafo anterior, uma tradução mais cuidada e equilibrada, fruto de um prolongado processo de reflexão e maturação.

4.1 Relatório da tradução

A tradução deste excerto foi, apesar da familiaridade com a obra e com o autor, algo morosa. Alguns excertos exigiram uma reflexão mais aprofundada e pesquisas mais prolongadas. Os casos em que essa necessidade se revelou serão aqui expostos e comentados. Abordaremos também outros tipos de dificuldades levantadas pelo excerto, como por exemplo a tradução de fraseologias. Para além da enumeração dos diferentes tipos de dificuldades, iremos também aproveitar esta oportunidade para (1) explicar algumas das opções tradutórias tomadas e (2) referir alguns aspetos interessantes a ter em consideração durante a tradução do excerto, apesar de não representarem dificuldades propriamente ditas.

Como referido anteriormente, as principais dificuldades estão relacionadas com o tipo de linguagem. É necessário encontrar na tradução o mesmo equilíbrio entre formalidade e informalidade e entre frases simples e frases complexas que o original apresenta. No texto encontram-se fraseologias que não têm uma tradução para a língua portuguesa, requerendo um outro tipo de estratégia de tradução.

Na sua narrativa, Hosseini recorre a um vocabulário simples que dialoga, por vezes, com um vocabulário mais complexo. Tratando-se de uma das características principais do capítulo, o tradutor deverá procurar reproduzi-la na tradução, tentando alcançar o mesmo efeito. Esta não foi uma tarefa fácil, tendo sido, por vezes, difícil encontrar equivalentes satisfatórios. São exemplos disso: “to lumber around”, “to snap at” e “to shuffle around”. Sendo que, no caso do primeiro exemplo foi necessário, primeiro, encontrar o significado da expressão.

“To lumber around” significa movimentar-se de forma lenta, desajeitada, barulhenta e estranha⁵⁴. A língua portuguesa não dispõe de um equivalente que englobe todos estes significados. Deste modo, o tradutor tem duas hipóteses: ou opta por um equivalente que transmita apenas um dos sentidos da palavra original ou recorre à descrição. Decidimos optar pela segunda hipótese, traduzindo por “andava aos trambolhões à volta do monte”. Desta forma, apesar de não transmitir todos os sentidos da palavra original, a tradução aproxima-se mais do texto original.

⁵⁴ Cf. *The Concise Oxford Dictionary* (1934: 688).

“To snap at”, que significa falar de forma irritada com alguém e/ou dizer coisas maldosas⁵⁵, pode ser traduzido de várias formas, entre as quais “berrar com” e “responder mal”. A segunda opção pareceu-nos ser aquela que melhor descrevia o significado da expressão original, mas faltava-lhe a conotação impulsiva que o equivalente “berrar com” transmite. Por esse motivo optámos por traduzir por “berrar com”.

Foi difícil encontrar um equivalente para “To shuffle around”, que significa andar de forma estranha, a deslizar e a arrastar⁵⁶. Por fim, optámos por traduzir por “vaguear” por nos parecer ser um equivalente que mantém a conotação de “estar perdido”. Outra hipótese poderia ter sido, por exemplo, “arrastar-se”.

No excerto seleccionámos três fraseologias, cujas dificuldades não se prendem com o seu significado, mas sim com a inexistência de equivalentes na língua portuguesa. A primeira, e a única que não levantou grandes dificuldades, surge no início do capítulo, quando Amir mente a Baba para não convidar Hassan – “He asked me to fetch Hassan too, but I lied and told him Hassan had the runs.” A tradução da expressão “to have the runs” não levantou problemas, uma vez que é sinónimo de estar com diarreia. Trata-se, no entanto, de um eufemismo que deve ser mantido na tradução. Assim sendo, procurámos um equivalente que permitisse preservar o eufemismo no texto-alvo. Entre as hipóteses de tradução encontravam-se: “corrença” e “soltura”. Apesar do primeiro equivalente manter a imagem da expressão inglesa – “run” e “correr”, optámos por traduzir por “soltura”, por se tratar de um termo mais fidedigno.

Em “He was the only person I knew who could get away with saying something like that to Baba.”, a expressão “to get away with” significa poder fazer algo e sair impune. Apesar de existirem expressões similares em português, como por exemplo, “safar-se” - Ele era a única pessoa que eu conhecia que se safava ao dizer coisas destas a Baba -, não nos pareceram apropriadas, uma vez que resultariam num elevado grau de informalidade. Por fim, optámos por traduzir apenas com o verbo “poder” – “Ele era a única pessoa que eu conhecia que podia dizer coisas deste género a Baba”. Recorremos, assim, ao que Toury designa de norma de standardização, que consiste na neutralização do texto traduzido (Cf. Toury 1995: 268), empobrecendo o texto.

⁵⁵ Cf. *The Concise Oxford Dictionary* (1934: 1142).

⁵⁶ Cf. *The Concise Oxford Dictionary* (1934: 1115).

Em “A boy who won’t stand up for himself becomes a man who can’t stand up to anything.”, estão presentes, tal como podemos observar, duas fraseologias muito semelhantes: “to stand up for” e “to stand up to”. Significam, de forma sucinta, defender algo e enfrentar algo, respetivamente. Podemos observar novamente que o problema de tradução não se relaciona com o significado destas estruturas, mas sim com a falta de expressões equivalentes na língua portuguesa. Deste modo, após alguma pesquisa optámos por traduzir precisamente pelos exemplos mencionados acima, conscientes, da perda que esta opção proporciona ao texto.

O capítulo apresenta duas expressões em inglês: “Mr. Hurricane” e “Battle of the Poems”. Optámos por traduzi-las por se tratar de expressões que têm como objetivo fornecer ao público-alvo uma explicação para as expressões em pársi que as antecedem. Deste modo, traduzimo-las por “Sr. Furacão” e “Batalha dos Poemas”.

Em “(...) his obstinate ways. (...) his triumphant ways.” estamos perante uma expressão que é frequentemente utilizada na língua inglesa para se referir ao carácter e à personalidade de uma pessoa. Não pudemos recorrer a uma tradução literal, porque resultaria numa tradução pouco clara, confusa e deselegante. Por esse motivo, e por falta de outras opções, decidimos eliminar a expressão “ways” na tradução portuguesa, conscientes que ao fazê-lo incorremos numa omissão. Apesar de esta estratégia destruir o padrão de repetição alcançado através da palavra “ways”, optámos por não inserir uma substituição, uma vez que já está presente um outro padrão de repetição nas frases em questão – “(...) shook their heads in dismay (...) shook their heads in awe (...)”. Padrão esse que foi mantido no texto-alvo.

Referindo ainda outra questão ligada à fraseologia, foi necessário proceder a uma pequena filtragem ou ajuste cultural para a onomatopeia “Hmm”. Em português é mais comum vê-la grafada como “Hum”. Motivo pelo qual optámos por traduzi-la dessa mesma forma.

Em “(...) whose mustaches needed oiling.”, optámos por traduzir “oiling” por “brilhantina” – “(...) cujos bigodes precisavam de brilhantina.” – e não por “óleo”. A brilhantina é um produto com que o público-alvo desta tradução se encontra familiarizado e que se associa à corrupção com maior facilidade.

Durante o processo de tradução, surgiram questões de natureza cultural. A primeira está relacionada com as diferenças entre o sistema imperial e o sistema métrico e a respetiva conversão – “At parties, when all six-foot-five of him (...)”. Tendo em conta que a conversão de 6 pés para o sistema métrico resulta num número pouco natural (198 metros), optámos por arredondá-lo para dois metros. A segunda ocorre quando é referido o ano de escolaridade de Amir, uma vez que existem algumas diferenças entre o sistema escolar anglófono e lusófono – “When I was in fifth grade (...)”. Para garantir a tradução correta foi necessário efetuar uma pesquisa acerca do sistema escolar anglófono, a fim de descobrir com que idade é que Amir estaria no 5º ano, procedendo, depois, à conversão para o sistema português. Uma criança que esteja no 5º ano do ensino anglófono tem, por norma, nove ou dez anos. Uma criança portuguesa que se encontre na mesma faixa etária estará, por norma, a frequentar o 5º ou 6º ano. Deste modo, optámos por traduzir por “Quando eu estava no quinto ano (...)”.

Um outro aspeto cultural prendeu-se com as convenções de pontuação tanto da língua-alvo como da língua-fonte. Na língua inglesa são utilizadas as aspas para indicar discurso direto, enquanto na língua portuguesa se recorre ao travessão. Naturalmente, procedemos ao ajuste durante a tradução. Manteve-se, tanto quanto possível, a pontuação que é específica do autor e a restante foi adequada às regras da língua portuguesa.

No excerto encontra-se também presente vocabulário específico pertencente ao léxico de especialidade do mundo futebolístico. Referimo-nos a: “open lane”, “pass” e “penalty”. As ocorrências foram, após pesquisa, traduzidas para os equivalentes portugueses “corredor aberto”, “passe” e “penalti”. Assim, é necessário ter em conta a tradução de vocabulário específico, uma vez que devem ser empregues os equivalentes mais comumente utilizados na língua-alvo. Por exemplo, “penalty” também poderia ser traduzido por “grande penalidade”. No entanto, trata-se de um termo utilizado maioritariamente entre os profissionais do futebol.

Ao traduzir do inglês para o português surgem, frequentemente, questões ou até mesmo dificuldades morfosintáticas relacionadas com os pronomes pessoais. Por um lado, a língua inglesa recorre à utilização de imensos pronomes pessoais que, durante o processo de tradução, devem ser filtrados, uma vez que a língua portuguesa não os consegue albergar.

Por outro lado, a tradução do pronome pessoal “you” exige muita ponderação, porque a determinação de uma forma de tratamento tem implicações pragmáticas que variam de língua para língua. Assim sendo, o tradutor tem de determinar, através da sua própria interpretação, o grau de proximidade entre duas ou mais personagens, uma vez que na língua portuguesa existem várias formas de traduzir “you”, nomeadamente, tu, você, vós e vocês. Foi necessário tomar uma decisão aquando da forma de tratamento entre Baba e Amir. A relação entre eles é muito fria e distante e, como forma de reforçar essa ideia, surgiu a hipótese de traduzir “you” pela segunda pessoa do plural (você) conjugada na terceira pessoa do singular. Porém, após alguma reflexão, decidimos traduzir pela segunda pessoa do singular para tornar a leitura mais fluida e para não exagerar e explicitar a relação distante de Amir e Baba.

Durante a tradução, o foco esteve nas características principais que o capítulo apresenta, a fim de as preservar e transpor para o texto-alvo. Referimo-nos, por exemplo, às palavras e expressões em itálico (pársi e inglesas) – “*Saratan*”, “*Chapandaz*”, “*Hippies*”, entre outros –, e à manutenção dos nomes e títulos das personagens – Baba Jan, Amir, Hassan, Rahim Khan e Mulá Fatiullah Khan.

Por fim, procurámos igualmente reproduzir o caráter de Amir e Baba. Amir caracteriza-se, principalmente, pela inocência, meiguice e desamparo, enquanto Baba é muito assertivo, direto e bruto. Ambas as personagens apresentam *nuances* de ironia que também procurámos reproduzir.

4.2 Relatório de revisão

Para proceder à revisão da tradução de S. G., foi necessário encará-la como sendo um texto redigido em português, ignorando o facto de se tratar de uma tradução. A mudança de perspetiva permitiu que nos focássemos inteira e exclusivamente no texto em português. Possibilitou também que procedêssemos à revisão sem preocupações de fidelidade para com o original. Assim, alterámos e corrigimos tudo aquilo que julgámos ser impeditivo de uma leitura fluida ou que suscitou estranheza, a fim de retirar do texto as interferências.

A grande maioria das alterações foram efetuadas a nível lexical. O texto emprega, com alguma frequência, palavras complexas ou com um elevado grau de formalidade, resultando em frases tensas e pesadas. Sempre que esta situação se verificou, procedemos à substituição da palavra em questão por um equivalente que nos parecesse mais adequado.

“Imaginei a prova de valentia de Baba inúmeras vezes (...).” (S.G.) (21)

“Imaginei a luta de Baba muitas vezes (...).”

“O mais que eu consegui (...).” (22)

“O máximo que eu consegui (...).”

“Disse-me que eu podia ir sozinho buscar a gasosa, que bastava procura-la na bagageira do carro.” (S.G.) (23)

“Disse-me que eu podia ir sozinho buscar o sumo, só tinha de procurá-lo na bagageira do carro.”

“Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e bateu nas costas do outro.” (S.G.) (23)

“Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e deu uma palmada nas costas do outro.”

“Algumas fizeram-me festas no cabelo (...).” (S.G.) (23)

“Algumas afagaram-me o cabelo (...).”

“(...) exportação de tapetes que era um êxito estrondoso (...).” (S.G.) (24)

“(...) exportação de tapetes que era um grande êxito (...).”

“Não há nada mais abjeto (...).” (S.G.) (27)

“Não há nada mais deplorável (...).”

“(...) a cirandar pela casa (...).” (S.G.) (29)

“(...) a andar pela casa (...).”

“Não é a isso que me refiro (...).” (S.G.) (30)

“Não é isso que quero dizer (...).”

“(...) os negócios não lhe estavam na massa do sangue (...)” (S.G.) (23)

“(...) os negócios não lhe estavam no sangue (...)”

O texto apresenta algum léxico especializado pertencente à área do futebol. Aqui foram efetuadas duas alterações em que substituímos as palavras ou expressões presentes por outras mais adequadas, a fim de aproximar mais o texto ao vocabulário utilizado nessas circunstâncias desportivas. Referimo-nos a:

“Rejublei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou grande penalidade contra nós.” (S.G.) (28)

“Festejei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou um penalti contra nós.”

O termo mais recorrente entre adeptos de futebol é “festejar” golos e vitórias, e não “rejubilar” com os mesmos. “Grande penalidade” é o termo técnico utilizado pelos árbitros para designar aquilo a que mais comumente se chama “penalti”.

A nível morfosintático não foram feitas muitas alterações. No entanto, procedemos à mudança da posição de um clítico por nos parecer mais natural, promovendo uma leitura mais fluida.

“Um rapaz que não sabe defender-se (...)” (S.G.) (30)

“Um rapaz que não se sabe defender (...)”

Uma das alterações mais importantes sucedeu a nível lexical. O termo “mulá” ocorre três vezes no terceiro capítulo e encontra-se, na tradução S.G., sempre grafado com “m” minúsculo. Quando o autor se refere à profissão de mulá é correto grafá-lo em minúsculas. Porém, quando nos referimos a uma pessoa em específico, o termo torna-se parte do seu nome, passando a ser um antropónimo. Desta forma, nos dois casos que apresentamos abaixo, “mulá” deve ser grafado com maiúscula.

“Queres dizer o mulá Fatiullah Khan?” (S.G.) (25)

“Estás a falar do Mulá Fatiullah Khan?”

“Mas o mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa (...)”. (S.G.) (25)

“Mas o Mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa (...)”

Durante a revisão procedemos ainda a algumas alterações sintáticas, principalmente a nível da estrutura e organização frásica. Seguem-se os exemplos mais significativos.

“Lembro-me de, na véspera da inauguração, Baba me levar ao lago Ghargha, a uns quilómetros a norte de Cabul.” (S.G.) (22)

“Lembro-me de Baba me levar ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul, na véspera da inauguração.”

“Em frente ao orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras.” (S.G.) (23)

“No dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras em frente ao orfanato.”

“Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e comecei a guardá-los em caixas de cartão quando deixou de haver espaço nas prateleiras.” (S.G.) (28)

“Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e quando deixou de haver espaço nas prateleiras comecei a guardá-los em caixas de cartão.”

“Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão ao mesmo tempo hilariante e tremendamente assustadora.” (S.G.) (27)

“Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão hilariante e assustadora ao mesmo tempo.”

Como pudemos observar, as alterações foram maioritariamente de natureza lexical, a nível da escolha de sinónimos, e de natureza sintática, em termos de organização frásica. Tendo em conta o propósito da revisão a que submetemos a tradução S.G., todas essas alterações foram efetuadas com o propósito de obter um texto mais natural, leve e cativante.

4.3 Relatório de retradução

A retradução, tal como fora mencionado anteriormente, não consistiu numa nova tradução, mas no aperfeiçoamento da tradução já existente. A tradução que propomos e a revisão da tradução S.G. estiveram na base do trabalho de retradução, na medida em que os materiais delas resultantes forneceram o meio de comparação necessário. O principal objetivo é mostrar que uma tradução híbrida pode ser uma solução satisfatória e até benéfica para o resultado final. Queremos também demonstrar que ter à disposição uma tradução já existente para consultar, durante ou após o processo da tradução, estimula e nutre a reflexão do tradutor, uma vez que lhe fornece outra perspetiva e, certamente, outras opções tradutórias.

A retradução teve como documento base a tradução S.G. Aqui foram incluídas a vermelho as alterações introduzidas na revisão⁵⁷. Uma vez elaborada a fusão entre tradução e revisão, procedemos à comparação entre a tradução revista e a tradução M.K., a fim de identificar as passagens que apresentavam as melhores opções de tradução. De seguida, incluímos a azul todas as opções da tradução M.K. que nos pareceram ser mais bem conseguidas. Assim sendo, as alterações marcadas a vermelho foram efetuadas em função da revisão e as alterações marcadas a azul em função da tradução M.K. Essas alterações foram sempre feitas tendo em mente dois objetivos: uma tradução próxima do original e um texto escorreito, que proporcionasse ao público-alvo uma leitura agradável.

Algumas alterações foram efetuadas por uma questão de aproximação do equivalente. Ou seja, surgiram momentos em que julgámos que a tradução M.K. estava mais perto do original, razão pela qual a implementámos. São exemplos disso:

“(...) infelizmente, quase uma doença nacional (...)” (S.G.) (21)

“(...) lamentavelmente, quase um mal nacional (...)” (M.K.)

“(...) sadly, almost a national affliction (...)” (11)

“Ninguém era repreendido em público por isso (...)” (S.G.) (24)

“Ninguém era chicoteado por isso (...)” (M.K.)

“No one gave you a public lashing for it (...)” (14)

⁵⁷ Em anexo encontram-se duas versões da retradução. Uma com rasuras e outra sem rasuras, para uma leitura mais perceptível.

“Ouve, sei que há uma forte afinidade (...).” (S.G.) (31)
“Ouve, eu sei que há um carinho especial (...).” (M.K.)
“Look, I know there is fondness between you (...).” (20)

“Desatei a chorar.” (S.G.) (29)
“Comecei a chorar.” (M.K.)
“I began to cry.” (19)

Houve também excertos em que alguns equivalentes na tradução S.G. nos pareceram alvo de estranheza, motivo pelo qual, nesses casos, optámos por implementar as opções decorrentes da tradução M.K.

“Disse-me que eu podia ir sozinho buscar a gasosa (...).” (S.G.) (23)
“Disse-me que eu podia ir sozinho buscar o sumo (...).” (M.K.)

“Imaginei a prova de valentia de Baba (...).” (S.G.) (21)
“Imaginei a luta de Baba (...).” (M.K.)

“E nesses sonhos nunca se via qual era o Baba e qual era o urso.” (S.G.) (21)
“E nesses sonhos nunca consigo distinguir entre Baba e o urso.” (M.K.)

“(…) o mais que eu consegui foi cinco.” (S.G.) (22)
“(…) o máximo que consegui foram cinco.” (M.K.)

“Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e bateu nas costas do outro.” (S.G.) (23)
“Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e deu uma palmada nas costas do outro.” (M.K.)

“(…) enquanto conduzia sem dizer palavra (...).” (S.G.) (29)
“(…)” enquanto conduzia em silêncio (...).” (M.K.)

A manutenção das pequenas *nuanças* pode ser de grande importância para o enredo e para a interpretação da narrativa. Assim, e tendo em conta a tentativa de maior proximidade com o original, procedemos à reintrodução dessas *nuanças* nas situações em que a tradução já existente as tinha eliminado. São exemplos disso:

“(…) considerada uma das (...).” (S.G.) (24)
“(…) mundialmente considerada uma das (...).” (M.K.)
“(…) universally regarded as one of (...).” (14)

“(…) facto que o meu pai, de propósito, não se cansava de recordar (...).” (S.G.) (24)
“(…) um facto que o meu pai, na brincadeira, não se cansava de esfregar (...).” (M.K.)
“(…) a fact that my father playfully rubbed in (...).” (14)

Na categoria das pequenas *nuances* também podemos incluir os itálicos. Apesar de a maior parte dos itálicos ter sido mantida na tradução S.G., houve três ocorrências em que a ênfase não foi mantida. Nessas situações, procedemos à introdução da tradução M.K.

“(...) no dia do Qiyamat (...)” (S.G.) (24)

“(...) no dia do *Qiyamat* (...)” (M.K.)

“(...) on the day of *Qiyamat* (...)” (14)

“(...) ele era o meu pai, o meu Baba.” (S.G.) (23)

“(...) ele era o *meu* pai, o *meu* Baba.” (M.K.)

“(...) he was *my* father, *my* Baba.” (13)

Foram poucas as alterações efetuadas a nível pragmático. No entanto, destaca-se a reintrodução dos excertos omitidos no seguinte exemplo.

“À sexta-feira, o lago enchia-se de famílias que iam passar um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá se viam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – *hippies*, era como lhes chamavam.” (S.G.) (22)

“A água estava de um azul profundo e o sol cintilava na superfície clara e espelhada. À sexta-feira, o lago estava cheio de famílias que passavam um dia ao ar livre. Mas era a meio da semana e só lá estávamos eu e Baba, nós e dois turistas de cabelo comprido e barba – *hippies*, era o que lhes chamavam.” (M.K.)

“The water was a deep blue and sunlight glittered on its looking glass-clear surface. On Fridays, the lake was bustling with families out for a day in the sun. But it was midweek and there was only Baba and me, us and a couple of longhaired, bearded tourists – “hippies,” I’d hear them called.” (12)

Tal como na revisão da tradução S.G., a maior parte das alterações a que procedemos durante o processo de retradução foram de natureza lexical. No entanto, ocorreram também algumas alterações a nível sintático. As principais encontram-se enumeradas no relatório da revisão.

Posto isto, podemos concluir que, acima de tudo, o léxico necessitava de uma revisão. No entanto, as alterações efetuadas a nível sintático também foram significativas. A tradução carecia de uma escolha mais cuidadosa de equivalentes, de uma maior atenção para o detalhe (eliminação de *nuances*), de um vocabulário menos formal e de frases menos complexas.

Por fim, cabe acrescentar que na retradução também foram mantidas algumas opções da tradução S.G. como podemos observar nos próximos exemplos, e na retradução com rasuras.

“(…) para não falar dos empregados da câmara (…).” (S.G.) (22)

“(…) para não falar dos empregados municipais (…).” (M.K.)

“(…) not to mention he city officials (…).” (12)

“— Estou — respondi, cerrando os lábios.” (S.G.) (25)

“— Sim — disse eu, apertando os lábios.” (M.K.)

“” Yes,” I said, pressing my lips together.” (15)

“(…) mas os seus olhos estavam noutro sítio.” (S.G.) (26)

“(…) mas os seus olhos divagavam.” (M.K.)

“(…) but his eyes wondered.” (16)

“Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade.” (S.G.) (26)

“Quando és desonesto roubas o direito à justiça.” (M.K.)

“When you cheat you steal the right to fairness.” (16)

Reflexões finais

O objetivo principal da presente dissertação foi o estudo, a análise, o desenvolvimento e a promoção da área da crítica de tradução. Para alcançar o objetivo foi necessário criar os nossos próprios materiais a partir de uma vasta bibliografia de consulta. Os materiais que criámos foram, como mencionado anteriormente, um quadro teórico e um modelo de crítica de tradução.

O quadro teórico que apresentámos é o pilar desta dissertação. Esteve presente em todas as etapas do trabalho, como material de apoio e consulta constante. Durante a análise do *corpus* foi imprescindível a consulta do quadro, a fim de identificar corretamente as diferentes estratégias de tradução empregues no texto-alvo. Durante a elaboração da crítica de tradução, especialmente a crítica para especialistas, o quadro foi consultado, também como fonte fidedigna para a revisão. O quadro foi igualmente consultado ao longo da elaboração da tradução M.K. para a resolução das dificuldades tradutórias que surgiam. Foi crucial durante a elaboração dos relatórios de tradução, revisão e retradução, para categorizar as estratégias utilizadas e, de certa forma, também os erros encontrados, uma vez que uma estratégia mal empregue pode resultar num erro de tradução.

Podemos então afirmar que o quadro teórico foi construído com o propósito de auxiliar a elaboração da dissertação, e para fundamentar a crítica de tradução. Ao longo do trabalho apresentámos vários argumentos que justificam e realçam a importância da prática da crítica para a tradução. Todas as entidades envolvidas beneficiam da crítica de tradução. As editoras obtêm, através da crítica, uma forma de avaliar os tradutores que empregam. Consequentemente, os autores tomam conhecimento da qualidade das traduções das suas obras. Um aspeto importante, tendo em conta as consequências de uma tradução qualitativamente inferior. Ao público é proporcionada a possibilidade de se informar sobre a qualidade da tradução de uma dada obra antes de proceder à compra da mesma.

Tendo em conta todos os aspetos positivos resultantes da prática da crítica de tradução, como foi demonstrado ao longo do trabalho que realizámos, propomo-nos tecer algumas considerações sobre a importância da relação entre a crítica da tradução e o ensino da tradução a nível universitário. Uma perspetiva promissora seria a criação de uma unidade curricular intitulada “Crítica de Tradução”, que contemplasse análises comparativas de

originais e traduções e fomentasse uma reflexão sobre a experiência de tradução. As editoras carecem de críticas de tradução e, conseqüentemente, dos benefícios das mesmas. A fim de solucionar esta situação a unidade curricular poderia, todos os semestres, encarregar-se da crítica de tradução de uma dada obra. Esta crítica poderá ocorrer após a publicação da obra, ou até mesmo antes, uma vez que possibilitaria à editora a obtenção de uma avaliação da tradução antes de proceder à sua publicação. Outra possibilidade seria o estabelecimento de protocolos entre diversas editoras e a Faculdade de Letras, a fim de disponibilizar estágios de tradução com o propósito de elaborar críticas de traduções.

“Whereas in translating the learners are themselves part of, and involved in, the translation process, in translation criticism they can watch the process from outside and analyse it’s constituents at a distance.” (Nord 2005: 180)

Outro aspeto a favor da inclusão da crítica de tradução no percurso académico de futuros tradutores são as perspetivas de empregabilidade. Muitas empresas exigem dos seus tradutores que desempenhem o papel de revisor. Outras empresas angariam especialistas para o posto de revisor a fim de desenvolver precisamente o trabalho de revisão.

“Later on, in their professional life, the students may also require the ability to assess the quality of a translation, since in industry or administration translators are often employed as translation revisers.” (Nord 2005: 181)

A revisão é, alias, uma parte importantíssima tanto do processo de tradução como da crítica de tradução e não deve ser negligenciada. Por este motivo, e a fim de fortalecer a aplicabilidade do modelo da crítica de tradução na formação de tradutores, a revisão é parte integrante do processo, consistindo na sexta e última etapa.

Retomando, de novo, o quadro teórico, gostaríamos de acrescentar alguns aspetos de clarificação. O quadro foi, tal como mencionado anteriormente, desenvolvido por uma questão de necessidade, que não pôde ser solucionada de outra forma. O levantamento feito por Chesterman (1997) abrange, sem dúvida, grande parte das estratégias que decidimos incluir no quadro que propomos e, aliás, esteve na base do mesmo. No entanto, a organização das estratégias, as explicações e os exemplos das mesmas na obra estendem-se

por várias páginas. O formato em tabela parece-nos ser mais transparente e claro, facilitando a consulta. Em relação à construção do quadro que apresentamos, estamos cientes de que não abrange a totalidade das estratégias de tradução existentes, e muito menos todos os autores que sobre elas se pronunciaram. No entanto, um quadro que englobasse todos esses fatores tornar-se-ia extremamente complexo, o oposto do nosso objetivo. Desta forma, optámos por incluir no quadro as estratégias que nos pareceram mais importantes e mais comumente utilizadas. A escolha dos autores que o quadro apresenta não foi efetuada em detrimento de outros, mas sim em função da acessibilidade das explicações. Cada estratégia apresentada poderia ser acompanhada de inúmeras citações e definições de vários autores, no entanto, e pelos motivos acima expostos, optámos por reduzi-las.

O quadro deverá, tal como mencionámos anteriormente, ser encarado como uma ferramenta para o crítico, o tradutor e os estudantes de tradução. Deverá servir como material de apoio, fornecendo as bases necessárias para incentivar os alunos de tradução a proceder à pesquisa da informação que não consta no quadro. Idealmente, cada utilizador do quadro continuará a sua construção, acrescentando as informações que julga serem pertinentes para o seu trabalho.

Gostaríamos ainda de focar a reflexão que, como julgamos ter demonstrado no quarto e último capítulo, desempenha um papel fundamental. A redação de um relatório de tradução obriga à reflexão. Ao ter que expor as principais dificuldades, as opções de tradução tomadas e os motivos que estão por detrás dessas escolhas, o tradutor processa e reflete sobre o trabalho que desenvolveu. Ao passar por um processo reflexivo aprofundado, o tradutor pode chegar a novas hipóteses e opções de tradução que não lhe tinham surgido anteriormente. O mesmo se aplica à redação de relatórios de revisão ou à elaboração de críticas para especialistas. De entre os discursos da tradução analisados por Berman (1989) – efetuados pelas mais variadas áreas do conhecimento – é o discurso da reflexividade, a tradutologia, que o autor louva. A tradutologia consiste na reflexão durante o ato da tradução. Estamos, então, perante o binómio experiência / reflexão que, segundo Berman (1989), apresenta o verdadeiro discurso da tradução.

“Il n'est ni « scientifique », ni « littéraire ». Il ne remplace pas (et n'ambitionne pas de remplacer) la linguistique, la sémiotique, la littérature comparée, etc. Il se tient bien plutôt à côté de ces savoirs. Il est l'équivalent, pour la traduction, du discours critique de la littérature sur elle-même. Musil disait que la critique était « tissée » à la littérature. Le discours traductologique, lui, se fonde sur la *réflexivité originnaire du traduire*.” Berman (1989: 676)

Julgamos ter cumprido os objetivos desta dissertação. O quadro teórico provou ser de grande utilidade tanto para a análise do *corpus* como para a prática de tradução propriamente dita. O modelo de crítica de tradução que propusemos também cumpriu os seus principais objetivos, encaminhando-nos para uma crítica mais equilibrada.

Aspiramos ter contribuído para o desenvolvimento e a visibilidade da crítica de tradução e para a formação de tradutores. Ambos beneficiariam imensuravelmente uma da outra, revelando-se, assim, a existência de uma relação simbiótica entre a crítica de tradução e a formação de tradutores. Por fim, esperamos que a presente dissertação estimule o futuro desenvolvimento da crítica de tradução como prática e como campo de investigação.

Bibliografia

HOSSEINI, Khaled (2003). *The Kite Runner*. Londres: Bloomsbury.

HOSSEINI, Khaled (2003). *O Menino de Cabul*. Trad. de Sofia Gomes (2013). Lisboa: Editorial Presença.

ALVES, Regysane B. C. (2009). *A crítica de traduções na teoria e na prática: o caso da “Versão Brasileira”*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica.

AMMAN, Margret (1990). Anmerkungen zu einer Theorie der Übersetzungskritik und ihrer praktischen Anwendung', *TEXTconTEXT* 6.

BAKER, Mona (1992). *In other Words: A Coursebook on Translation*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

BAKER, Mona e SALDANHA, Gabriela (1998). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Nova Iorque: Routledge.

BARRENTO, João (2002). *O Poço de Babel – Para uma poética da tradução literária*. Lisboa: Relógio D'Água.

BASSNETT, Susan (1991). *Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

BENJAMIN, Walter (1923). “The Task of the Translator, An Introduction to *Baudelaire's Tableaux Parisiens*”, capítulo 1 in *The Translation Studies Reader*. Trad. de Harry Zohn (1968), Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 15-257.

BENTO, José (2003). *Alguns Motetos*. Lisboa: Assírio & Alvim.

BERMAN, Antoine (1985). “Translation and the Trial of the Foreign”, capítulo 18 in *The Translation Studies Reader*. Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 285-297.

BERMAN, Antoine (1989). *La Traduction et ses Discours. Meta: Translator's Journal*, vol. 34, nº 4, p.672-679.

BERMAN, Antoine (1995). *Towards a Translation Criticism: John Donne*. Ohio: Kent State University Press.

BERMAN, Antoine (1999). *La Traduction et la Lettre. Ou l'Auberge du Lointain*. Paris: Seuil.

BI, Lingling (2012). *A Semiotic Approach to Literary Translation Criticism*. http://ruc.udc.es/bitstream/2183/13328/1/CC-130_art_34.pdf
(Consultado a 06.10.15)

VAN DEN BROECK, Raymund (1985). “Second Thoughts on Translation Criticism: A model of its analytic functions” em *The Manipulation of Literature*, Editor Theo Hermans. Nova Iorque: St. Martin's Press: 54-62

VAN DEN BROECK, Raymund (1986). "Contrastive Discourse Analysis as a Tool for the Interpretation of Shifts in Translated Texts" em *Inerlingual and Intercultural Communication*, Editores Juliane House e Shoshana Blum-Kulka. Tübingen: Narr. 37-47

BUSSMANN, Hadumod (1996). *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. Londres e Nova Iorque: Routledge

CARDOZO, Maurício Mendonça (2004). *Solidão e Encontro: Prática e Espaço da Crítica de Tradução Literária*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

CHESTERMAN, Andrew (1997). *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamin's Publishing Company.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo

Dicionário de Inglês-Português (2011). Porto: Porto Editora.

Dicionário de Português-Inglês (2011). Porto: Porto Editora.

ECO, Umberto (2011). *O Nome da Rosa*. Lisboa: Gradiva.

EVANS, Vyvyan e GREEN, Melanie (2006). *Cognitive Linguistics an Introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press.

FREUD, Sigmund (1997). *A Interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.

FROTA, Paula (2000). *A Singularidade na Escrita Tradutora: A linguagem e subjetividade nos estudos de tradução*. São Paulo: Editora Pontes.

GIDEON, Toury (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

HARTMAN, R. R. K. e STORK, F. (1973) *Dictionary of Language and Linguistics*. Londres: Applied Science Publishers LTD.

HEWSON, Lance (2011). *An Approach to Translation Criticism*. Nova Iorque: John Benjamin B.V.

HILL, Amelia (2003). *An Afghan hounded by his past. The Guardian*
<http://www.theguardian.com/books/2003/sep/07/fiction.features1>
(Consultado a 03.03.2016)

HOLMES, James S. (1988). *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdão: Rodopi.

HORGUELIN, Paul (1981). *Anthologie de la Manière de Traduire: domaine français*. Montreal: Linguatex

HOUSE, Juliane (1977). *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr.

HOUSE, Juliane (1997). *Translation Quality Assessment: A Model Revisited*. Tübingen: Narr.

HOUSE, Juliane (2015). *Translation Quality Assessment. Past and Present*. Nova Iorque: Routledge.

JAKOBSON, Roman (1959). "On Linguistic Aspects of Translation", capítulo 8 in *The Translation Studies Reader*. Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. (113-118).

JOYA, Malaila (2009). *A Woman Amongst Warlords: The extraordinary story of an Afghan who dared to raise her voice*. Nova Iorque: Scribner Book Company.

KOLLER, Werner (1974). "Anmerkungen zu Definitionen des Übersetzungs'vorgangs' und der Übersetzungskritik" em *Aspekte der Theoretischen, Sprachenpaarbezogenen und Angewandten Sprachwissenschaft*. Heidelberg: Groos: (35-45).

KUPSCH-LOSEREIT, Sigrid (1986). "Scheint eine schöne Sonne? Oder: Was ist ein Übersetzungsfehler?", in *Lebende Sprachen*. Editores Peter A. Schmitt e Reinhold Werner. V. 31, n.1. De Gruyter: 12-16.

LACKOFF, George e JOHNSON, Mark (1980). *Metaphors we live by*. Chicago e Londres: The University of Chicago.

LADMIRAL, Jean-René (2015). *Sourcier ou Cibliste*. Paris : Les Belles Lettres

LAMOSA, Sara (2008). "Description in the Translation Classroom" in *Beyond Descriptive Translation Studies, Investigation in Homage to Gideon Toury*. Editores Anthony Pym, Miriam Shlesinger e Daniel Simeoni. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins. (233-246).

LANDERS, Clifford E. (2001). *Literary Translation: A practical guide*. Clevedon e Sydney: Multilingual Matters.

MATSUMOTO, David (2009). *The Cambridge Dictionary of Psychology*. Cambridge e Tóquio: Cambridge University Press.

MESCHONNIC, Henri (1973). *Pour la Poétique II, L'épistémologie de l'écriture poétique de la traduction*. Paris: Gallimard.

MOUNIN, George (1955/2016). *Les Belles Infidèles*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion

MUNDAY, Jeremy (2001). *Introducing Translation Studies*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

NEWMARK, Peter (1991). *About Translation*. Clevedon, Filadélfia e Adelaide: Multilingual Matters.

NEWMARK, Peter (1995). *A Textbook of Translation*. Londres: Phoenix Elt.

NEWMARK, Peter (1998). *More Paragraphs on Translation*. Clevedon e Johannesburgo: Multilingual Matters.

NIDA, Eugene (1964). "Principles of Correspondence", capítulo 9 in *The Translation Studies Reader*. Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 127-140.

NORD, Christiane (2005). *Text Analysis in Translation*. Amsterdão e Nova Iorque: Rodopi.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia Maia e ALVES, Fábio (2005). *Competência em Tradução: Cognição e Discurso*. Belo Horizonte: UFMG

POPOVIČ, Anton (1976). *Dictionary for the Analysis of Literary Translation*. Departamento de Literatura Corporativa, Universidade de Alberta.

PYM, Anthony (1992). "Translation Error Analysis and the Interface with Language Teaching" in *The Teaching of Translation*. Editores Cay Dollerup e Anne Loddegaard. Amsterdão: John Benjamins. 279 – 288.

REINART, Sylvia (2013). *Lost in Translation (Criticism)?: Auf dem Weg zu einer Konstruktiven Übersetzungskritik*. Berlin: Frank und Timme.

REISS, Katharina (1971). "Type, Kind and Individuality of Text: Decision making in translation", capítulo 12 in *The Translation Studies Reader*. Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 160-171.

REISS, Katharina (1971). *Translation Criticism – The Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment*. Trad. de Erroll F. Rhodes (2000). Nova Iorque: Routledge

REISS, Katharina e VERMEER, Hans J. (1984). *Grundlegungen einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (1813). *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Trad. de José M. M. Justo, (2003). Porto: Porto Editora.

SHAW, Harry (1982). *Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: Dom Quixote

SIMPSON, Ekudanyo O. (1975). *Methodology in Translation Criticism. Meta: Translator's Journal*, vol. 20, nº 4, p. 251-262.

STEINER, George (1975). *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Londres: Oxford University Press.

The Concise Oxford Dictionary (1934). Londres e Toronto: Oxford University Press.

TOURY, Gideon (1978). "The Nature and Role of Norms in Translation", capítulo 16 in *The Translation Studies Reader*. Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 199-210.

TOURY, Gideon (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins.

VENUTI, Lawrence (1995). *The Translators Invisibility: A history of translation*. Londres: Routledge.

VENUTI, Lawrence (1998). *The Scandals of Translation: Towards an ethics of difference*. Londres: Routledge.

VENUTI, Lawrence e BAKER, Mona (2000). *The Translations Studies Reader*. Londres: Routledge.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean (1958). "A Methodology for Translation", capítulo 6 in *The Translation Studies Reader*. Trad. Juan C. Sager e M. J. Hammel (2000). Editor Lawrence Venuti. Londres e Nova Iorque: Routledge. 84-93

WECHSLER, Robert (1998). *Performing without a stage: the art of literary translation*. North Haven: Catbird Press.

WILLS, Wolfram (1982). *Science of Translation: Problems and Methods*. Tübingen: John Benjamins

Sitografia

ALVES, Regysane Botelho Cutrim (2009). *A Crítica de Traduções na Teoria e na Prática: o Caso da "Versão Brasileira"*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.

http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13974/13974_1.PDF

Acedido a 17.04.2016

DURDUREANO, Ioana Irina (2010). *Traduction et Typologie des Textes. Pour une définition de la traduction «correcte»*. Universidade de Lași

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9808.pdf>

Acedido a 08.05.2016

ELMGRAB, Ramadan Ahmed (2013). *Evaluation of Translation Errors: Procedures and Criteria*. Bengasi: Universidade de Bengasi

<http://www.ipedr.com/vol62/013-ICLMC2013-M10021.pdf>

Acedido a 25.05.2016

FERREIRA, Luciane; GOLDNADEL, Marcos e KNAUSPENHAR, Daiana Grings (2007). *A Tradução da Metáfora: uma abordagem cognitiva*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Vol. 5, nº8

http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_8_a_traducao_da_metafora.pdf

Acedido a 05.06.2016

FROTA, Maria Paula (2006). *Erros e Lapsos de Tradução: Um Tema para o Ensino*. Florianópolis: Cadernos de Tradução, Vol. 1, nº17.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6859/6411>

Consultado a 17.11.2015

YOUNG, Lucie (2007). *Kabul in despair*. *The Daily Telegraph*

Acedido em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/3665261/Despair-in-Kabul.html>

Consultado a 07.10.2015

MARTINS, Helder (1999). *A Crítica da Tradução Literária*. Florianópolis: Cadernos de Tradução, Vol. 1, nº 4

Acedido em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5524>

Consultado a 25.05.2016

Øverås, Linn (1998). *In search of the third code: An Investigation on Norms of Literary Translation*. Meta: Translator's Journal, vol. 43. Nº4.

<http://www.erudit.org/revue/meta>

Consultado a 06.10.2015

PERDUE, M. Clive (1980). *L'analyse des erreurs: un bilan pratique*. Langages, 14^e année, nº 57. [Http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1980_num_14_57_1840](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1980_num_14_57_1840)

SOKOLOVA, Nadezda (2013). Estudo das colocações lexicais nos sistemas linguísticos português e russo e o seu papel no ensino – aprendizagem do PLE. Universidade do Minho <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24033/1/Nadezda%20Sokolova.pdf>

Consultado a 25.06.2016

Wafa, Abdul (2008). *The Kite Runner – Film outlawed in Afghanistan*. [The New York Times](http://www.nytimes.com/2008/01/16/world/asia/16kiterunner.html?_r=0)

http://www.nytimes.com/2008/01/16/world/asia/16kiterunner.html?_r=0

Consultado a 01.03.2016

<http://sprecherkrper1gr2.weebly.com/hazara-and-pashtun-conflict.html>

Consultado a 07.12.2015

https://en.wikipedia.org/wiki/Khaled_Hosseini

Consultado a 07.12.2015

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Past%C3%B3s>

Consultado a 07.12.2015

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hazaras>

Consultado a 07.12.2015

https://en.wikipedia.org/wiki/The_Kite_Runner

Consultado a 25.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/A_Thousand_Splendid_Suns

Consultado a 27.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/And_the_Mountains_Echoed

Consultado a 27.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Santa_Clara_University

Consultado a 27.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Malalai_Joya

Consultado a 29.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Raising_My_Voice

Consultado a 29.01.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Henri_Meschonnic

Consultado a 26.02.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Gideon_Toury

Consultado a 26.02.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Itamar_Even-Zohar

Consultado a 27.02.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Tel_Aviv_University

Consultado a 27.02.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Lawrence_Venuti

Consultado a 29.02.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/The_Translator%27s_Invisibility

Consultado a 29.02.2016

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mecanismos_de_enfrentamento

Consultado a 03.03.2016

https://fr.wikipedia.org/wiki/Georges_Mounin

Consultado a 15.03.2016

https://fr.wikipedia.org/wiki/Belles_infid%C3%A8les

Consultado a 15.03.2016

https://fr.wikipedia.org/wiki/Traduttore,_traditore

Consultado a 15.03.2016

<http://khaledhosseini.com/>

Consultado a 20.03.2016

https://de.wikipedia.org/wiki/Katharina_Rei%C3%9F

Consultado a 23.03.2016

https://de.wikipedia.org/wiki/Christiane_Nord

Consultado a 23.03.2016

http://expresso.sapo.pt/blogues/blogue_chamem_me_o_que_quiserem/2016-06-30-Tradutor-traidor--Traduttore-traditore-

Consultado a 05.04.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Domestication_and_foreignization

Consultado a 11.04.2016

<http://termcoord.eu/2015/06/foreignization-or-domestication/>

Consultado a 11.04.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Saur_Revolution

Consultado a 20.04.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Education_in_the_United_States

Consultado a 25.04.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Immigration_and_Naturalization_Service

Consultado a 28.04.2016

https://de.wikipedia.org/wiki/Werner_Koller

Consultado a 05.05.2016

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%A9stica_cognitiva

Consultado a 15.05.2016

http://www.pucminas.br/destaques/index_interna.php?pagina=2520

Consultado a 15.05.2016

https://de.wikipedia.org/wiki/Jean-Ren%C3%A9_Ladmiral

Consultado a 22.05.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Hans_Vermeer

Consultado a 19.06.2016

https://en.wikipedia.org/wiki/Skopos_theory

Consultado a 19.06.2016

<http://web.letras.up.pt/egalvao/prEN-15038.pdf>

Consultado a 03.07.2016

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Bento_\(poeta\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Bento_(poeta))

Consultado a 17.08.2016

Anexo I: Excerto original

Lore has it my father once wrestled a black bear in Baluchistan with his bare hands. If the story had been about anyone else, it would have been dismissed as *laaf*, that Afghan tendency to exaggerate – sadly, almost a national affliction; if someone bragged that his son was a doctor, chances were the kid had once passed a biology test in high school. But no one ever doubted the veracity of any story about Baba. And if they did, well, Baba did have those parallel scars coursing a jagged path down his back. I have imagined Baba’s wrestling match countless times, even dreamed about it. And in those dreams, I can never tell Baba from the bear.

It was Rahim Khan who first referred to him as what eventually became Baba’s famous nickname, *Toophan agha*, or “Mr. Hurricane”. It was an apt enough nickname. My father was a force of nature, a towering Pashtun specimen with a thick beard, a wayward crop of curly brown hair as unruly as the man himself, hands that looked capable of uprooting a willow tree, and a black glare that would “drop the devil to his knees begging for merci”, as Rahim Khan used to say. At parties, when all six-foot-five of him thundered into the room, attention shifted to him like sunflowers turning to the sun.

Baba was impossible to ignore, even in his sleep. I used to bury cotton wisps in my ears, pull the blanket over my head, and still the sounds of Baba’s snoring — so much like a growling truck engine — penetrated the walls. And my room was across the hall from Baba’s bedroom. How my mother ever managed to sleep in the same room as him is a mystery to me. It’s on the long list of things I would have asked my mother if I had ever met her.

In the late 1960s, when I was five or six, Baba decided to build an orphanage. I heard the story through Rahim Khan. He told me Baba had drawn the blueprints himself despite the fact that he’d had no architectural experience at all. Skeptics had urged him to stop his foolishness and hire an architect. Of course, Baba refused, and everyone shook their heads in dismay at his obstinate ways. Then Baba succeeded and everyone shook their heads in awe at his triumphant ways. Baba paid for the construction of the two-story orphanage, just off the main strip of Jadeh Maywand south of the Kabul River, with his own money. Rahim Khan told me Baba had personally funded the entire project, paying for the engineers, electricians, plumbers, and laborers, not to mention the city officials whose “mustaches needed oiling”.

It took three years to build the orphanage. I was eight by then. I remember the day before the orphanage opened, Baba took me to Ghargha Lake, a few miles north of Kabul. He asked

me to fetch Hassan too, but I lied and told him Hassan had the runs. I wanted Baba all to myself. And besides, one time at Ghargha Lake, Hassan and I were skimming stones and Hassan made his stone skip eight times. The most I managed was five. Baba was there, watching, and he patted Hassan on the back. Even put his arm around his shoulder.

We sat at a picnic table on the banks of the lake, just Baba and me, eating boiled eggs with *kofta* sandwiches – meatballs and pickles wrapped in *naan*. The water was a deep blue and sunlight glittered on its looking glass-clear surface. On Fridays, the lake was bustling with families out for a day in the sun. But it was midweek and there was only Baba and me, us and a couple of longhaired, bearded tourists – “hippies,” I’d hear them called. They were sitting on the dock, feet dangling in the water, fishing poles in hand. I asked Baba why they grew their hair long, but Baba grunted, didn’t answer. He was preparing his speech for the next day, flipping through a havoc of handwritten pages, making notes here and here with a pencil. I bit into my egg and asked Baba if it was true what a boy in school had told me, that if you ate a piece of eggshell you’d have to pee it out. Baba grunted again.

I took a bite of my sandwich. One of the yellow-haired tourists laughed and slapped the other one on the back. In the distance, across the lake, a truck lumbered around a corner on the hill. Sunlight twinkled in its side-view mirror.

“I think I have *saratan*,” I said. Cancer. Baba lifted his head from the pages flapping in the breeze. Told me I could get the soda myself, all I had to do was look in the trunk of the car.

Outside the orphanage, the next day, they ran out of chairs. A lot of people had to stand to watch the opening ceremony. It was a windy day, and I sat behind Baba on the little podium just outside the main entrance of the new building. Baba was wearing a green suit and a caracul hat. Midway through the speech, the wind knocked his hat off and everyone laughed. He motioned to me to hold his hat for him and I was glad to, because then everyone would see that he was *my* father, *my* Baba. He turned back to the microphone and said he hoped the building was sturdier than his hat, and everyone laughed again. When Baba ended his speech, people stood up and cheered. They clapped for a long time. Afterward, people shook his hand. Some of them tousled my hair and shook my hand too. I was so proud of Baba, of us.

But despite Baba’s successes, people were always doubting him. They told Baba that running a business wasn’t in his blood and he should study law like his father. So Baba proved them all wrong by not only running his own business but becoming one of the richest

merchants in Kabul. Baba and Rahim Khan built a wildly successful carpet exporting business, two pharmacies, and a restaurant.

When people scoffed that Baba would never marry well – after all, he was not of royal blood – he wedded my mother, Sofia Akrami, a highly educated woman universally regarded as one of Kabul’s most respected, beautiful, and virtuous ladies. And not only did she teach classic Farsi literature at the university, she was a descendant of the royal family, a fact that my father playfully rubbed in the skeptics’ faces by referring to her as “my princess”.

With me as the glaring exception, my father molded the world around him to his liking. The problem, of course, was that Baba saw the world in black and white. And he got to decide what was black and what was white. You can’t love a person who lives that way without fearing him too. Maybe even hating him a little.

When I was in fifth grade, we had a mullah who taught us about Islam. His name was Mullah Fatiullah Khan, a short, stubby man with a face full of acne scars and a gruff voice. He lectured us about the virtues of *zakat* and the duty of *hadj*; he taught us the intricacies of performing the five daily *namaz* prayers, and made us memorize verses from the Koran – and though he never translated the words for us, he did stress, sometimes with the help of a stripped willow branch, that we had to pronounce the Arabic words correctly so God would hear us better. He told us one day that Islam considered drinking a terrible sin; those who drank would answer for their sin on the day of *Qiyamat*, Judgment Day. In those days, drinking was fairly common in Kabul. No one gave you a public lashing for it, but those Afghans who did drink did so in private, out of respect. People bought their scotch as “medicine” in brown paper bags from selected “pharmacies”. They would leave with the bag tucked out of sight, sometimes drawing furtive, disapproving glances from those who knew about the store’s reputation for such transactions.

We were upstairs in Baba’s study, the smoking room, when I told him what Mullah Fatiullah Khan had taught us in class. Baba was pouring himself a whiskey from the bar he had built in the corner of the room. He listened, nodded, took a sip from his drink. Then he lowered himself into the leather sofa, put down his drink, and propped me up on his lap. I felt as if I were sitting on a pair of tree trunks. He took a deep breath and exhaled through his nose, the air hissing through his mustache for what seemed an eternity. I couldn’t decide whether I wanted to hug him or leap from his lap in mortal fear.

"I see you've confused what you're learning in school with actual education," he said in his thick voice.

"But if what he said is true then does it make you a sinner, Baba?"

"Hmm." Baba crushed an ice cube between his teeth. "Do you want to know what your father thinks about sin?"

"Yes."

"Ten I'll tell you," Baba said, "but first understand this and understand it now, Amir: You'll never learn anything of value from those bearded idiots".

"You mean Mullah Fatiullah Khan?"

Baba gestured with his glass. The ice clinked. "I mean all of them. Piss on the beards of all those self-righteous monkeys."

I began to giggle. The image of Baba pissing on the beard of any monkey, self-righteous or otherwise, was too much.

"They do nothing but thumb their prayer beads and recite a book written in a tongue they don't even understand." He took a sip. "God help us all if Afghanistan ever falls into their hands."

"But Mullah Fatiullah Khan seems nice," I managed between bursts of tittering.

"So did Genghis Khan," Baba said. "But enough about that. You asked about sin and I want to tell you. Are you listening?"

"Yes," I said, pressing my lips together. But a chortle escaped through my nose and made a snorting sound. That got me giggling again.

Baba's stony eyes bore into mine and, just like that, I wasn't laughing anymore. "I mean to speak to you man to man. Do you think you can handle that for once?"

"Yes, Baba jan," I muttered, marveling, not for the first time, at how badly Baba could sting me with so few words. We'd had a fleeting good moment – it wasn't often Baba talked to me, let alone on his lap – and I'd been a fool to waste it.

"Good," Baba said, but his eyes wondered. "Now, no matter what the mullah teaches, there is only one sin, only one. And that is theft. Every other sin is a variation of theft. Do you understand that?"

"No, Baba jan," I said, desperately wishing I did. I didn't want to disappoint him again.

Baba heaved a sigh of impatience. That stung too, because he was not an impatient man. I remembered all the times he didn't come home until after dark, all the times I ate dinner

alone. I'd ask Ali where Baba was, when he was coming home, though I knew full well he was at the construction site, overlooking this, supervising that. Didn't that take patience? I already hated all the kids he was building the orphanage for; sometimes I wished they'd all died along with their parents.

"When you kill a man, you steal a life," Baba said. "You steal his wife's right to a husband, rob his children of a father. When you tell a lie, you steal someone's right to the truth. When you cheat, you steal the right to fairness. Do you see?"

I did. When Baba was six, a thief walked into my grandfather's house in the middle of the night. My grandfather, a respected judge, confronted him, but the thief stabbed him in the throat, killing him instantly – and robbing Baba of a father. The townspeople caught the killer just before noon the next day; he turned out to be a wanderer from the Kunduz region. They hanged him from the branch of an oak tree with still two hours to go before afternoon prayer. It was Rahim Khan, not Baba, who had told me that story. I was always learning things about Baba from other people.

"There is no act more wretched than stealing, Amir," Baba said. "A man who takes what's not his to take, be it a life or a loaf of *naan*. . . I spit on such a man. And if I ever cross paths with him, God help him. Do you understand?"

I found the idea of Baba clobbering a thief both exhilarating and terribly frightening. "Yes, Baba."

"If there's a God out there, then I would hope he has more important things to attend to than my drinking scotch or eating pork. Now, hop down. All this talk about sin has made me thirsty again."

I watched him fill his glass at the bar and wondered how much time would pass before we talked again the way we just had. Because the truth of it was, I always felt like Baba hated me a little. And why not? After all, I *had* killed his beloved wife, his beautiful princess, hadn't I? The least I could have done was to have had he decency to have turned out a little more like him. But I hadn't turned out like him. Not at all.

IN SCHOOL, we used to play a game called *Sherjangi*, or "Battle of the Poems". The Farsi teacher moderated it and it went something like this: You recited a verse from a poem and your opponent had sixty seconds to reply with a verse that began with the same letter that ended yours. Everyone in my class wanted me on their team, because by the time I was

eleven, I could recite dozens of verses from Khayyám, Hāfez, or Rumi's famous *Masnawi*. One time, I took on the whole class and won. I told Baba about it later that night, but he just nodded, muttered, "Good."

That was how I escaped my father's aloofness, in my dead mother's books. That and Hassan, of course. I read everything, Rumi, Hāfez, Saadi, Victor Hugo, Jules Verne, Mark Twain, Ian Fleming. When I had finished my mother's books – not the boring history ones, I was never much into those, but the novels, the epics – I started spending my allowance on books. I bought one a week from the bookstore near Cinema Park, and stored them in cardboard boxes when I ran out of shelf room.

Of course, marrying a poet was one thing, but fathering a son who preferred burying his face in poetry books to hunting. . . well, that wasn't how Baba had envisioned it, I suppose. Real men didn't read poetry – and God forbid they should ever write it! Real men – real boys played soccer just as Baba had when he had been young. Now *that* was something to be passionate about. In 1970, Baba took a break from the construction of the orphanage and flew to Tehran for a month to watch the World Cup games on television, since at the time Afghanistan didn't have TVs yet. He signed me up for soccer teams to stir the same passion in me. But I was pathetic, a blundering liability to my own team, always in the way of an opportune pass or unwittingly blocking an open lane. I shambled about the field on scraggy legs, squalled for passes that never came my way. And the harder I tried, waving my arms over my head frantically and screeching, "I'm open! I'm open!" the more I went ignored. But Baba wouldn't give up. When it became abundantly clear that I hadn't inherited a shred of his athletic talents, he settled for trying to turn me into a passionate spectator. Certainly I could manage that, couldn't I? I faked interest for as long as possible. I cheered with him when Kabul's team scored against Kandahar and yelled insults at the referee when he called a penalty against our team. But Baba sensed my lack of genuine interest and resigned himself to the bleak fact that his son was never going to either play or watch soccer.

I remember one time Baba took me to the yearly *Buzkashi* tournament that took place on the first day of spring, New Year's Day. Buzkashi was, and still is, Afghanistan's national passion. A *chapandaz*, a highly skilled horseman usually patronized by rich aficionados, has to snatch a goat or cattle carcass from the midst of a melee, carry that carcass with him around the stadium at full gallop, and drop it in a scoring circle while a team of other *chapandaz* chases him and does everything in its power – kick, claw, whip, punch – to snatch

the carcass from him. That day, the crowd roared with excitement as the horsemen on the field bellowed their battle cries and jostled for the carcass in a cloud of dust. The earth trembled with the clatter of hooves. We watched from the upper bleachers as riders pounded past us at full gallop, yipping and yelling, foam flying from their horses' mouths.

At one point Baba pointed to someone. "Amir, do you see that man sitting up there with those other men around him?"

I did.

"That's Henry Kissinger."

"Oh," I said. I didn't know who Henry Kissinger was, and I might have asked. But at the moment, I watched with horror as one of the *chapandaz* fell of his saddle and was trampled under a score of hooves. His body was tossed and hurled in the stampede like a rag doll, finally rolling to a stop when he melee moved on. He twitched once and lay motionless, his legs bent at unnatural angles, a pool of his blood soaking through the sand.

I began to cry.

I cried all the way back home. I remember how Baba's hands clenched around the steering wheel. Clenched and unclenched. Mostly, I will never forget Baba's valiant efforts to conceal the disgusted look on his face as he drove in silence.

Later that night, I was passing by my father's study when I overheard him speaking to Rahim Khan. I pressed my ear to the closed door.

"—grateful that he's healthy," Rahim Khan was saying.

"I know, I know. But he's always buried in those books or shuffling around the house like he's lost in some dream."

"And?"

"I wasn't like that." Baba sounded frustrated, almost angry.

Rahim Khan laughed. "Children aren't coloring books. You don't get to fill them with your favorite colors."

"I'm telling you," Baba said, "I wasn't like that at all, and neither were any of the kids I grew up with."

"You know, sometimes you are the most self-centered man I know," Rahim Khan said. He was the only person I knew who could get away with saying something like that to Baba.

"It has nothing to do with that."

"Nay?"

“Nay.”

“Then what?”

I heard the leather of Baba’s seat creaking as he shifted on it. I closed my eyes, pressed my ear even harder against the door, wanting to hear, not wanting to hear. “Sometimes I look out this window and I see him playing on the street with the neighborhood boys. I see how they push him around, take his toys from him, give him a shove here, a whack there. And, you know, he never fights back. Never. He just. . . drops his head and. . .

“So he’s not violent,” Rahim Khan said.

“That’s not what I mean, Rahim, and you know it,” Baba shot back. “There is something missing in that boy.”

“Yes, a mean streak.”

“Self-defense has nothing to do with meanness. You know what always happens when the neighborhood boys tease him? Hassan steps in and fends them off. I’ve seen it with my own eyes. And when they come home, I say to him, ‘How did Hassan get that scrape on his face?’ And he says, ‘He fell down.’ I’m telling you, Rahim, there is something missing in that boy.”

“You just need to let him find his way”, Rahim Khan said.

“And where is he headed?” Baba said. “A boy who won’t stand up for himself becomes a man who can’t stand up to anything.”

“As usual you’re oversimplifying.”

“I don’t think so.”

“You’re angry because you’re afraid he’ll never take over the business for you.”

“Now who’s oversimplifying?” Baba said. “Look, I know there’s a fondness between you and him and I’m happy about that. Envious, but happy. I mean that. He needs someone who. . . understands him, because God knows I don’t. But something about Amir troubles me in a way that I can’t express. It’s like. . . “I could see him searching, reaching for the right words. He lowered his voice, but I heard him anyway. “If I hadn’t seen the doctor pull him out of my wife with my own eyes, I’d never believe he’s my son.

THE NEXT MORNING, as he was preparing my breakfast, Hassan asked if something was bothering me. I snapped at him, told him to mind his own business.

Rahim Khan had been wrong about the mean streak thing.

Anexo II: Experiência de tradução: Tradução M. K.

Reza a lenda que o meu pai lutou com um urso-negro no Balochistão, com as suas próprias mãos. Se a história fosse sobre qualquer outra pessoa teria sido descartada como *laaf* – aquela tendência afegã de exagerar – lamentavelmente quase um mal nacional; se alguém se gabasse de ter um filho médico, o miúdo provavelmente tinha, em tempos, passado num teste de Biologia no Secundário. Mas nunca ninguém duvidava da veracidade das histórias de Baba. E se duvidassem, bem, Baba tinha mesmo aquelas três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas, delineando um caminho dentado. Imaginei a luta de Baba inúmeras vezes, até sonhei com ela. E nesses sonhos, nunca conseguia distinguir Baba do urso.

Foi Rahim Khan quem primeiro se referiu a Baba com aquela que viria a ser a sua famosa alcunha, *Toophan agha*, ou “Sr. Furacão”. Era uma alcunha adequada. O meu pai era uma força da natureza, um exemplar pastó enorme com uma barba grossa, uma safra desobediente de cabelo castanho encaracolado, tão desordeiro quanto ele próprio, mãos que pareciam capazes de desenraizar um salgueiro e um olhar negro capaz de “pôr o diabo de joelhos a pedir piedade”, como Rahim Khan costumava dizer. Em festas, quando os seus dois metros entravam de rompante na sala, a atenção girava para ele, como girassóis para o sol.

Era impossível ignorar Baba, mesmo quando dormia. Eu costumava enfiar fios de algodão nos ouvidos, puxar o cobertor para cima da cabeça e mesmo assim o som de Baba a ressonar – tão parecido com o rugir de um motor de camião – penetrava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele é um mistério para mim. Está na longa lista de coisas que eu lhe teria perguntado se alguma vez a tivesse conhecido.

No final dos anos 60, quando eu tinha cinco ou seis anos, Baba decidiu construir um orfanato. Soube da história por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado a planta apesar de não ter experiência nenhuma. Os cétricos exortaram-no a parar com essa loucura e a contratar um arquiteto. Claro que Baba se recusou e todos ficaram boquiabertos, consternados com a teimosia de Baba. Depois, Baba teve sucesso e todos ficaram boquiabertos, surpreendidos com o seu triunfo. Baba pagou, com o seu próprio dinheiro, a construção do orfanato de dois andares, mesmo ao pé de Jadeh Maywand, a sul do rio de

Cabul. Rahim Khan disse-me que Baba tinha financiado todo o projeto pessoalmente, pagara engenheiros, eletricitas, canalizadores e trabalhadores, para não falar dos funcionários municipais cujos “bigodes precisavam de brilhantina”.

A construção do orfanato demorou três anos. Tinha eu oito. Lembro-me da véspera da inauguração do orfanato, Baba levou-me ao lago Ghargha, a uns quilómetros a norte de Cabul. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti e disse-lhe que Hassan estava com soltura. Queria Baba só para mim. E para além disso, uma vez, no lago Ghargha, Hassan e eu estávamos a atirar pedras à água, e Hassan fez a pedra dele saltar oito vezes. O máximo que consegui foram cinco. Baba estava lá, a ver, e deu umas palmadinhas nas costas de Hassan. Até lhe pôs o braço à volta do ombro.

Estávamos sentados a uma mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos com sandes de *kofta* – almôndegas e pickles enrolados em *naan*. A água era de um azul profundo e o sol cintilava na sua superfície clara e espelhada. Todas as sextas, o lago enchia-se de famílias que passavam um dia ao sol. Mas era a meio da semana e só lá estávamos eu e Baba, nós e dois turistas barbudos de cabelo comprido – “hippies” era o que lhes chamavam. Estavam sentados no cais, com os pés a baloiçar na água, de canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas Baba grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o seu discurso para o dia seguinte, folheando uma confusão de folhas manuscritas, fazendo anotações aqui e ali. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei a Baba se era verdade o que um rapaz da escola me tinha dito, que se comesse um pedaço de casca de ovo, ela ia sair pelo chichi. Baba grunhiu outra vez.

Dei uma dentada na minha sandes. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e deu uma palmada nas costas do outro. Ao longe, do outro lado do lago, um camião andava aos trambolhões à volta do monte. O sol cintilava no espelho retrovisor.

– Acho que tenho *Saratan* – disse eu. Cancro. Baba ergueu a cabeça dos papéis que esvoaçavam na brisa. Disse-me que eu podia ir buscar o sumo sozinho, bastava ir ao porta-bagagens do carro.

No exterior do orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras. Muitas pessoas tinham que ficar de pé para assistir à cerimónia de inauguração. Era um dia ventoso e eu estava sentado atrás de Baba no pequeno pódio mesmo em frente da entrada principal do novo edifício. Baba usava um fato verde e um chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento

arrancou-lhe o chapéu e toda a gente se riu. Ele acenou-me para segurar no chapéu dele e eu estava feliz por fazê-lo, porque assim toda a gente iria ver que ele era o *meu* pai, o *meu* Baba. Voltou-se para o microfone e disse que esperava que o edifício fosse mais robusto do que o seu chapéu, e todos se riram outra vez. Quando Baba acabou o discurso as pessoas aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, deram-lhe apertos de mão. Algumas delas afagavam-me o cabelo e apertavam-me a mão. Estava orgulhoso de Baba, de nós.

Mas apesar dos sucessos de Baba duvidavam sempre dele. Disseram-lhe que gerir um negócio não lhe estava no sangue e que devia estudar Direito como o seu pai. Então Baba provou-lhes que estavam errados ao não só gerir o seu próprio negócio, mas também ao tornar-se um dos mercadores mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan abriram um negócio de exportação de tapetes extremamente bem-sucedido, duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas gozavam e diziam que Baba nunca iria fazer um bom casamento – afinal de contas ele não pertencia à família real – casou com a minha mãe, Sofia Akrami, uma mulher extremamente educada, mundialmente tida como uma das mulheres mais respeitadas, bonitas e virtuosas de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Pérsi Clássica na universidade, como era descendente da família real. Um facto que o meu pai, na brincadeira, esfregava na cara dos céticos ao referir-se-lhe como “a minha princesa”.

O meu pai moldava o mundo à sua maneira, comigo como exceção brilhante. O problema, claro, era que Baba via o mundo a preto e branco. E era ele quem decidia o que era preto e o que era branco. Não se pode amar uma pessoa que vive assim sem a rezear também. Talvez até odiá-la um pouco.

Quando eu estava no primeiro quinto ano, tínhamos um mulá que nos ensinava o Islão. O seu nome era Mulá Fatiullah Khan, um homem baixo e atarracado com a cara cheia de marcas de acne e uma voz áspera. Ensinava-nos as virtudes de *zakat* e o dever de *hadj*; ensinava-nos que tínhamos de rezar o *namaz* cinco vezes por dia e fazia-nos decorar versos do Corão – e, apesar de nunca traduzir as palavras para nós, salientava, por vezes com a ajuda de um ramo despido de salgueiro, que tínhamos de pronunciar as palavras em árabe corretamente para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o Islão considerava que beber era um pecado terrível, aqueles que bebiam iriam pagar pelos seus pecados no dia de *Qiyamat*, o dia do Juízo Final. Nessa altura, beber era relativamente comum em Cabul.

Ninguém era chicoteado por isso, mas aqueles afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam o seu uísque como “remédio” em sacos de papel de “farmácias” selecionadas. Costumavam esconder o saco, mas por vezes recebiam olhares furtivos de desaprovação, daqueles que conheciam a reputação da loja por fazer este tipo de transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe disse o que o Mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava no bar que ele tinha construído no canto da sala a servir-se um uísque. Ouviu-me, acenou com a cabeça, bebeu um gole. Depois instalou-se no sofá de pele, pousou a bebida e pegou-me ao colo. Parecia que estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Respirou fundo e expirou pelo nariz, o ar sibilava ao passar pelo seu bigode durante o que pareceu uma eternidade. Não sabia se devia abraçá-lo ou saltar, apavorado, do seu colo.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com a verdadeira educação – disse ele com a sua voz grossa.

– Mas se o que ele diz é verdade, isso faz de ti pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo entre os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Sim.

– Então vou dizer-te – disse Baba. – Mas primeiro percebe isto e percebe agora, Amir: nunca vais aprender nada de valor com esses idiotas barbudos.

– Estás a falar do Mulá Fatiullah Khan?

Baba gesticulou com o copo. O gelo tilintou.

– Estou a falar de todos eles. Mija na barba de todos esses macacos presunçosos.

Comecei às risadas. A imagem de Baba a mijar na barba de qualquer macaco, presunçoso ou não, era demais.

– Não fazem nada senão mexer nas contas dos rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles nem sequer percebem. – Deu um gole. – Que Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez cair nas mãos deles.

– Mas o Mulá Fatiullah Khan parece simpático – consegui dizer entre ataques de riso.

– O Gengis Khan também parecia – disse Baba – Mas chega deste tema. Perguntaste-me sobre o pecado e quero responder-te. Estás a ouvir?

– Sim – disse eu, apertando os lábios. Mas escapou-me um risinho pelo nariz que fez um som parecido a um ronco. Isso fez-me rir outra vez.

Os olhos duros de Baba penetraram os meus e, só assim, me passou logo toda a vontade de rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que consegues aguentas isso por uma vez que seja?

– Sim, Baba Jan – murmurei, admirado, como Baba me magoava com tão poucas palavras. Tínhamos passado uns instantes agradáveis - não era comum Baba falar comigo, muito menos comigo ao colo - e eu tinha sido um tolo em desperdiçá-lo.

– Bem – disse Baba, mas os seus olhos divagavam. – Ora, independentemente daquilo que o mulá ensinar, só existe um pecado, apenas um. E é o roubo. Todos os outros pecados são variações do roubo. Entendes?

– Não, Baba Jan – disse eu, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a desiludi-lo. Baba soltou um suspiro de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes em que ele chegou a casa depois de escurecer, de todas as vezes que jantei sozinho. Perguntava a Ali onde estava o Baba e quando chegaria a casa, mas eu sabia muito bem que ele estava na obra a vigiar isto, a supervisionar aquilo. Isso não requeria paciência? Eu já odiava todas as crianças para as quais ele estava a construir o orfanato; por vezes desejava que tivessem todas morrido com os pais.

– Quando matas um homem, roubas uma vida – disse Baba. – Roubas o direito da mulher dele de ter um marido, roubas o pai aos seus filhos. Quando dizes uma mentira, roubas a alguém o direito à verdade. Quando és desonesto roubas o direito à justiça. Estás a ver?

Estava. Quando Baba tinha seis anos um ladrão entrou na casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz respeitado, confrontou-o, mas o ladrão apunhalou-o no pescoço, matando-o instantaneamente – roubando o pai a Baba. Os habitantes da cidade apanharam

o assassino no dia seguinte, ainda antes do meio-dia, descobriu-se que era um vagabundo da região de Konduz. Enforcaram-no num tronco de carvalho ainda faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan e não Baba quem me contou esta história. Eu estava sempre a descobrir coisas novas sobre Baba através de outras pessoas.

– Não há ato mais deplorável do que roubar, Amir – disse Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida ou um *naan*... cuspo num homem desses. E se um dia me cruzo com ele, Deus o ajude. Estás a perceber?

A ideia de Baba a bater num ladrão era exaltante e terrivelmente assustadora ao mesmo tempo.

– Sim, Baba.

– Se existe um Deus, então espero que tenha coisas mais importantes a fazer do que reparar se bebo uísque ou como porco. Agora, salta daí. Esta conversa toda sobre o pecado deixou-me outra vez com sede.

Observei-o a encher o copo no bar e questionei-me quanto tempo iria passar até voltarmos a falar desta forma. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não? Afinal, eu tinha morto a sua amada esposa, a sua princesa linda, não tinha? O mínimo que eu podia ter feito era ter a decência de ser mais parecido com ele. Mas eu não tinha saído a ele. De todo.

Na escola costumávamos jogar um jogo chamado *Shenganji* ou “Batalha dos Poemas”. O professor de pársi moderava-o e funcionava mais ou menos assim: recitava-se um verso de um poema e a outra equipa tinha sessenta segundos para responder com um verso que começasse com a letra com que o outro tinha acabado. Toda a gente da turma me queria na equipa porque quando eu tinha onze anos sabia recitar dezenas de versos de Khayyám, Hãfez ou do famoso *Nasmawi* de Rumi. Uma vez, lutei contra a turma toda e ganhei. Conteí a Baba nessa noite, mas ele apenas acenou com a cabeça, murmurou, “que bom”.

Era assim que eu escapava à indiferença do meu pai, nos livros da minha mãe morta. Isso e Hassan, claro. Eu lia tudo, Rumi, Hãfez, Scadi, Victor Hugo, Jules Verne, Mark Twain, Ian Fleming. Quando acabei os livros da minha mãe – não os chatos de história, nunca gostei muito desses, mas os romances, os épicos – comecei a gastar a minha mesada em livros.

Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park e guardava-os em caixas de cartão quando ficava sem espaço nas prateleiras.

Claro que casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que prefere enterrar-se em livros de poesia a caçar... bem, não era como Baba o tinha imaginado, presumo. Homens de verdade não liam poesia – e escrevê-la muito menos! Homens de verdade – rapazes de verdade – jogavam futebol, tal como Baba quando era jovem. Ora isso, o futebol é que era apaixonante. Em 1970, Baba fez uma pausa na construção do orfanato e foi para Teerão durante um mês para ver os jogos do mundial na televisão, porque no Afeganistão ainda não havia televisão. Inscreveu-me em equipas de futebol para desencadear a mesma paixão em mim. Mas eu era patético, um prejuízo desajeitado para a minha equipa, sempre a empatar um passe oportuno ou a bloquear involuntariamente um corredor aberto.

Tropeçava pelo campo com pernas magricelas, gritava por passes que nunca vinham na minha direção. E quanto mais me esforçava, ao abanar freneticamente os braços por cima da cabeça a gritar “Estou livre! Estou livre!”, mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que evidente que eu não tinha herdado um pingo do seu talento desportivo, decidiu-se a tentar fazer de mim um espetador entusiástico. Certamente era capaz disso, não era? Fingi-me interessado o máximo de tempo que consegui. Festejei com ele quando a equipa de Cabul marcou contra o Candaar e insultei o árbitro aos berros quando assinalou um penalti contra a nossa equipa. Mas Baba sentiu a falta de interesse genuíno da minha parte e conformou-se com o facto de que o seu filho nunca iria jogar nem ver futebol.

Lembro-me de uma vez Baba me levar ao campeonato anual de *Buzkashi* que se deu no primeiro dia da primavera, dia de Ano Novo. *Buzkashi* era, e ainda é, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro extremamente qualificado normalmente apadrinhado por aficionados ricos, tem de roubar um cadáver de cabra ou gado do meio de uma multidão, carregar o cadáver com ele à volta do estádio a galope, e deixá-lo num círculo enquanto uma equipa de outros *chapandaz* o persegue e faz tudo o que está ao seu alcance – pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe roubar o cadáver. Nesse dia, a multidão rugiu de entusiasmo enquanto os cavaleiros no campo soltavam os seus gritos de luta e disputavam o cadáver numa nuvem de pó. A terra tremeu com o ruído dos cascos. Nós

vimos tudo das bancadas superiores enquanto os cavaleiros passavam galopando furiosamente, berrando e gritando, espuma a voar da boca dos seus cavalos.

A dada altura, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado com aqueles outros homens à sua volta?

Eu via-o.

– É o Henry Kissinger.

– Ah—Disse eu. Não sabia quem era o Henry Kissinger, e talvez tivesse perguntado. Mas nesse momento estava a ver com horror como um dos *chapandaz* caiu do seu selim e era espezinhado por vários cascos. O seu corpo foi atirado e virado na debandada como um boneco de trapos e quando a multidão seguiu viagem parou, finalmente, de rebolar. Contraíu-se uma vez e ficou imóvel, as suas pernas dobradas em ângulos anormais, uma poça de sangue a embeber a areia.

Comecei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me de como as mãos de Baba apertavam o volante. Apertavam e largavam. Sobretudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para esconder a expressão de revolta na cara dele enquanto guiava em silêncio.

Mais tarde nesse dia, eu estava a passar pelo escritório do meu pai quando por acaso o ouvi a falar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta.

– ... grato por ele ser saudável – disse Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas ele está sempre enterrado naqueles livros ou a vaguear pela casa como se estivesse perdido num sonho.

– E?

– Eu não era assim – Baba parecia frustrado, quase chateado.

Rahim Khan riu-se.

– Crianças não são livros de colorir. Não podemos pintá-las com as nossas cores preferidas.

– Estou-te a dizer – disse Baba – eu não era nada assim, e nenhuma das crianças com que cresci.

– Sabes, às vezes és o homem mais egocêntrico que conheço – disse Rahim Khan.

Ele era a única pessoa que eu conhecia que podia dizer coisas deste género a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Não?

– Não.

– Então com o quê?

Ouvi a pele da cadeira de Baba ranger enquanto ele se mexia. Fechei os olhos, encostei o ouvido ainda mais à porta, querendo e não querendo ouvir.

– Às vezes olho por esta janela e vejo-o a brincar na rua com os rapazes da vizinhança. Vejo como o empurram, como lhe tiram os brinquedos, como lhe dão um encontrão aqui, uma chapada ali. E sabes, ele nunca se defende. Nunca. Ele apenas... baixa a cabeça e...

– Ou seja, não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é disso que estou a falar Rahim, e tu sabes – ripostou Baba. – Falta qualquer coisa a este rapaz.

– Sim, um lado mau.

– Autodefesa não tem nada a ver com ser mau. Sabes o que acontece sempre que os rapazes da vizinhança o atormentam? Hassan intervém e defende-o. Vi-o com os meus próprios olhos. E quando eles voltam para casa eu digo-lhe “como é que o Hassan ficou com essa marca na cara?” e ele diz “caiu”. Estou-te a dizer, falta alguma coisa a este rapaz.

– Tens de o deixar encontrar o seu caminho – disse Rahim Khan.

– E que caminho é esse? – Disse Baba. – Um rapaz que não se defende a si próprio, tornar-se-á num homem que não consegue defender nada.

– Como sempre, estás a simplificar demais.

– Não me parece.

– Estás zangado porque estás com medo que ele nunca venha a gerir o teu negócio.

– Agora quem está a simplificar? – Disse Baba. – Olha, eu sei que há um carinho especial entre ti e ele e isso deixa-me feliz. Invejoso, mas feliz. Ele precisa de alguém que o perceba, porque Deus sabe que eu não o percebo. Mas há algo em Amir que me preocupa de uma forma que não consigo exprimir. É como...

Estava a vê-lo a procurar, tentar alcançar as palavras certas. Baixou a voz, mas ouvi-o ainda assim.

– Se não tivesse visto o médico a tirá-lo da minha mulher com os meus próprios olhos nunca acreditaria que é o meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me se estava tudo bem. Berrei com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado. Rahim Khan não tinha razão em relação àquela coisa do lado mau.

Anexo III: Experiência de tradução: Tradução S. G.

Diz quem sabe que um dia o meu pai lutou corpo a corpo com um urso-negro no Balochistão. Se o protagonista da história fosse outra pessoa qualquer, ela teria sido imediatamente atribuída à *laaf*, aquela terrível tendência afegã para o exagero – infelizmente, quase uma doença nacional; bastava um miúdo passar um exame de Biologia para o pai logo se gabar de ter um filho doutor. Mas da veracidade da valentia de Baba nunca ninguém duvidou. E, se alguém duvidasse, bem, Baba tinha realmente três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas. Imaginei a prova de valentia de Baba inúmeras vezes, até sonhava com ela. E nesses sonhos nunca se via qual era o Baba e qual era o urso.

Foi Rahim Khan quem pela primeira vez se lhe referiu pelo que acabou por se tornar a famosa alcunha de Baba, «*Toophan Agha*», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa, uma cabeleira aos caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de arrancar sozinhas um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa, todas as atenções se voltavam para ele, como os girassóis para o sol.

Era impossível não reparar em Baba, mesmo quando ele estava a dormir. Eu enfiava bolas de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o barulho que Baba fazia a ressonar – muito parecido com o do motor de um camião – atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele continua a ser um mistério para mim. É uma das muitas perguntas que eu lhe teria feito se a tivesse conhecido.

Em finais da década de 1960, tinha eu cinco ou seis anos, o meu pai decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado ele mesmo a planta, embora não possuísse qualquer experiência do assunto. Os mais céticos suplicaram-lhe que se deixasse de fantasias e contratasse um arquiteto. Baba recusou, claro, e todas as pessoas abanaram a cabeça, desesperadas com a teimosia dele. Mas afinal tudo correu bem, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, desta vez de espanto pelo seu triunfo. Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu próprio dinheiro. Rahim disse-me que Baba

financiou sozinho todo o projeto, remunerando engenheiros, eletricitas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ser engraxados».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ele ficou pronto. Lembro-me de, na véspera da inauguração, Baba me levar ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan tinha ido fazer recados. Queria Baba só para mim. E além disso quando, um dia, no mesmo lago Ghargha, Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra de Hassan deu oito saltos. O mais que eu consegui foi cinco. Baba estava lá, a ver tudo, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até pôs o braço em volta dos ombros dele.

Sentámo-nos a uma mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos e sanduíches de *kofta* – almôndegas e pickles entre duas fatias de *naan*. À sexta-feira, o lago enchia-se de famílias que iam passar um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá se viam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – *hippies*, era como lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés enfiados na água, de canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, folheando uma confusão de folhas manuscritas, acrescentando notas aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz me tinha dito na escola, que quando se engole um bocado de casca de ovo ela sai pelo chichi. Baba voltou a grunhir.

Comecei a comer a minha sanduíche. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e bateu nas costas do outro. Ao longe, do outro lado do lago, um camião saiu de uma curva na encosta. A luz do Sol refletia-se no retrovisor lateral.

– Acho que estou com *saratan* – anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos das folhas que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar a gasosa, que bastava procurá-la na bagageira do carro.

Em frente ao orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia de abertura. Estava muito vento e eu sentei-me atrás de Baba no pequeno pódio mesmo junto à porta principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu da cabeça e toda a

gente rompeu às gargalhadas. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu, e fiquei muito contente porque foi a maneira de dizer a toda a gente que ele era meu pai, o meu Baba. Voltou-se para o microfone e comentou que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, o que fez todos voltarem a rir-se. Quando Baba acabou de fazer o seu discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas fizeram-me festas no cabelo e também apertaram a minha mão. Eu estava tão orgulhoso de Baba, de nós dois.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, as pessoas pareciam não acreditar nele. Diziam a Baba que os negócios não lhe estavam na massa do sangue, que seria preferível estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que não tinham razão, pois não só soube gerir a sua empresa, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham uma empresa de exportação de tapetes que era um êxito estrondoso, mais duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas murmuravam que Baba nunca faria um bom casamento – pois na verdade não tinha sangue real –, ele casou com a minha mãe. Sofia Akrami, uma mulher com curso superior, considerada universalmente uma das mais respeitadas, belas e virtuosas senhoras de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Clássica Parse na faculdade, como era também descendente da família real, facto que o meu pai, de propósito, não se cansava de recordar aos mais cétricos tratando-a por «minha princesa».

À exceção da minha pessoa, o meu pai moldava o mundo à sua volta de acordo com a sua vontade. O problema, claro, é que Baba via o mundo a preto e branco. E tinha que decidir o que era preto e o que era branco. É impossível amar uma pessoa que vive dessa maneira sem temê-la um pouco. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no nono ano, tivemos um mulá que nos ensinava o islão. Chamava-se Fatiullah Khan, um homem baixo e gordo com a cara marcada da acne e uma voz roufenha. Fazia-nos sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que era obrigatório rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão – e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava claro, às vezes com o auxílio de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes corretamente para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o islão considerava a bebida um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do Qiyamat, ou do Juízo

Final. Nesse tempo, beber era comum em Cabul. Ninguém era repreendido em público por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam as suas garrafas de uísque embrulhadas em papel pardo a fingir que era «remédio» em certas «farmácias». Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação dos que os viam passar e sabiam quais os estabelecimentos onde se faziam tais transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava a servir-se de um uísque junto do bar que construía no canto da sala. Ouviu, concordou com a cabeça, deu um gole na sua bebida. Depois instalou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou longamente, expirou pelo nariz, o ar agitando o bigode durante o que me pareceu uma eternidade. Eu não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir apavorado do colo dele.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com a educação propriamente dita – disse num tom solene.

– Mas, se o que ele diz é verdade, tu és um pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo com os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Quero.

– Então vou dizer-te, mas primeiro ouve isto e ouve de uma vez, Amir: nunca aprenderás nada de valor com esses idiotas barbudos.

– Queres dizer o mulá Fatiullah Khan?

Baba fez um gesto largo com o copo. O gelo chocalhou lá dentro.

– Quero dizer todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir-me. A imagem de Baba a fazer chichi nas barbas de qualquer macaco, convencido ou não, era de mais.

– Só sabem fazer rolar as contas dos seus rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles nem compreendem – deu mais um gole. – Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez for parar às mãos deles.

– Mas o mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa – consegui dizer entre ataques de riso.

– Também o Gengiscão parecia – retorquiu Baba. – Bem, mas falemos de outras coisas. Queres saber o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

– Estou – respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou-se-me pelo nariz produzindo um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar inflexível de Baba fixou-se no meu e de um minuto para o outro passou-me a vontade de rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, por uma vez?

– Sim, Baba Jan – balbuciei, estarrecido, e não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro, não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo, e eu tinha sido um idiota ao desperdiçar esse momento.

– Ótimo – disse Baba, mas os seus olhos estavam noutra sítio. – Ora bem, seja o que for que o mulá te ensine, existe apenas um pecado, só um. E esse pecado é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

– Não, Baba Jan – respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a dececioná-lo.

Baba respirou fundo, um sinal de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que ele não voltou para casa depois de escurecer, de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que ele estava, quando é que ele vinha para casa, embora soubesse perfeitamente que estava na obra, a dirigir isto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir aquele orfanato; às vezes desejava que morressem todos, que fossem ter com os pais deles.

– Quando alguém mata um homem, rouba uma vida – explicou Baba. – Rouba à mulher dele um marido, um pai aos seus filhos. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o

direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Estás a compreender?

Eu estava. Quando Baba tinha seis anos, um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-o na garganta, matando-o instantaneamente – e roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade apanharam o assassino ainda antes da manhã seguinte terminar; era um caminhante proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no no ramo de um velho carvalho faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não Baba, quem me contou a história. Eu estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba por intermédio de outras pessoas.

– Não há nada mais abjeto que o roubo, Amir – continuou Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida seja um bocado de *naan*... merece o meu desprezo. E, se eu alguma vez me cruzar com ele, Deus o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão ao mesmo tempo hilariante e tremendamente assustadora.

– Sim, Baba.

– Se houver um Deus, com certeza tem mais a fazer que reparar se bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. Toda esta conversa acerca do pecado fez-me sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me daí a quanto tempo voltaria eu a conversar assim com ele. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu é que tinha matado a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa. O mínimo que eu podia fazer era ao menos tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. Nem um pouco.

Na escola, costumávamos fazer um jogo chamado *sherjangi* ou batalha de poemas. A professora de Parse era a moderadora e era mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que começasse com a mesma letra e completasse o outro. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo, porque aos onze anos eu já sabia de cor dúzias de poemas de Khayyám, Hãfez ou o famoso épico de Rumi, o *Masnawi*. Uma vez joguei contra a turma toda

e ganhei. Quando contei o que acontecera ao meu pai, ele abanou a cabeça e murmurou: «Muito bem.»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe. Os livros e Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hãfez, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain, Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe – não os aborrecidos sobre história, esses nunca me interessaram muito, mas os romances, as epopeias –, passei a gastar toda a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e comecei a guardá-los em caixas de cartão quando deixou de haver espaço nas prateleiras.

Claro, casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia enfiar a cabeça nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os homens a sério não leem poesia – quanto mais escrevê-la! Os homens a sério – os rapazes a sério – jogavam futebol, como Baba, na sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante. Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi passar um mês a Teerão, para assistir às transmissões televisivas dos jogos do Campeonato do Mundo, visto que na época ainda não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para infundir em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a estorvar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente as linhas. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando, por bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava, esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdaria nem a sombra dos seus talentos atléticos, ele decidiu fazer de mim um espectador informado. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. Rejubilei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou grande penalidade contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto de que o seu filho nunca seria nem um jogador nem um adepto de futebol.

Lembro-me do dia em que Baba me levou com ele ao torneio anual de *buzkashi* realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. O *buzkashi* era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do

meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros cavaleiros o persegue e faz tudo o que está ao seu alcance – aos pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam e lutavam pela carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra estremecia sob o estampido dos cascos. Das arquibancadas víamos os cavaleiros passar por nós a galope, brandindo o chicote e soltando guinchos, os cavalos a espumar.

De repente, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

Eu estava.

– É o Henry Kissinger.

– Oh – exclamei. Não fazia a mínima ideia de quem era o Henry Kissinger, e podia ter-lho dito. Mas no mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por um amontoado de cascos. O corpo dele foi arrastado num turbilhão como uma boneca de trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo voltou a circular. Piscou os olhos uma vez e ficou inerte, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

Desatei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me da força com que as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. Acima de tudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha no rosto enquanto conduzia sem dizer palavra.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta fechada.

– ...graças a Deus é saudável – dizia Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a cirandar pela casa, como se estivesse perdido.

– E?

– Eu não era assim. – Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

– As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

– Acredita – insistiu Baba. – Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos que conheci.

– Sabes, às vezes és o homem mais vaidoso que conheço – disse Rahim Khan. Era a única pessoa eu conhecia capaz de dizer esse tipo de coisas a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Ai, não?

– Não.

– Então tem a ver com o quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar quando Baba mudou de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, desejando ouvir, desejando não ouvir.

– Às vezes olho por aquela janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo-os empurrá-lo, tirarem-lhe os brinquedos, darem-lhe uma palmada aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca responde. Nunca. Ele... ali fica e...

– Quer dizer que não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é a isso que me refiro, Rahim, e tu sabes. Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

– Sim, maldade.

– O instinto de defesa não tem nada a ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o chateiam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa e eu pergunto: «Onde é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

– Tens de deixá-lo encontrar o caminho dele – disse Rahim Khan.

– Mas qual será? Um rapaz que não sabe defender-se, torna-se um homem que não sabe lutar por nada.

– Como sempre, estás a simplificar demasiado.

– Penso que não.

– Estás irritado porque tens medo que ele não te queira suceder nos negócios.

– E agora quem é que está a simplificar? Ouve, sei que há uma forte afinidade entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejoso, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e eu não sei explicar o que é. É como... – percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou o tom, mas mesmo assim ouvi tudo. – Se eu não tivesse visto o médico a tirá-lo da barriga da minha mulher com os meus próprios olhos, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. Fui bruto com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão nenhuma quando disse aquilo da maldade.

Anexo IV: Experiência de tradução: Tradução S. G. – Revisão com rasuras

Diz quem sabe que um dia o meu pai lutou ~~corpo a corpo~~ com um urso-negro no Balochistão. Se o protagonista da história fosse outra ~~ou pessoa qualquer~~, ~~ela~~ teria sido imediatamente atribuída à *laaf*, aquela terrível tendência afegã para o exagero – infelizmente, quase uma doença nacional; bastava um miúdo passar um exame de Biologia para o pai ~~logo~~-se gabar de ter um filho doutor. Mas da veracidade da valentia de Baba nunca ninguém duvidou. E, se alguém duvidasse, bem, Baba tinha mesmo realmente três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas. Imaginei a ~~prova de valentia luta~~ de Baba ~~inúmeras muitas~~ vezes, até sonh~~eiava~~ com ela. E nesses sonhos nunca ~~se via qual era o~~ consigo distinguir entre Baba e ~~qual era~~ o urso.

Foi Rahim Khan quem, pela primeira vez, se ~~lhe~~ referiu a Baba compete o que acabou por se tornar afamosa alcunha de ~~le Baba~~, «*Toophan Agha*», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa. Tinha uma cabeleira ~~aos de~~ caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de arrancar ~~sozinhas~~ um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa, todas as atenções se voltavam para ele, como ~~os~~ girassóis para o sol.

Mesmo quando Baba estava a dormir era ~~Era~~ impossível não reparar ~~em Baba, mesmo quando ele estava a dormir nele~~. Eu enfiava bolas de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o barulho que Baba fazia a ressonar – muito parecido com o ~~de~~ motor de um camião – atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele continua a ser um mistério para mim. É uma das muitas perguntas que eu ~~lhe~~ teria feito se a tivesse conhecido.

~~Em finais~~ No fim da década de 1960, tinha eu cinco ou seis anos, o meu pai decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado ~~ele mesmo~~ a planta, embora não possuísse qualquer experiência ~~do assunto~~. Os mais céticos ~~suplicaram lhe~~ insistiram que se deixasse de fantasias e contratasse um arquiteto. Claro que Baba recusou, ~~claro~~, e todas as pessoas abanaram a cabeça, desesperadas com a teimosia dele. Mas afinal ~~tudo~~ correu tudo bem, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, ~~des~~sta vez

~~de espanto~~espantadas com pele o seu triunfo. Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu ~~próprio~~-dinheiro. Rahim disse-me que Baba financiou sozinho todo o projeto, ~~remunerando~~ pagando engenheiros, eletricitistas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ser engraxados».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ~~ele~~ ficou pronto. Lembro-me de ~~na véspera da inauguração,~~ Baba me levar ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul, na véspera da inauguração. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan tinha ~~ido fazer~~ recados para fazer. Queria Baba só para mim. E além disso, ~~quando,~~ um dia, no mesmo lago ~~Ghargha,~~ quando Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra ~~de dele~~ Hassan deu oito saltos. O mais máximo ~~que eu consegui~~ foi foram cinco. Baba estava lá, a ver tudo, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até pôs o braço ~~em~~ à volta dos ombros ~~dele~~.

Sentámo-nos ~~a uma~~ numa mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos e sanduíches de *kofta* – almôndegas e pickles entre duas fatias de *naan*. À sexta-feira, o lago ~~enchia-se estava cheio-~~ de famílias que ~~iam passar~~ passavam um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá ~~se viam~~ estavam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – *hippies*, era ~~o como~~ que lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés enfiados na água, ~~de e~~ canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, ~~manuseando~~ folheando uma confusão de folhas manuscritas, ~~e~~ acrescentando notas aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz me tinha dito na escola, que quando se engolia ~~ae~~ um bocado de casca de ovo, ele saía ~~pelo~~ chichi. Baba voltou a grunhir.

Comecei a comer a minha sanduíche. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e ~~bateu~~ deu uma palmada nas costas do outro. Ao longe, ~~de no~~ outro lado do lago, um camião ~~fazia~~ saiu ~~de~~ uma curva na encosta. ~~OA luz do~~ Sol refletia-se no retrovisor (lateral).

– Acho que estou com *saratan* – anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos das folhas que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar ~~a gasosa~~ o sumo, ~~que só tinha de~~ bastava procurá-lo na bagageira do carro.

~~Em frente ao orfanato,~~ No dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras em frente ao orfanato. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia ~~de abertura~~. Estava muito vento e eu sentei-me atrás de Baba no pequeno pódio ~~mesmo~~ junto à porta principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu da cabeça e toda a gente se riu ~~rompeu às gargalhadas~~. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu, ~~e~~ Fiquei ~~fiquei~~ muito contente porque ~~foi a maneira de dizer a~~ assim toda a gente ficou a saber que ele era o meu pai, o meu Baba. Voltou-se para o microfone e comentou ~~disse~~ que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, o que fez com que todos voltassem ~~rem~~ a rir ~~se~~. Quando ~~Baba~~ acabou ~~de fazer o seu~~ discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas ~~fizeram-me festas no~~ afagaram-me o cabelo e também me apertaram a ~~minha~~ mão. ~~Eu e~~ Estava tão ~~muito~~ orgulhoso de Baba, de nós dois.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, as pessoas pareciam ~~não acreditar~~ duvidar ~~n~~ dele. Diziam ~~lhe a Baba~~ que os negócios não lhe estavam ~~na massa~~ dono sangue, ~~e~~ que seria preferível ~~devia~~ estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que ~~não tinham razão~~ estavam errados, pois não só soube gerir a sua empresa, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham uma empresa de exportação de tapetes que era um grande êxito ~~estrondoso~~, ~~mais~~ duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas ~~murmuravam~~ comentavam que Baba nunca ~~faria um bom casamento~~ iria casar bem – pois na verdade não tinha sangue real –, ~~ele~~ casou com a minha mãe. Sofia Akrami, uma mulher educada ~~com curso superior~~, considerada ~~universalmente~~ uma das senhoras mais respeitadas, belas e virtuosas ~~senhoras~~ de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Clássica Parse na faculdade, como era ~~também~~ descendente da família real, um facto que o meu pai ~~de propósito~~, não se cansava de recordar aos mais cétricos ~~–~~ tratando-a por «minha princesa».

~~À exceção da minha pessoa~~ Comigo como exceção, o meu pai moldava o mundo à sua volta de acordo com a sua vontade. O problema, claro, ~~–~~ é ~~era~~ que Baba via o mundo a preto e branco. E tinha que decidir o que era preto e o que era branco. É impossível amar uma pessoa que vive assim ~~dessa maneira~~ sem temê-la ~~um pouco~~. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no nono ano, tivemos um mulá que nos ensinava o islão. Chamava-se Fatiullah Khan, era um homem baixo e gordo, com a cara marcada ~~da~~ pelo acne e uma voz áspera roufenha. ~~Fazia-nos Dava-nos~~ sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que ~~era obrigatório tínhamos de~~ rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão – e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava bem claro, às vezes com ~~o auxílio~~ a ajuda de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes ~~corretamente bem~~ para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o islão considerava beber a bebida um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do ~~Qiyamat~~ Qiyamat, o dia eu do Juízo Final. Nesse tempo, beber era comum em Cabul. Ninguém era repreendido em público por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam as suas garrafas de uísque em certas «farmácias» e embrulh ~~embrulhavam-nas~~ adas empapel pardo a fingir que era um «remédio» ~~«remédio» em certas «farmácias»~~. Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação de ~~quemes que os viam~~ passar e sabiam quais os estabelecimentos onde se faziam ~~tais essas~~ transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o Mmulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava ~~a servir-se de um uísque junto~~ ~~do no~~ bar que construía no canto da sala a servir-se um uísque. Ouviu-me, concordou com a cabeça e, deu um gole na sua bebida. Depois ~~instalou-se~~ sentou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou longamente fundo, e expirou pelo nariz, o ar ~~agitando~~ agitou o seu bigode durante o que me pareceu uma eternidade. ~~Eu n~~ Não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir ~~apavorado~~ do colo dele com medo.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com ~~a~~ educação propriamente dita – disse num tom solene.

– Mas, se o que ele diz é verdade, tu és ~~um~~ pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo com os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Quero.

– Então vou te dizer-~~te~~, mas primeiro ouve isto e ouve ~~_de uma vezjá~~, Amir: nunca vais aprender~~aprenderás~~ nada de valor com esses idiotas barbudos.

– ~~Queres dizer o~~Estás a falar do ~~m~~Mulá Fatiullah Khan?

Baba ~~fez um gesto largo~~ gesticulou com o copo. O gelo chocalhou-~~lá dentro~~.

– ~~Quero dizer~~Estou a falar de todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir-~~me~~. A imagem de Baba a fazer chichi na~~s~~ barba~~s~~ de qualquer macaco, convencido ou não, era demais.de.mais.

– Só sabem fazer rolar as contas dos ~~seus~~ rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles não~~nem~~ compreendem – deu mais um gole. – Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez for parar às mãos deles.

– Mas o ~~m~~Mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa – consegui dizer entre ataques de riso.

– Também o Gengiscão ~~_Gengis Khan~~ parecia – retorquiu Baba. – ~~Bem, mas~~ Mas falemos de outras coisas. Queres saber o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

– Estou – respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou-~~se~~ me pelo nariz e fez ~~produzindo~~ um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar inflexível de Baba fixou-se no meu e ~~_~~ de um minuto ~~momento~~ para o outro ~~_~~ passou-me a vontade de rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, ~~per~~ uma vez que seja?

– Sim, Baba Jan – balbuciei~~;~~ estarecido, ~~e~~ não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro~~;~~ ~~n~~ Não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo, e eu tinha sido um idiota ao ~~desperdiç~~desperdiçá-lo ~~ar esse momento~~.

– Ótimo – disse Baba, mas os seus olhos estavam noutra sítio. – Ora bem, seja o que for que o mulá ~~te ensine~~ ensinar, existe apenas um pecado e, só um. ~~E esse pecado~~ E é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

– Não, Baba Jan – respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a dececioná-lo.

Baba respirou fundo, ~~–~~ um sinal de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que ~~ele~~ Baba estava, quando é que ~~ele~~ vinha para casa, embora soubesse ~~perfeitamente~~ que estava na obra, a ~~dirigir~~ tratar disto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir aquele orfanato; às vezes desejava que tivessem todos morrido com os pais ~~morressem todos, que fossem ter com os pais deles.~~

– Quando alguém mata um homem, rouba uma vida – explicou Baba. – Rouba à mulher dele um marido, ~~um pai aos e aos~~ seus filhos um pai. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Entendes? ~~stás a compreender?~~

~~Eu estava~~ Entendia. Quando Baba tinha seis anos, um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-o na garganta, matando-o instantaneamente – ~~e~~ roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade apanharam o assassino ainda antes do fim da ~~a~~ manhã seguinte ~~terminar~~; era um ~~caminhante-vagabundo~~ proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no ~~no~~ num ramo de um ~~velho~~ carvalho velho ainda faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não ~~_~~ Baba, quem me contou a história. ~~Eu estava~~ Estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba ~~por intermédio~~ através de outras pessoas.

– Não há nada mais ~~abjeto~~ deplorável que ~~e~~ roubar o, Amir – continuou Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida seja um bocado de *naan*... merece o meu desprezo. ~~E,~~ se eu alguma vez me cruzar com ele, Deus o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão ~~ao mesmo tempo~~ hilariante e ~~tremendamente~~ assustadora ao mesmo tempo.

– Sim, Baba.

– Se houver um Deus, com certeza tem mais a fazer que reparar se bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. Toda esta conversa ~~acerca de~~ sobre o pecado ~~fez-me~~ deu-me sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me ~~daí a~~ quanto tempo passaria até voltarmos a conversar assim. ~~voltaria eu a conversar assim com ele~~. Porque a verdade era que eu sempre

tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu ~~é que~~ tinha ~~matado-morto~~ a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa. O mínimo que eu podia fazer era ~~ao menos~~ tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. Nem um pouco.

Na escola, costumávamos ~~fazer um~~ jogar jogo chamado-s Sherjangi ou Batalha de Poemas. A professora de Parse era a moderadora e ~~era~~ jogava-se mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que ~~começasse com a mesma letra e~~ completasse o outro. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo, ~~porque~~ aos onze anos eu já sabia de cor dezenas dúzias de poemas de Khayyám, Hãfêz ou o famoso épico de Rumi, o *Masnawi*. Uma vez joguei contra a turma toda e ganhei. Quando contei ~~o que acontecera~~ ao meu pai, ele abanou a cabeça e murmurou: «Muito bem.»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe. Os livros e Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hãfêz, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain ~~e~~ Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe – não os aborrecidos sobre história, esses nunca me interessaram muito, mas os romances, as epopeias – ~~passi~~ a gastar toda a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e quando deixou de haver espaço nas prateleiras comecei a guardá-los em caixas de cartão ~~quando deixou de haver espaço nas prateleiras~~.

Claro ~~que~~ casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia enfiar a cabeça nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os homens a sério não leem poesia – quanto mais escrevê-la! Os homens a sério – os rapazes a sério – ~~jogavam~~ futebol, como Baba, ~~na~~ sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante. Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi passar um mês a Teerão, para assistir às transmissões televisivas dos jogos do Campeonato do Mundo, visto que na altura época ~~ainda~~ não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para ~~infundir~~ despertar em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a ~~estorvar~~ empatar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente as linhas. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando, ~~por~~ bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava,

esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdara nem a sombra dos seus talentos atléticos, ~~ele~~ decidiu fazer de mim um espetador ~~informado~~ apaixonado. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. ~~Rejubei~~ Festejei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou ~~grande penalidade~~ um penalti contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto ~~de~~ que o seu filho nunca seria ~~nem~~ um jogador nem um adepto de futebol.

Lembro-me do dia em que Baba me levou com ele ao torneio anual de ~~b~~Buzkashi realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. ~~O~~ ~~b~~Buzkashi era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito, geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros cavaleiros o persegue e faz tudo ao ~~que está ao~~ seu alcance – ~~aos~~ pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam e lutavam pela carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra estremecia sob o estampido dos cascos. Das ~~arqui~~ arqui bancadas de cima víamos os cavaleiros passar por nós a galope, brandindo o chicote e soltando guinchos, os cavalos a espumar.

De repente, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

~~Eu e~~ Eu estava.

– É o Henry Kissinger.

– Oh – exclamei. Não fazia a mínima ideia de quem era o Henry Kissinger, e talvez lho tivesse ~~podia ter lho~~ dito. Mas ~~nesse~~ mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por um monte ~~amontado~~ de cascos. O corpo dele foi arrasado num turbilhão como uma ~~boneca~~ boneca de trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo continuou ~~voltou a circular~~. Pestanejou ~~Piscou os olhos~~ uma vez e ficou inerte, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

Desatei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me da força com que as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. Acima de tudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha na cara e neste enquanto conduzia sem dizer palavra em silêncio.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta fechada.

– ...graças a Deus é saudável – dizia Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a andar cirandar pela casa, como se estivesse perdido.

– E?

– Eu não era assim. – Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

– As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

– Acredita – insistiu Baba. – Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos que conheci.

– Sabes, às vezes és o homem mais egocêntrico vaidoso que conheço – disse Rahim Khan. Era a única pessoa que eu conhecia capaz de dizer esse tipo de coisas a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Ai, não?

– Não.

– Então tem a ver com o quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar quando enquanto Baba mudouava de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, desejando ouvir, desejando não ouvir.

– Às vezes olho por aquela janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo os como o empurrm-lo, lhe tira mrem-lhe os brinquedos, lhedarem-lhe dão uma palmada aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca faz nada responde. Nunca. Ele... ali fica e...

– Quer dizer que não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é isso que quero dizera ~~isso que me refiro~~, Rahim, e tu sabes. Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

– Sim, maldade.

– O instinto de defesa não tem nada a ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o chateiam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa e eu pergunto: «Onde-Como é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», e ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

– Tens de deixá-lo encontrar o seu caminho ~~dele~~ – disse Rahim Khan.

– Mas qual será? Um rapaz que não se sabe defender ~~se~~, tornar-se-á num homem que não luta por nada.

– Como sempre, estás a simplificar demasiado.

– Penso que não.

– Estás irritado porque tens medo que ele não te queira suceder nos negócios.

– ~~E-a~~ Agora quem é que está a simplificar? Ouve, eu sei que há uma forte afinidade entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejoso, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e ~~-eu~~ não sei explicar o que é. É como... – percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou a -voze-tem, mas mesmo assim ouvi tudo. – Se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos o médico a tirá-lo da barriga da minha mulher ~~com os meus próprios olhos~~, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. Fui bruto com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão nenhuma quando disse aquilo da maldade.

Anexo V: Experiência de tradução: Tradução S. G. Revisão

Diz quem sabe que um dia o meu pai lutou com um urso-negro no Balochistão. Se o protagonista da história fosse outro, teria sido imediatamente atribuída à *laaf*, aquela terrível tendência afegã para o exagero – infelizmente, quase uma doença nacional; bastava um miúdo passar um exame de Biologia para o pai se gabar de ter um filho doutor. Mas da veracidade da valentia de Baba nunca ninguém duvidou. E se alguém duvidasse, bem, Baba tinha mesmo três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas. Imaginei a luta de Baba muitas vezes, até sonhei com ela. E nesses sonhos nunca consigo distinguir entre Baba e o urso.

Foi Rahim Khan quem, pela primeira vez, se referiu a Baba com o que acabou por se tornar a famosa alcunha dele, «*Toophan Agha*», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa. Tinha uma cabeleira de caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de arrancar um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa, todas as atenções se voltavam para ele, como girassóis para o sol.

Mesmo quando Baba estava a dormir era impossível não reparar nele. Eu enfiava bolas de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o barulho que Baba fazia a ressonar – muito parecido com o motor de um camião – atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele continua a ser um mistério para mim. É uma das muitas perguntas que eu lhe teria feito se a tivesse conhecido.

No fim da década de 1960, tinha eu cinco ou seis anos, o meu pai decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado a planta, embora não possuísse qualquer experiência. Os mais céticos insistiram que se deixasse de fantasias e contratasse um arquiteto. Claro que Baba recusou, e todas as pessoas abanaram a cabeça, desesperadas com a teimosia dele. Mas afinal correu tudo bem, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, desta vez espantadas com o seu triunfo. Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu dinheiro. Rahim disse-me que Baba financiou sozinho todo o

projeto, pagando engenheiros, eletricitas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ser engraxados».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ficou pronto. Lembro-me de Baba me levar ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul, na véspera da inauguração. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan tinha recados para fazer. Queria Baba só para mim. E além disso, um dia, no mesmo lago, quando Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra dele deu oito saltos. O máximo que eu consegui foram cinco. Baba estava lá, a ver tudo, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até pôs o braço à volta do ombro dele.

Sentámo-nos numa mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos e sanduíches de *kofta* – almôndegas e pickles entre duas fatias de *naan*. À sexta-feira, o lago estava cheio de famílias que passavam um dia ao ar livre. A água estava de um azul profundo, e para além de Baba e eu só lá estavam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – *hippies*, era o que lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés enfiados na água e canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, manuseando uma confusão de folhas manuscritas e acrescentando notas aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz me tinha dito na escola, que quando se engolia um bocado de casca de ovo, ele saía pelo chichi. Baba voltou a grunhir.

Comecei a comer a minha sanduíche. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e deu uma palmada nas costas do outro. Ao longe, no outro lado do lago, um camião fazia uma curva na encosta. O Sol refletia-se no retrovisor (lateral).

– Acho que estou com *saratan* – anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos das folhas que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar o sumo, só tinha de procurá-lo na bagageira do carro.

No dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras em frente ao orfanato. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia. Estava muito vento e eu sentei-me atrás de Baba no pequeno pódio junto à porta principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu da cabeça e toda a gente se riu. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu. Fiquei muito contente porque assim

toda a gente ficou a saber que ele era o meu pai, o meu Baba. Voltou-se para o microfone e disse que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, o que fez com que todos voltassem a rir. Quando Baba acabou o discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas afagaram-me o cabelo e também me apertaram a mão. Estava muito orgulhoso de Baba, de nós dois.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, as pessoas pareciam duvidar dele. Diziam-lhe que os negócios não lhe estavam no sangue e que devia estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que estavam errados, pois não só soube gerir a sua empresa, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham uma empresa de exportação de tapetes que era um grande êxito, duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas comentavam que Baba nunca iria casar bem – pois na verdade não tinha sangue real –, casou com a minha mãe. Sofia Akrami, uma mulher educada, considerada uma das senhoras mais respeitadas, belas e virtuosas de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Clássica Parse na faculdade, como era descendente da família real, um facto que o meu pai não se cansava de recordar aos mais cétricos tratando-a por «minha princesa».

Comigo como exceção, o meu pai moldava o mundo à sua volta de acordo com a sua vontade. O problema, claro, era que Baba via o mundo a preto e branco. E tinha que decidir o que era preto e o que era branco. É impossível amar uma pessoa que vive assim sem temê-la. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no nono ano, tivemos um mulá que nos ensinava o Islão. Chamava-se Fatiullah Khan, era um homem baixo e gordo, com a cara marcada pelo acne e uma voz áspera. Dava-nos sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que tínhamos de rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão – e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava bem claro, às vezes com a ajuda de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes bem para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o Islão considerava beber um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do *Qiyamat*, o dia do Juízo Final. Nesse tempo, beber era comum em Cabul. Ninguém era repreendido em público por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam as suas garrafas de uísque em certas «farmácias» e embrulhavam-nas em papel

pardo a fingir que era um «remédio». Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação de quem os via passar e sabia quais os estabelecimentos onde se faziam essas transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o Mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava no bar que construía no canto da sala a servir-se um uísque. Ouviu-me, concordou com a cabeça e deu um gole na sua bebida. Depois sentou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou fundo e expirou pelo nariz, o ar agitou o seu bigode durante o que me pareceu uma eternidade. Não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir do colo dele com medo.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com educação propriamente dita – disse num tom solene.

– Mas, se o que ele diz é verdade, tu és pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo com os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Quero.

– Então vou te dizer, mas primeiro ouve isto e ouve já, Amir: nunca vais aprender nada de valor com esses idiotas barbudos.

– Estás a falar do Mulá Fatiullah Khan?

Baba gesticulou com o copo. O gelo chocalhou.

– Estou a falar de todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir. A imagem de Baba a fazer chichi na barba de qualquer macaco, convencido ou não, era demais.

– Só sabem fazer rolar as contas dos rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles não compreendem – deu mais um gole. – Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez for parar às mãos deles.

– Mas o Mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa – consegui dizer entre ataques de riso.

– Também o Gengis Khan parecia – retorquiu Baba. – Mas falemos de outras coisas. Queres saber o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

– Estou – respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou-me pelo nariz e fez um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar de Baba fixou-se no meu e, de um momento para o outro, passou-me a vontade de rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, uma vez que seja?

– Sim, Baba Jan – balbuciei estarrecido, não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro. Não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo, e eu tinha sido um idiota ao desperdiçá-lo.– Ótimo – disse Baba, mas os seus olhos estavam noutra sítio. – Ora bem, seja o que for que o mulá ensinar, existe apenas um pecado e só um. E é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

– Não, Baba Jan – respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a dececioná-lo.

Baba respirou fundo - um sinal de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que Baba estava, quando é que vinha para casa, embora soubesse que estava na obra, a tratar disto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir aquele orfanato; às vezes desejava que tivessem todos morrido com os pais – Quando alguém mata um homem, rouba uma vida – explicou Baba. – Rouba à mulher dele um marido, e aos seus filhos um pai. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Entendes?

Entendia. Quando Baba tinha seis anos um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-o na garganta matando-o instantaneamente – roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade apanharam o assassino ainda antes do fim da manhã seguinte; era um vagabundo proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no num ramo de um carvalho velho ainda

faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não Baba, quem me contou a história. Estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba através de outras pessoas.

– Não há nada mais deplorável que roubar, Amir – continuou Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida seja um bocado de *naan*... merece o meu desprezo. E se eu alguma vez me cruzar com ele, Deus o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão hilariante e assustadora ao mesmo tempo.

– Sim, Baba.

– Se houver um Deus, com certeza tem mais a fazer que reparar se bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. Toda esta conversa sobre o pecado deu-me sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me quanto tempo passaria até voltarmos a conversar assim. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu tinha morto a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa. O mínimo que eu podia fazer era tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. Nem um pouco.

Na escola, costumávamos jogar *Sherjangi* ou Batalha de Poemas. A professora de Parse era a moderadora e jogava-se mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que completasse o outro. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo porque aos onze anos eu já sabia de cor dezenas de poemas de Khayyám, Hãfez ou o famoso épico de Rumi, o *Masnawi*. Uma vez joguei contra a turma toda e ganhei. Quando contei ao meu pai ele abanou a cabeça e murmurou: «Muito bem.»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe. Os livros e Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hãfez, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain e Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe – não os aborrecidos sobre história, esses nunca me interessaram muito, mas os romances, as epopeias – passei a gastar toda a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e quando deixou de haver espaço nas prateleiras comeci a guardá-los em caixas de cartão.

Claro que casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia enfiar a cabeça nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os

homens a sério não leem poesia – quanto mais escrevê-la! Os homens a sério – os rapazes a sério – jogam futebol, como Baba na sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante. Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi passar um mês a Teerão, para assistir às transmissões televisivas dos jogos do Campeonato do Mundo, visto que na altura ainda não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para despertar em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a empatar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente as linhas. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando por bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava, esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdara nem a sombra dos seus talentos atléticos, decidi fazer de mim um espetador apaixonado. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. Festejei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e participei no coro de insultos ao árbitro quando ele marcou um penalti contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto que o seu filho nunca seria um jogador nem um adepto de futebol.

Lembro-me do dia em que Baba me levou com ele ao torneio anual de *Buzkashi* realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. *Buzkashi* era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito, geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros cavaleiros o persegue e faz tudo ao seu alcance – pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam e lutavam pela carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra estremecia sob o estampido dos cascos. Das bancadas de cima víamos os cavaleiros passar por nós a galope, brandindo o chicote e soltando guinchos, os cavalos a espumar.

De repente, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

Estava.

– É o Henry Kissinger.

– Oh – exclamei. Não fazia a mínima ideia de quem era o Henry Kissinger, e talvez lho tivesse dito. Mas nesse mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por um monte de cascos. O corpo dele foi arrasado num turbilhão como um boneco de trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo continuou. Pestanejou uma vez e ficou inerte, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

Desatei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me da força com que as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. Acima de tudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha na cara enquanto conduzia em silêncio.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta.

– ...graças a Deus é saudável – dizia Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a andar pela casa, como se estivesse perdido.

– E?

– Eu não era assim. – Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

– As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

– Acredita – insistiu Baba. – Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos que conheci.

– Sabes, às vezes és o homem mais egocêntrico que conheço – disse Rahim Khan. Era a única pessoa que eu conhecia capaz de dizer esse tipo de coisas a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Ai, não?

– Não.

– Então tem a ver com o quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar enquanto Baba mudava de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, desejando ouvir, desejando não ouvir.

– Às vezes olho pela janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo como o empurram, lhe tiram os brinquedos, lhe dão uma palmada aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca faz nada. Nunca. Ele... ali fica e...

– Quer dizer que não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é isso que quero dizer, Rahim, e tu sabes. Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

– Sim, maldade.

– O instinto de defesa não tem nada a ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o chateiam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa e eu pergunto: «Como é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

– Tens de deixá-lo encontrar o seu caminho – disse Rahim Khan.

– Mas qual será? Um rapaz que não se sabe defender, tornar-se-á num homem que não luta por nada.

– Como sempre, estás a simplificar demasiado.

– Penso que não.

– Estás irritado porque tens medo que ele não te queira suceder nos negócios.

– Agora quem é que está a simplificar? Ouve, eu sei que há uma forte afinidade entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejoso, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e não sei explicar o que é. É como... – percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou a voz, mas mesmo assim ouvi tudo. – Se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos o médico a tirá-lo da barriga da minha mulher, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. Fui bruto com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão nenhuma quando disse aquilo da maldade.

Anexo VI: Experiência de tradução: Retradução com rasuras⁵⁸

~~Diz quem sabe~~ Reza a lenda que um dia o meu pai lutou ~~corpo a corpo~~ com um urso-negro no Balochistão. Se ~~o protagonista da~~ a história fosse ~~outro~~ sobre qualquer outra ~~pessoa~~ ~~pessoa qualquer~~, ~~ela~~ teria sido imediatamente ~~atribuída~~ descartada como ~~à laaf~~, aquela ~~terrível~~ tendência afegã para o exagero – ~~infelizmente~~ lamentavelmente, quase uma doença nacional; ~~bastava um miúdo passar um exame de Biologia para o pai logo se gabar de se~~ alguém se gabasse de ter um filho doutor, o miúdo provavelmente tinha, em tempos, ~~passado num teste de Biologia~~. Mas da veracidade ~~da valentia~~ das histórias de Baba nunca ninguém duvidou. E, se alguém duvidasse, bem, Baba tinha ~~mesmo~~ aquelas ~~realmente~~ três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas, ~~delineando um caminho dentado~~. Imaginei a ~~prova de valentia~~ ~~luta~~ de Baba ~~inúmeras muitas~~ vezes, até sonh~~eiava~~ com ela. E nesses sonhos nunca ~~se via qual era o~~ ~~conseguia distinguir entre~~ Baba e ~~qual era~~ o urso.

Foi Rahim Khan quem, pela primeira vez, se ~~lhe~~ referiu ~~a Baba compete o~~ que ~~viria acabou~~ ~~por se tornar~~ a ~~ser a sua~~ famosa alcunha ~~dele Baba~~, «Toophan Agha», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa. ~~—Tinha~~ uma ~~cabeleira~~ ~~safr~~ ~~aos de~~ caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de ~~arrancar~~ ~~desenraizar~~ ~~sozinhas~~ um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando ~~os seus dois metros~~ entravam de rompante na sala ~~com o seu metro e noventa~~, todas as atenções se voltavam para ele, como ~~os~~ girassóis para o sol.

~~Mesmo quando Baba estava a dormir era~~ ~~Era impossível não reparar em Baba, mesmo~~ ~~quando ele estava a dormir nele~~ Era impossível ignorar Baba, mesmo quando dormia. Eu enfiava bolas de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o ~~barulho que som de~~ Baba ~~fazia~~ a ressonar – muito parecido com o ~~rugir do de~~ motor de um camião – atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como ~~é~~ ~~que~~ a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele ~~continua a ser~~ ~~é~~ um mistério para mim. ~~É uma das muitas perguntas que eu lhe teria feito se~~ Está na longa lista de coisas ~~que eu lhe teria perguntado se alguma vez~~ a tivesse conhecido.

⁵⁸ As rasuras identificadas a vermelho representam as alterações feitas em função da revisão. As rasuras azuis representam as alterações feitas em função da tradução M.K.

~~Em finais~~No fim da década de 1960, tinha eu cinco ou seis anos, ~~e meu pai~~ Baba decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado ~~ele mesmo~~ a planta, embora não ~~possuísse~~ tivesse qualquer experiência ~~arquitetónica~~do assunto. Os mais céticos ~~suplicaram-lhe~~ insistiram que se deixasse de ~~fantasias~~ loucuras e contratasse um arquiteto. Claro que Baba recusou, ~~claro,~~ e todas as pessoas abanaram a cabeça, ~~desesperadas~~ consternadas com a teimosia dele. ~~Mas afinal~~ tudo correu tudo bem. Depois, Baba teve sucesso, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, desta vez ~~de espanto~~ espantadas com pele o seu triunfo. Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu ~~próprio~~ dinheiro. Rahim disse-me que Baba financiou sozinho todo o projeto, ~~remunerando~~ pagando engenheiros, eletricitas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ~~ser engraxados~~ brilhantina».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ~~ele~~ ficou pronto. Lembro-me ~~da véspera da inauguração do orfanato,~~ e, na véspera da inauguração, Baba ~~me~~ levar levou-me ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul, ~~na véspera da~~ inauguração. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan ~~tinha ido~~ fazer recados para fazer estava com soltura. Queria Baba só para mim. E para além disso, quando, um dia, uma vez no mesmo lago Ghargha, quando Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra ~~de dele~~ Hassan deu oito saltos. O mais máximo que eu consegui foi foram cinco. Baba estava lá, a ver tudo, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até lhe pôs o braço em a volta dos ombros ~~dele~~.

Sentámo-nos ~~a uma~~ numa mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos ~~e com~~ sandúiches sandes de *kofta* – almôndegas e pickles ~~entre duas fatias de~~ enrolados em *naan*. A água estava de um azul profundo e o sol cintilava na sua superfície clara e espelhada. À sexta-feira, o lago ~~enchia-se~~ estava cheio de famílias que ~~iam~~ passar passavam um dia ao ar livre. ~~A água estava de um azul profundo,~~ Mas era o meio da semana e só lá estávamos eu e Baba, nós e dois turistas e para além de Baba e eu só lá se viam estavam mais uns estrangeiros de cabelo comprido e barba – *hippies*, era o como que lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés enfiados a abanar na água, ~~de e de~~ de e de canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, manuseando folheando uma confusão de folhas manuscritas, ~~e~~ acrescentando notas

fazendo anotações aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz na escola me tinha dito, que quando se engolia um bocado de casca de ovo, ele saía pelo chichi. Baba voltou a grunhir.

~~Comecei a comer~~ Dei uma dentada na minha sanduíche sandes. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e bateu deu uma palmada nas costas do outro. Ao longe, ~~de~~ outro lado do lago, um camião ~~fazia saiu de uma curva~~ andava aos trambolhões à volta do monte ~~na encosta~~. ~~O~~ luz do Sol refletia-se no retrovisor ~~(lateral)~~.

– Acho que estou com *saratan* – anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos ~~das folhas dos papéis~~ que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar ~~a~~ gaseoso sumo, ~~que só tinha de bastava~~ procurá-lo ~~na~~ bagageira no porta bagagens do carro.

~~Em frente ao orfanato,~~ ~~No~~ dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras em frente ao orfanato. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia ~~de inauguração de abertura~~. Estava ~~muito vento~~ um dia ventoso e eu ~~sentei-me estava sentado~~ atrás de Baba no pequeno pódio ~~mesmo~~ junto à porta entrada principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu ~~da cabeça~~ e toda a gente se riu rompeu às gargalhadas. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu, ~~e~~ Fiquei Eu estava feliz fiquei muito contente porque ~~foi a maneira de dizer a~~ assim toda a gente ficou iria ver a saber que ele era o meu pai, o meu Baba. Voltou-se para o microfone e ~~comentou disse~~ que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, ~~o que fez com que~~ e todos ~~se voltassem~~ em riram outra vez ~~se~~. Quando ~~Baba~~ acabou ~~de fazer~~ o seu discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas ~~fizeram-me festas no afagaram-me o~~ cabelo e ~~também me~~ apertaram-me a ~~minha~~ mão. ~~Eu e~~ Estava tão muito orgulhoso de Baba, de nós ~~dois~~.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, ~~as pessoas pareciam não acreditar~~ duvidavam ~~o~~ sempre dele. Diziam ~~lhe a Baba~~ que os negócios não lhe estavam ~~na massa~~ de sangue, ~~e~~ que seria preferível devia estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que ~~não tinham razão estavam errados~~, pois não só soube gerir ~~a sua empresa~~ o seu negócio, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham uma ~~empresa~~ negócio de exportação de tapetes ~~que era um grande êxito~~ extremamente bem-sucedido ~~estrondoso~~, ~~mais~~ duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas ~~murmuravam comentavam~~ que Baba nunca ~~faria um bom casamento iria casar bem~~ — pois na verdade não tinha sangue real —, ~~ele~~ casou com a minha mãe, Sofia Akrami, uma mulher ~~educada com curso superior~~, ~~mundialmente~~ considerada ~~universalmente~~ uma das ~~senhoras~~ mais respeitadas, belas e virtuosas ~~senhoras~~ de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Clássica Parse na faculdade, como era ~~também~~ descendente da família real, ~~um~~ facto que o meu pai, ~~de propósito~~, ~~na brincadeira~~ não se cansava de ~~recordar~~ esfregar na cara ~~a~~ dos mais cétricos, ~~tratando-a por «minha princesa»~~.

~~À exceção da minha pessoa Comigo como exceção~~, O meu pai moldava o mundo à sua volta ~~de acordo com a sua vontade~~ a seu gosto, ~~comigo como exceção~~. O problema, claro, ~~é era~~ que Baba via o mundo a preto e branco. E ~~tinha que decidir~~ ~~era ele quem decidia~~ o que era preto e o que era branco. ~~É impossível~~ Não é possível amar uma pessoa que vive ~~assim dessa maneira~~ sem temê-la ~~um pouco~~. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no ~~nono~~ quinto ano, tivemos um mulá que nos ensinava o ~~islão~~. Chamava-se Mulá Fatiullah Khan, ~~era~~ um homem baixo e gordo, com a cara marcada ~~da~~ ~~pelo~~ acne e uma voz ~~áspera~~ roufenha. ~~Fazia nos Dava nos~~ sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que ~~era obrigatório tínhamos de~~ rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão — e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava ~~bem~~ claro, às vezes com ~~o auxílio~~ ~~a ajuda~~ de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes ~~corretamente~~ ~~bem~~ para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o ~~islão~~ considerava ~~que beber era a bebida~~ um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do ~~Qiyamat~~ *Qiyamat*, o dia ~~ou~~ do Juízo Final. Nesse tempo, beber era ~~relativamente~~ comum em Cabul. Ninguém era ~~repreendido em público~~ chicoteado por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de respeito. As pessoas compravam ~~as suas garrafas~~ ~~de~~ o seu uísque ~~em certas «farmácias» e embrulh~~ ~~embrulhavam nas~~ ~~adas~~ em papel pardo a fingir que era ~~um «remédio»~~ ~~«remédio» em certas «farmácias»~~. Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação ~~de quem os via~~ ~~passar e sabiam~~ ~~quais os estabelecimentos~~ da reputação da loja por ~~onde se faziam~~ ~~fazer tais~~ ~~essas~~ este tipo de transações.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o ~~M~~mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava ~~a servir-se de um uísque junto~~

~~de-no~~ bar que construíra no canto da sala a servir-se um uísque. Ouviu-me, acenou com a cabeça ~~e-~~ deu um gole na sua bebida. Depois ~~instalou-se~~ sentou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou longamente fundo, e expirou pelo nariz, o ar ~~agitando~~ agitou o seu bigode durante o que me pareceu uma eternidade. ~~Eu n~~ Não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir ~~apavorado~~ do colo dele com medo.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com verdadeira ~~a~~ educação propriamente dita – disse num tom solene.

– Mas, se o que ele diz é verdade, tu és ~~um~~ pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo ~~com~~ entre os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Quero.

– Então vou te dizer ~~te~~, mas primeiro ouve percebe isto e ouve percebe de uma vezjá, Amir: nunca ~~vais aprender~~ aprenderás nada de valor com esses idiotas barbudos.

– ~~Queres dizer~~ Estás a falar do ~~m~~ Mulá Fatiullah Khan?

Baba ~~fez um gesto largo~~ gesticulou com o copo. O gelo chocalhou ~~lá dentro~~.

– ~~Quero dizer~~ Estou a falar de les todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir ~~me~~. A imagem de Baba a fazer chichi nas ~~barbas~~ de qualquer macaco, convencido ou não, era demais de mais.

– Não fazem nada senão ~~Só sabem fazer~~ rolar as contas dos ~~seus~~ rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles ~~não~~ nem nem sequer compreendem – deu mais um gole. – Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez ~~for parar~~ às cair nas mãos deles.

– Mas o ~~m~~ Mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa – consegui dizer entre ataques de riso.

– Também o Gengiscão Gengis Khan parecia – retorquiu Baba. – ~~Bem, mas~~ Mas falemos de outras coisas. ~~Queres saber~~ Perguntaste-me o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

– Estou – respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou ~~se~~ me pelo nariz e fez ~~produzindo~~ um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar ~~inflexível~~ de Baba fixou-se no meu e ~~de um~~ minuto momento para o outro, ~~passou-me a vontade de~~ rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, ~~por~~ ~~per~~ uma vez que seja?

– Sim, Baba Jan – balbucei, ~~estarecido~~, ~~e~~ não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro, ~~–~~ não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo, ~~–~~ e eu tinha sido um idiota ao ~~desperdiç~~desperdiçá-lo.

~~ar esse momento~~.

– Ótimo – disse Baba, mas os seus olhos estavam noutra sítio. – Ora bem, seja o que for que o mulá ~~te ensine~~ te ensinar, existe apenas um pecado ~~e~~, só um. ~~E esse pecado~~ E é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

– Não, Baba Jan – respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a ~~dececioná-lo~~ desiludi-lo.

Baba respirou fundo, ~~– um sinal de impaciência~~ soltou um suspiro de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que ele não chegou a casa até depois de escurecer, de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que ~~ele~~ Baba estava, quando é que ~~ele~~ vinha para casa, embora soubesse mais que bem ~~perfeitamente~~ que estava na obra, a ~~dirigir~~ tratar disto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir aquele orfanato; às vezes desejava que tivessem todos morrido com os pais.

~~morressem todos, que fossem ter com os pais deles~~.

– Quando alguém mata um homem, rouba uma vida – explicou Baba. – Rouba à mulher dele um marido, ~~um pai aos e aos~~ seus filhos um pai. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Entendes? stás a compreender

~~Eu estava~~ Entendia. Quando Baba tinha seis anos, um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-

o na garganta, matando-o instantaneamente – ~~e~~ roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade apanharam o assassino ainda antes do fim da ~~a~~-manhã seguinte ~~terminar~~; era um ~~caminhante~~ ~~viajante~~/vagabundo proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no ~~no~~ num tronco de um ~~velho~~-carvalho velho ainda faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não ~~_~~Baba, quem me contou a história. ~~Eu estava~~Estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba ~~por intermédio~~ através de outras pessoas.

– Não há nada mais ~~abjeto~~ deplorável que ~~e~~-roubar~~o~~, Amir – continuou Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida ~~seja um bocadinho~~ ou um naan... merece o meu desprezo. E, se eu alguma vez me cruzar com ele, ~~Deus~~ o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão ~~ao mesmo tempo~~ hilariante e ~~tremendamente~~ assustadora ao mesmo tempo.

– Sim, Baba.

– Se ~~houver~~ existe um Deus, com certeza tem mais a fazer que reparar se bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. ~~Toda~~ Esta conversa toda ~~acerca do~~ sobre o pecado ~~fez-me~~ deixou-me ~~deixou-me~~ deixou-me outra vez com sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me ~~daí a~~ quanto tempo passaria até voltarmos a conversar assim ~~voltaria eu a conversar assim com ele~~. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu é que tinha ~~matado~~ morto a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa, não tinha? O mínimo que eu podia fazer era ~~ao menos~~ tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. Nem um pouco De todo.

Na escola, costumávamos ~~fazer um~~ jogar ~~jogo~~ chamado ~~s~~ Sherjangi ou “Batalha de Poemas”. ~~A~~ O professor ~~a~~ de Parse ~~era~~ era ~~o~~ moderador ~~era~~ era ~~o~~ jogava-se mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que ~~começasse com a mesma letra e completasse o outro~~ começasse com a letra com que o outro tinha acabado. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo, ~~porque~~ aos onze anos eu já sabia de cor dezenas ~~dúzias~~ dúzias de ~~poemas~~ versos de Khayyám, Hâfez ou ~~do famoso~~ épico Masnawi de Rumi, ~~o~~ Masnawi. Uma vez

joguei contra a turma toda e ganhei. Quando contei ~~o que acontecera~~ ao meu pai, ele abanou a cabeça e murmurou: «~~Muito bem Boa.~~»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe ~~morta~~. Os livros de Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hāfez, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain ~~e~~, Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe – não os aborrecidos sobre história, ~~esses~~ nunca ~~me interessaram~~ gostei muito ~~desses~~, mas os romances, as epopeias – ~~pass~~ei a gastar ~~toda~~ a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e quando deixou de haver espaço nas prateleiras comecei a guardá-los em caixas de cartão ~~quando deixou de haver espaço nas prateleiras~~.

Claro ~~que~~ casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia ~~enfiar a cabeça~~ enterrar-se nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os homens a sério não leem poesia – quanto mais escrevê-la! Os homens a sério – os rapazes a sério – jogavam futebol, como Baba ~~na~~ sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante.

Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi ~~passar um mês a para o~~ Teerão durante um mês para assistir às transmissões televisivas dos jogos do ~~Campeonato do Mundo Mundial~~, ~~visto que~~ porque na altura época ainda não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para ~~infundir~~ despertar em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a ~~estorvar~~ empatar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente ~~as linhas~~ um corredor aberto. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando, por bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava, esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdara nem a sombra dos ~~seus~~ talentos atléticos desportivo, ~~ele~~ decidiu fazer de mim um espectador ~~informado~~ apaixonado entusiástico. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. ~~Rejubei~~ Festejei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e ~~particpei no coro de~~ insultei ao árbitro aos berros quando ele marcou ~~grande penalidade~~ um penalti contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto ~~de~~ que o seu filho nunca ~~seria nem um jogador nem um adepto de futebol~~. iria jogar nem ver futebol.

Lembro-me ~~do dia em que~~ de uma vez Baba me ~~levou~~ levar com ele ao torneio anual de ~~B~~Buzkashi realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. ~~O~~Buzkashi era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito, geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros ~~cavaleiros~~ *chapandaz* o persegue e faz tudo ~~ao que está ao~~ seu alcance – ~~aos~~ pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam ~~os seus gritos de luta~~ e ~~lutavam~~ disputavam a ~~pela~~ carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra ~~estremecia sob~~ tremeu com o estampido dos cascos. Das ~~arqui~~bancadas ~~de cima~~ víamos os cavaleiros passar por nós a galope, ~~brandindo o chicote e soltando guinches~~ berrando e gritando, espuma a voar da boca dos cavalos ~~a~~ espumar.

~~De repente~~ A dada altura, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

~~Eu e~~Estava.

– É ~~o~~ Henry Kissinger.

– Oh – exclamei. Não fazia a mínima ideia ~~de~~ quem era o Henry Kissinger, e ~~talvez~~ ~~lhe~~ ~~tivesse~~ ~~podia ter~~ ~~lhe~~ ~~dito~~ perguntado. Mas ~~nesse~~ mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por ~~vários~~ ~~um~~ ~~amontado~~ ~~de~~ cascos. O corpo dele foi arrasado num turbilhão como uma ~~boneca~~ ~~de~~ trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo ~~continuou~~ ~~voltou a~~ circular. ~~Pestanejou~~ ~~Contra~~ ~~iu-se~~ ~~Piscou os olhos~~ uma vez e ficou ~~inerte~~ ~~imóvel~~, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

~~Desatei~~ Comecei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me ~~da força de~~ como ~~que~~ as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. ~~Acima de tudo~~ ~~Sobretudo~~, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha ~~na~~ ~~cara~~ ~~e~~ ~~rosto~~ enquanto conduzia ~~sem dizer palavra~~ ~~em silêncio~~.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta ~~fechada~~.

– ...graças a Deus é saudável – dizia Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a ~~andar~~ vaguear ~~cirandar~~ pela casa, como se estivesse perdido.

– E?

– Eu não era assim. – Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

– As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

– Acredita – insistiu Baba. – Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos ~~com~~ que ~~conheci~~ cresci.

– Sabes, às vezes és o homem mais ~~egocêntrico/maniente~~ ~~vaidoso~~ que conheço – disse Rahim Khan. ~~Ele era~~ a única pessoa eu conhecia ~~capaz de~~ que podia dizer esse tipo de coisas a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Ai, não?

– Não.

– Então tem a ver com o quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar ~~quando~~ ~~enquanto~~ Baba mudeuava de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, ~~desejando ouvir,~~ ~~desejando~~ querendo e não querendo ouvir.

– Às vezes olho ~~por~~ ~~aquela~~ ~~pela~~ janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo ~~os~~ ~~como~~ ~~o~~ empurram ~~o~~, ~~lhe~~ tiram ~~o~~ ~~os~~ brinquedos, ~~lhedarem~~ ~~lhe~~ ~~dão~~ uma ~~palpada~~ ~~encontrão~~ aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca ~~faz~~ ~~nada~~ se defende ~~responde~~. Nunca. Ele apenas... baixa a cabeça e...

– ~~Quer dizer que~~ Ou seja, não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é ~~isso que quero dizera~~ ~~isso que me refiro~~, Rahim, e tu sabes? – ripostou Baba. – Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

– Sim, maldade.

– ~~O instinto de defesa~~ Autodefesa não tem nada a ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o ~~chateiam~~ atormentam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa e eu pergunto: «~~Onde-Como~~ é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

– Tens de deixá-lo encontrar o caminho dele – disse Rahim Khan.

– ~~Mas qual será~~ E que caminho é esse? Um rapaz que não ~~se sabe~~ defender a si próprio ~~se~~, tornar-se ~~á~~ num homem que não ~~luta por~~ consegue defender nada.

– Como sempre, estás a simplificar demasiado.

– Penso que não.

– Estás irritado porque tens medo que ele não te ~~queira~~ vá suceder nos negócios.

– ~~E a~~ Agora quem é que está a simplificar? Ouve, eu sei que há uma ~~forte afinidade~~ carinho especial entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejoso, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e ~~eu~~ não sei explicar o que é. É como... – percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou ~~a -voze tom~~, mas mesmo assim ouvi tudo. – Se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos o médico a tirá-lo da barriga da minha mulher ~~com os meus próprios olhos~~, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. ~~Fui bruto~~ Berrei com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão nenhuma quando disse aquilo da maldade.

Anexo VII: Experiência de tradução: Retradução

Reza a lenda que um dia o meu pai lutou com um urso-negro no Balochistão. Se a história fosse sobre qualquer outra pessoa, teria sido imediatamente descartada como *laaf*, aquela tendência afegã para o exagero – lamentavelmente, quase uma doença nacional; se alguém se gabasse de ter um filho doutor, o miúdo provavelmente tinha, em tempos, passado num teste de Biologia. Mas da veracidade das histórias de Baba nunca ninguém duvidou. E se alguém duvidasse, bem, Baba tinha mesmo aquelas três cicatrizes paralelas a descerem-lhe pelas costas, delineando um caminho dentado. Imaginei a luta de Baba muitas vezes, até sonhei com ela. E nesses sonhos nunca conseguia distinguir entre Baba e o urso.

Foi Rahim Khan quem, pela primeira vez, se referiu a Baba com o que viria a ser a sua famosa alcunha, «*Toophan Agha*», ou «Senhor Furacão». Era uma alcunha mais do que apropriada. O meu pai era uma força da natureza, um enorme pastó de barba espessa. Tinha uma safra de caracóis castanhos tão desalinhada como ele próprio, mãos que pareciam capazes de desenraizar um salgueiro e um olhar negro que poria «o próprio Diabo de joelhos a pedir misericórdia», como Rahim Khan costumava dizer. Nas festas, quando os seus dois metros entravam de rompante na sala, todas as atenções se voltavam para ele, como girassóis para o sol.

Era impossível ignorar Baba, mesmo quando dormia. Eu enfiava fios de algodão nos ouvidos, tapava a cabeça com o cobertor e mesmo assim o som de Baba a rressonar – muito parecido com o rugir do motor de um camião – atravessava as paredes. E o meu quarto ficava do outro lado do corredor. Como é que a minha mãe conseguia dormir no mesmo quarto que ele é um mistério para mim. Está na longa lista de coisas que eu lhe teria perguntado se alguma vez a tivesse conhecido.

No fim da década de 60, tinha eu cinco ou seis anos, Baba decidiu construir um orfanato. Eu soube de tudo por Rahim Khan. Contou-me que Baba tinha desenhado a planta, embora não tivesse qualquer experiência. Os mais céticos insistiram que se deixasse de loucuras e contratasse um arquiteto. Claro que Baba recusou, e todas as pessoas abanaram a cabeça, consternadas com a teimosia dele. Depois, Baba teve sucesso, e as pessoas voltaram a abanar a cabeça, desta vez espantadas com o seu triunfo. Baba pagou, com o seu dinheiro, a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul. Rahim disse-me que Baba financiou sozinho todo o projeto, pagando

engenheiros, eletricitas, canalizadores e pedreiros, para não falar dos empregados da câmara, cujos «bigodes precisavam de ser engraxados».

A construção do orfanato demorou três anos. Eu tinha oito quando ficou pronto. Lembro-me da véspera da inauguração do orfanato, Baba levou-me ao lago Ghargha, uns quilómetros a norte de Cabul. Disse-me para convidar Hassan, mas eu menti-lhe e disse que Hassan estava com soltura. Queria Baba só para mim. E para além disso, uma vez no mesmo lago, quando Hassan e eu fomos atirar seixos à água, a pedra dele deu oito saltos. O máximo que consegui foram cinco. Baba estava lá, a ver, e deu uma palmadinha nas costas de Hassan. Até lhe pôs o braço à volta do ombro.

Sentámo-nos em uma mesa de piquenique na margem do lago, só Baba e eu, a comer ovos cozidos - com sandes de *kofta* – almôndegas e picles enrolados em *naan*. A água era de um azul profundo e o sol cintilava na superfície clara e espelhada. À sexta-feira, o lago estava cheio de famílias que passavam um dia ao ar livre. Mas era a meio da semana e só lá estávamos eu e Baba, nós e dois turistas de cabelo comprido e barba – *hippies*, era o que lhes chamavam. Estavam sentados na doca, com os pés a abanar na água e canas de pesca na mão. Perguntei a Baba porque é que eles deixavam crescer o cabelo, mas ele grunhiu, não respondeu. Estava a preparar o discurso para o dia seguinte, manuseando uma confusão de folhas manuscritas e anotações aqui e ali com um lápis. Dei uma dentada no meu ovo e perguntei se era verdade o que um rapaz na escola me tinha dito, que quando se engolia um bocado de casca de ovo, ele sai pelo chichi. Baba voltou a grunhir.

Dei uma dentada na minha sandes. Um dos turistas de cabelo amarelo riu-se e deu uma palmada nas costas do outro. Ao longe, no outro lado do lago, um camião andava aos trambolhões à volta do monte. O Sol refletia-se no retrovisor.

– Acho que estou com *saratan* – anunciei. Cancro. Baba ergueu os olhos dos papéis que o vento agitava. Disse-me que eu podia ir sozinho buscar o sumo, só tinha de procurá-lo na bagageira do carro.

No dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras em frente ao orfanato. Muitas pessoas tiveram de assistir de pé à cerimónia de inauguração. Estava um dia ventoso e eu estava sentado atrás de Baba no pequeno pódio junto à entrada principal do novo edifício. Baba estava de fato verde e chapéu de astracã. A meio do discurso, o vento arrancou-lhe o chapéu e toda a gente se riu. Com um gesto, pediu-me que lhe guardasse o chapéu. Eu estava feliz porque

assim toda a gente iria ver que ele era o *meu* pai, o *meu* Baba. Voltou-se para o microfone e disse que esperava que o edifício fosse mais resistente do que o seu chapéu, e todos se riram outra vez. Quando Baba acabou o discurso, todas as pessoas se levantaram e aplaudiram. Bateram palmas durante muito tempo. Depois, quiseram dar-lhe um aperto de mão. Algumas afagaram-me o cabelo e apertaram-me a mão. Estava muito orgulhoso de Baba, de nós.

Mas, apesar dos sucessos de Baba, duvidavam sempre dele. Diziam-lhe que os negócios não lhe estavam no sangue e que devia estudar Direito, como o seu pai. Baba provou-lhes que estavam errados, pois não só soube gerir o seu negócio, como se tornou um dos comerciantes mais ricos de Cabul. Baba e Rahim Khan tinham um negócio de exportação de tapetes extremamente bem-sucedido, duas farmácias e um restaurante.

Quando as pessoas comentavam que Baba nunca iria casar bem – pois na verdade não tinha sangue real –, casou com a minha mãe, Sofia Akrami, uma mulher educada, mundialmente considerada uma das mais respeitadas, belas e virtuosas de Cabul. Ela não só dava aulas de Literatura Clássica Parse na faculdade, como era descendente da família real, um facto que o meu pai, na brincadeira não se cansava de esfregar nas caras dos mais céticos tratando-a por «minha princesa».

O meu pai moldava o mundo à sua volta a seu gosto, comigo como exceção. O problema, claro, era que Baba via o mundo a preto e branco. E era ele quem decidia o que era preto e o que era branco. Não é possível amar uma pessoa que vive assim sem temê-la. Talvez mesmo sem odiá-la um pouco.

Quando eu estava no quinto ano, tivemos um mulá que nos ensinava o Islão. Chamava-se Mulá Fatiullah Khan, era um homem baixo e gordo, com a cara marcada pelo acne e uma voz áspera. Dava-nos sermões sobre as virtudes do *zakat* e o dever do *hadj*; ensinava-nos que tínhamos de rezar os cinco namazes diários e obrigava-nos a decorar versículos do Alcorão – e, embora nunca nos traduzisse as palavras, deixava bem claro, às vezes com a ajuda de uma vara de salgueiro descascada, que tínhamos de pronunciar as palavras árabes bem para Deus nos ouvir melhor. Disse-nos um dia que o Islão considerava que beber era um pecado terrível; os que bebiam teriam de responder pelo seu pecado no dia do *Qiyamat*, o dia do Juízo Final. Nesse tempo, beber era relativamente comum em Cabul. Ninguém era chicoteado por isso, mas os afegãos que bebiam faziam-no em privado, por uma questão de

respeito. As pessoas compravam o seu uísque em certas «farmácias» em sacos de papel a fingir que era um «remédio». Saíam com o embrulho debaixo do braço, por vezes recebendo olhares de desaprovação de quem os via passar e sabia da reputação da loja por fazer transações desse tipo.

Estávamos lá em cima, no escritório de Baba, a sala de fumo, quando lhe contei o que o Mulá Fatiullah Khan nos tinha ensinado na aula. Baba estava no bar que construía no canto da sala a servir-se um uísque. Ouviu-me, concordou com a cabeça e deu um gole na sua bebida. Depois sentou-se na poltrona de couro, pousou o copo e puxou-me para o seu colo. Parecia que eu estava sentado em cima de dois troncos de árvore. Inspirou fundo e expirou pelo nariz, o ar agitou o seu bigode durante o que me pareceu uma eternidade. Não sabia se havia de abraçá-lo ou de fugir do colo dele com medo.

– Vejo que confundes o que aprendes na escola com verdadeira educação – disse num tom solene.

– Mas, se o que ele diz é verdade, tu és pecador, Baba?

– Hum... – Baba esmagou um cubo de gelo entre os dentes. – Queres saber o que o teu pai pensa do pecado?

– Quero.

– Então vou te dizer, mas primeiro percebe isto e percebe já, Amir: nunca vais aprender nada de valor com esses idiotas barbudos.

– Estás a falar do Mulá Fatiullah Khan?

Baba gesticulou com o copo. O gelo chocalhou.

– Estou a falar deles todos. Mija na barba de todos esses macacos convencidos.

Desatei a rir. A imagem de Baba a fazer chichi na barba de qualquer macaco, convencido ou não, era demais.

– Não fazem nada senão rolar as contas dos rosários e recitar um livro escrito numa língua que eles nem sequer compreendem – deu mais um gole. – Deus nos ajude se o Afeganistão alguma vez cair nas mãos deles.

– Mas o Mulá Fatiullah Khan parece tão boa pessoa – consegui dizer entre ataques de riso.

– Também o Gengis Khan parecia – retorquiu Baba. – Mas falemos de outras coisas. Perguntaste-me o que é o pecado e vou explicar-te. Estás a ouvir?

– Estou – respondi, cerrando os lábios. Mas um riso escapou-me pelo nariz e fez um som estranho. Que me fez voltar a rir.

O olhar de Baba fixou-se no meu e de um momento para o outro passou-me a vontade de rir.

– Quero falar-te de homem para homem. Achas que é possível, por uma vez que seja?

– Sim, Baba Jan – balbuciei estarrecido, não pela primeira vez, com o modo como Baba me magoava com tão poucas palavras. Estávamos a viver um momento maravilhoso e raro - não era habitual Baba conversar comigo, muito menos sentando-me ao seu colo - e eu tinha sido um idiota ao desperdiçá-lo.

– Ótimo – disse Baba, mas os seus olhos estavam noutra sítio. – Ora bem, seja o que for que o mulá te ensinar, existe apenas um pecado, só um. E é o roubo. Todos os outros pecados são variantes do roubo. Percebes?

– Não, Baba Jan – respondi, desejando desesperadamente ter percebido. Não queria voltar a desiludi-lo.

Baba soltou um suspiro de impaciência. Isso também me magoou, porque ele não era um homem impaciente. Lembrei-me de todas as vezes que ele não chegou a casa até depois de escurecer, de todas as vezes que eu tinha jantado sozinho. Perguntava a Ali onde é que Baba estava, quando é que vinha para casa, mas eu sabia muito bem que estava na obra, a tratar disto, a supervisionar aquilo. Isso não exigia muita paciência? Eu já odiava todos os miúdos para quem ele estava a construir aquele orfanato; às vezes desejava que tivessem todos morrido com os pais.

– Quando alguém mata um homem, rouba uma vida – explicou Baba. – Rouba à mulher dele um marido, e aos seus filhos um pai. Quando dizemos uma mentira, roubamos a alguém o direito à verdade. Quando somos desonestos, roubamos o direito à honestidade. Entendes?

Entendia. Quando Baba tinha seis anos um ladrão entrou em casa do meu avô a meio da noite. O meu avô, um juiz muito respeitado, fez-lhe frente, mas o ladrão apunhalou-o na garganta matando-o instantaneamente – roubando o pai a Baba. As pessoas da cidade

apanharam o assassino ainda antes do fim da manhã seguinte; era um vagabundo proveniente da região de Kunduz. Enforcaram-no num tronco de um carvalho velho ainda faltavam duas horas para a oração da tarde. Foi Rahim Khan, e não Baba, quem me contou a história. Estava sempre a aprender coisas novas sobre Baba através de outras pessoas.

– Não há nada mais deplorável que roubar, Amir – continuou Baba. – Um homem que tira o que não é dele, seja uma vida ou um *naan*... merece o meu desprezo. E se eu alguma vez me cruzar com ele, Deus o ajude. Percebes?

Achei a imagem de Baba a espancar um ladrão hilariante e assustadora ao mesmo tempo.

– Sim, Baba.

– Se existe um Deus, com certeza tem mais a fazer que reparar se bebo uísque ou como carne de porco. Agora, salta daí. Esta conversa toda sobre o pecado deixou-me outra vez com sede.

Vi Baba encher o copo no bar e perguntei-me quanto tempo passaria até voltarmos a conversar assim. Porque a verdade era que eu sempre tinha sentido que Baba me odiava um pouco. E porque não havia de odiar? Afinal, eu tinha morto a mulher que ele tanto amava, a sua linda princesa, não tinha? O mínimo que eu podia fazer era tentar parecer-me mais com ele. Mas eu não era parecido com ele. De todo.

Na escola, costumávamos jogar *Sherjangi* ou “Batalha de Poemas”. O professor de Parse moderava-o e jogava-se mais ou menos assim: uma pessoa recitava um verso de um poema e o adversário tinha sessenta segundos para responder com um verso que que começasse com a letra com que o outro tinha acabado. Toda a gente da minha turma queria fazer equipa comigo porque aos onze anos eu já sabia de cor dezenas de versos de Khayyám, Hãfez ou do famoso *Masnawi* de Rumi. Uma vez joguei contra a turma toda e ganhei. Quando contei ao meu pai ele abanou a cabeça e murmurou: «Que bom.»

Foram eles que me ajudaram a esquecer a indiferença do meu pai, os livros da minha mãe morta. Os livros e Hassan, claro. Eu lia tudo. Rumi, Hãfez, Saadi, Vítor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain, Ian Fleming. Quando acabei de ler os livros da minha mãe – não os aborrecidos sobre história, nunca gostei muito desses, mas os romances, as epopeias – passei a gastar a minha mesada em livros. Comprava um por semana na livraria ao pé do Cinema Park, e quando deixou de haver espaço nas prateleiras comecei a guardá-los em caixas de cartão.

Claro que casar com uma poetisa era uma coisa, mas ter um filho que preferia enterrar-se nos livros a ir caçar... bem, não era disso que Baba estava à espera, penso eu. Os homens a sério não leem poesia – quanto mais escrevê-la! Os homens a sério – os rapazes a sério – jogam futebol, como Baba na sua juventude. Isso, sim, era uma coisa apaixonante.

Em 1970, Baba tirou umas férias da construção do orfanato e foi para o Teerão durante um mês para assistir às transmissões televisivas dos jogos do Mundial, porque na altura ainda não havia televisões no Afeganistão. Inscreveu-me no futebol para despertar em mim a mesma paixão. Mas eu era patético, uma desgraça para a minha equipa, sempre a empatar um passe oportuno ou a tapar inadvertidamente um corredor aberto. Arrastava-me pelo campo nas minhas pernas magricelas, implorava, gritando por bolas que nunca me chegavam. E quanto mais eu me esforçava, esbracejando freneticamente e berrando «Passa! Passa!», mais me ignoravam. Mas Baba não desistia. Quando se tornou mais do que óbvio que eu não herdara nem a sombra do seu talento–desportivo, decidi fazer de mim um espectador entusiástico. Disso eu ia ser capaz ou não? Fingi-me interessado durante o máximo de tempo possível. Festejei com ele quando a equipa de Cabul ganhou a Kandahar e insultei o árbitro aos berros quando ele marcou um penalti contra nós. Mas Baba percebeu que o meu interesse não era genuíno, e acabou por se conformar com o triste facto que o seu filho nunca iria jogar nem ver futebol.

Lembro-me do dia em que Baba me levou com ele ao torneio anual de *Buzkashi* realizado no primeiro dia da primavera, o dia do Ano Novo. *Buzkashi* era, e continua a ser, a paixão nacional do Afeganistão. Um *chapandaz*, um cavaleiro de alto gabarito, geralmente patrocinado por adeptos ricos, tem de conseguir arrancar uma carcaça de cabra ou vitela do meio de um grupo delas, transportá-la pelo estádio a galope e deixá-la cair dentro de um círculo, enquanto uma equipa de outros *chapandaz* o persegue e faz tudo ao seu alcance – pontapés, arranhões, chicotadas, socos – para lhe arrancar o cadáver. Nesse dia, a multidão aclamava, entusiasmada, enquanto os cavaleiros em jogo gritavam os seus gritos de luta e disputavam a carcaça envoltos numa nuvem de poeira. A terra tremeu com o estampido dos cascos. Das bancadas de cima víamos os cavaleiros passar por nós a galope, berrando e gritando, espuma a voar da boca dos cavalos.

A dada altura, Baba apontou para alguém.

– Amir, estás a ver aquele homem ali sentado, com outros à volta?

Estava.

– É o Henry Kissinger.

– Oh – exclamei. Não fazia a mínima ideia quem era o Henry Kissinger, e talvez tivesse perguntado. Mas nesse mesmo instante vi com horror um *chapandaz* cair da sela e ser pisado por um monte de cascos. O corpo dele foi arrasado num turbilhão como um boneco de trapos, acabando por rebolar e parar quando o grupo continuou. Contraíu-se uma vez e ficou imóvel, as pernas dobradas de forma pouco natural, uma poça de sangue a encharcar a areia.

Comecei a chorar.

Chorei durante todo o caminho para casa. Lembro-me de como as mãos de Baba agarravam o volante. Agarravam e soltavam. Sobretudo, nunca esquecerei o enorme esforço de Baba para disfarçar a expressão de desgosto que tinha na cara enquanto conduzia em silêncio.

Nessa noite, passei pelo escritório do meu pai e ouvi-o conversar com Rahim Khan. Encostei o ouvido à porta.

– ...graças a Deus é saudável – dizia Rahim Khan.

– Eu sei, eu sei. Mas está sempre enterrado nos livros ou a vaguear pela casa, como se estivesse perdido.

– E?

– Eu não era assim. – Baba parecia frustrado, quase indignado.

Rahim Khan riu-se.

– As crianças não são livros de colorir. Não podemos dar-lhes as nossas cores preferidas.

– Acredita – insistiu Baba. – Eu não era nada assim, nem nenhum dos miúdos que cresci.

– Sabes, às vezes és o homem mais egocêntrico que conheço – disse Rahim Khan. Ele era a única pessoa eu conhecia que podia dizer esse tipo de coisas a Baba.

– Não tem nada a ver com isso.

– Ai, não?

– Não.

– Então tem a ver com o quê?

Ouvi o couro do assento da poltrona estalar enquanto Baba mudava de posição. Fechei os olhos, encostei ainda mais o ouvido à porta, querendo e não querendo ouvir.

– Às vezes olho pela janela e vejo-o a brincar na rua com os miúdos do bairro. Vejo como o empurram, lhe tiram os brinquedos, lhe dão um encontrão aqui, uma estalada acolá. E, sabes, ele nunca se defende. Nunca. Ele apenas... baixa a cabeça e...

– Ou seja, não é violento – disse Rahim Khan.

– Não é isso que quero dizer, Rahim, e tu sabes? – ripostou Baba. – Há qualquer coisa que falta naquele rapaz.

– Sim, maldade.

– Autodefesa não tem nada a ver com maldade. Sabes o que acontece sempre que esses miúdos o atormentam? O Hassan chega e corre com eles. Já o vi com os meus olhos. E quando os dois voltam para casa e eu pergunto: «Como é que o Hassan fez o arranhão que tem na cara?», ele responde: «Caiu.» Acredita, Rahim, há um problema qualquer com aquele rapaz.

– Tens de deixá-lo encontrar o caminho dele – disse Rahim Khan.

– E que caminho é esse? Um rapaz que não se defende-a si próprio, tornar-se-á num homem que não consegue defender nada.

– Como sempre, estás a simplificar demasiado.

– Penso que não.

– Estás irritado porque tens medo que ele não te vá suceder nos negócios.

– Agora quem é que está a simplificar? Ouve, eu sei que há um carinho especial entre vocês os dois, e isso deixa-me muito feliz. Invejosos, mas feliz. A sério. Ele precisa de alguém que... o compreenda, porque Deus sabe que eu não consigo. Mas há qualquer coisa no Amir que me preocupa, e não sei explicar o que é. É como... – percebi que ele procurava, perseguia as palavras certas. Baixou a voz, mas mesmo assim ouvi tudo. – Se eu não tivesse visto com os meus próprios olhos o médico a tirá-lo da barriga da minha mulher, não acreditava que ele fosse meu filho.

Na manhã seguinte, enquanto preparava o meu pequeno-almoço, Hassan perguntou-me o que se passava comigo. Berrei com ele, disse-lhe para não se meter onde não era chamado.

Rahim Khan não tinha razão nenhuma quando disse aquilo da maldade.

Anexo VIII: Crítica para especialistas: Artigo completo

The Kite Runner vs. O Menino de Cabul: crítica de tradução

Marlene Knupfer^{1,2}

¹Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

²Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Resumo

O presente artigo consiste numa crítica da tradução portuguesa do romance *The Kite Runner* de Khaled Hosseini. A crítica baseia-se num trabalho de análise desenvolvido a fim de identificar e categorizar os erros presentes na tradução (Pym 1992), resultantes do confronto entre texto-fonte e texto-alvo. Com base em Berman (1995), o artigo pretende elaborar uma crítica de tradução objetiva e construtiva da tradução do romance.

Palavras-chave

Crítica de tradução, *The Kite Runner*, *O Menino de Cabul*

Abstract

This article consists of a translation quality assessment of the Portuguese translation of the novel *The Kite Runner* from Khaled Hosseini. The criticism is based on an analysis developed to identify and categorize the translation errors (Pym 1992), resulting from the confrontation between source-text and target-text. Based on Berman (1995), this article aims at providing an objective and constructive translation criticism of the translation of the novel.

Keywords

Translation criticism, *The Kite Runner*, *O Menino de Cabul*

The Kite Runner (2003), a primeira obra de Khaled Hosseini, caracteriza-se pela sua vertente estrangeirante. O próprio romance consiste numa tradução, pelo menos no processo cognitivo. Hosseini escreveu o romance em Inglês, a sua segunda língua, procedendo, assim, à autotradução e demonstrando a omnipresença da tradução (Schleiermacher: 1913). Naturalmente, a omnipresença da tradução no próprio romance levanta a questão da (in)visibilidade de Venuti (1995).⁵⁹

No corpo do texto encontram-se inúmeras referências geográficas e culturais, muitas das quais em pársi. O autor recorre frequentemente à utilização do itálico a fim de (i) destacar as palavras ou expressões pársi e (ii) dar ênfase a uma dada palavra ou expressão inglesa. Estamos perante uma idiosincrasia do autor que contribui para a estrangeirização do próprio texto. Apesar da inclusão de estrangeirismos no corpo do texto, que são, por vezes, acompanhados de explicações (““I think I have saratan,” I said. Cancer.”) a leveza da escrita de Hosseini permanece durante todo o romance. A narrativa apresenta um diálogo equilibrado entre simplicidade e complexidade. Em 2013 foi publicada a tradução de Sofia Gomes, *O Menino de Cabul*.

Para a identificação correta de erros de tradução foi consultado o sistema binário apresentado por Pym (1992)⁶⁰. O trabalho desenvolvido por Frota (2000) também contribuiu para a reflexão subjacente a esta crítica. A presença de singularidades⁶¹ contribuiu para uma análise mais cuidada e uma reflexão mais equilibrada.

A tradução portuguesa manteve os itálicos, as referências geográficas e os nomes das personagens. Trata-se de uma excelente opção de tradução, uma vez que permite a manutenção da vertente estrangeirante do próprio romance. No entanto, ao confrontar texto-fonte e texto-alvo, nota-se uma incoerência na implementação dessa mesma opção. Desta forma, a tradução acaba por interferir com as idiosincrasias do autor, especialmente a nível enfático.

“How can you know?” (47)

“Mas sabes como?” (58)

⁵⁹ Se o próprio romance é visivelmente uma tradução, será que o tradutor é invisível?

⁶⁰ O autor sugere uma distinção entre ocorrências binárias e não-binárias. As ocorrências binárias ou estão corretas ou erradas. As ocorrências não-binárias dispõem de mais opções. Cf. Pym (1992).

⁶¹ Cf. Frota (2000).

“(...) I like where I live.” (51)

“(...) gosto de morar onde moro.” (63)

A nível morfossintático a tradução revela uma tentativa de manter no texto-alvo a mesma relação equilibrada entre frases simples e frases complexas. No entanto, o que ocorre com alguma frequência é que o texto-alvo apresenta frases demasiado complexas. Assim, o equilíbrio do texto-fonte não foi mantido durante o processo de tradução, eliminando outra idiosincrasia do autor.

“People hugged and kissed and greeted each other with “*Eid Mubarak*”. Happy Eid. Children opened gifts and played with dyed hard-boiled eggs.” (38)

“Abraçavam-se, beijavam-se e saudavam-se dizendo «*Eid Mubarak*». Feliz Eid. As crianças desembrulhavam prendas e brincavam com ovos cozidos, os quais tinham a casca pintada de várias cores.” (49)

A tradutora procedeu às alterações necessárias para adaptar a pontuação às normas e convenções da língua portuguesa. Como por exemplo, no caso do discurso direto.

A tradução do título levantou dificuldades que a tradutora soube contornar ao recorrer a estratégias de interpretação e criatividade. A tradução portuguesa proporciona ao leitor um título cativante, atrativo e coerente – *O Menino de Cabul*. Na versão brasileira optou-se por uma tradução literal – *O Caçador de Pipas*. No entanto, trata-se de uma opção enganadora, uma vez que o leitor, devido à polissemia, poderia interpretar o título de forma literal.

Ocorrem no texto várias referências a medidas, fornecidas no formato do sistema imperial. Na tradução portuguesa essas medidas são convertidas para o sistema métrico e arredondadas, através da estratégia pragmática de filtragem cultural. Uma boa opção tradutória que evita submeter o leitor a uma estranheza desnecessária.

“At parties, when all six-foot-five of him thundered into the room (...).” (11)

“Nas festas, quando entrava de rompante na sala com o seu metro e noventa (...).” (21)

“(...) under a foot of snow.” (42)

“(...) por meio metro de neve.” (53)

Ainda no domínio das estratégias pragmáticas, o confronto entre texto-fonte e texto-alvo revelou que a tradução portuguesa recorreu a inúmeras mudanças de informação. Deste modo, o texto-alvo apresenta várias omissões, adições e explicitações que não se encontram justificadas.

“(...) was always my idea.” (4)

“(...) era ideia minha.” (14)

“Not welcome anymore.” (111)

“Não bem-vindos nesta casa.” (124)

“Their father argued (...)” (21)

“O pai ainda tentou argumentar (...)” (32)

A tradução apresenta alguns défices a nível sintático, sendo que a organização e a estrutura frásica de alguns excertos suscitam estranheza durante a leitura. Normalmente, os excertos carecem apenas de uma reorganização dos elementos frásicos, como o demonstram os seguintes exemplos:

“Lembro-me de, na véspera da inauguração, Baba me levar ao lago Ghargha, a uns quilómetros a norte de Cabul.” (22)

“Baba pagou a construção do orfanato de dois pisos, mesmo ao pé da rua principal de Jadeh Maywand, a sul do rio Cabul, com o seu próprio dinheiro.” (22)

“Em frente ao orfanato, no dia seguinte, esgotaram-se as cadeiras.” (23)

A estranheza presente em ambos os excertos deve-se, também, à pontuação. A elevada utilização de vírgulas contribui para a estranheza, interferindo com a leitura.

Em relação ao léxico, a tradutora nem sempre recorre aos equivalentes ou soluções mais adequadas, distorcendo, por vezes, o significado ou até mesmo criando estranheza. Por vezes os equivalentes escolhidos transportam consigo alterações a nível semântico, na medida em que resultam em mudanças de ênfase.

“(...) shortly before he and I fled Kabul.” (173)

“(...) antes de ele e eu deixarmos Cabul.” (184)

“I thought about (...)” (167)

“Recordei o que (...)” (180)

„(...) which I was probably going to do anyway.” (175)
“(...) eu ia com certeza acabar (...)” (188)

O texto apresenta erros que demonstram uma evidente falta de revisão, tanto por parte da tradutora como por parte de outras entidades. É evidente que, nestas circunstâncias, não estamos perante erros de tradução propriamente ditos, mas sim de gralhas⁶².

“Sacudi o pó do pódio livro (...)” (17)

“(...) quando se engole um bocado de casca de ovo ela sai pelo chichi.” (23)

“Baixei-me a apertei-a.” (208)

São gralhas deste género que demonstram a necessidade e a importância do trabalho de revisão. Apenas uma revisão cuidada e exaustiva poderá revelar e corrigir este género de erros do texto.

A tradução contém ainda incongruências a nível lexical que resultam de um elevado grau de literalização. À semelhança dos exemplos enunciados anteriormente, revelam uma falta de revisão.

“(...) blades of grass (...)” (24)

“(...) lâminas de relva (...)” (35)

“(...) Hassan had the runs.” (12)

“(...) Hassan tinha ido fazer recados.” (22)

A grande maioria das críticas apontadas a esta tradução são de natureza lexical. A escolha de equivalentes não se encontra apurada e, por vezes, não se aproxima do texto-fonte. A nível da linguagem o texto-alvo não é convincente, afastando-se significativamente do texto-fonte. São mantidas as principais características da narrativa. No entanto, alguns dos erros de natureza sintática, morfossintática e semântica parecem estar intrinsecamente ligados à ausência de um processo de revisão rigoroso. Tal como Berman (1995) sugere, não devemos produzir uma crítica excessivamente neutra, que atribui os aspetos negativos a outros fatores que não o tradutor.

⁶² “(...) 5. Erro num texto escrito, por lapso.” (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* 2001: 1922).

Deste modo, estamos perante um texto-alvo cujo processo de tradução parece não estar concluído. A revisão, uma etapa importantíssima, foi claramente negligenciada. O resultado é um texto-alvo que se assemelha a um esboço de tradução. Uma revisão rigorosa poderia providenciar ao texto as alterações necessárias para o transformar numa tradução que faça justiça ao seu original. Neste momento, como foi dito, estamos perante um trabalho em curso. Por outras palavras, podia dizer-se que a tradução carece do quarto movimento da hermenêutica da tradução (cf. Steiner: 1975). Assim, deixamos aqui preparado o terreno para uma futura retradução (cf. Berman: 1995) do romance *The Kite Runner*.

Referências

- BERMAN, Antoine (1995). *Towards a Translation Criticism: John Donne*. Ohio: Kent State University Press.
- CHESTERMAN, Andrew (1997). *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdão e Filadélfia: John Benjamin's Publishing Company.
- FROTA, Paula (2000). *A Singularidade da Escrita Tradutória: A linguagem e subjetividade nos estudos da tradução*. São Paulo: Editora Pontes.
- HOSSEINI, Khaled (2003). *The Kite Runner*. Londres: Bloomsbury
- HOSSEINI, Khaled (2003). *O Menino de Cabul*. Trad. de Sofia Gomes (2013). Lisboa: Presença
- PYM, Anthony (1992). "Translation Error Analysis and the Interface with Language Teaching" in *The Teaching of Translation*. Editores Cay Dollerup e Anne Loddegaard. Amsterdam: John Benjamins. 279 – 288.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich (1813). 2003. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Trad. de José M. M. Justo (2003). Lisboa: Porto Editora.
- VENUTI, Lawrence (1995). *The Translators Invisibility: A history of translation*. Londres: Routledge.

Anexo IX: Análise estatística: *Corpus* integral

1. Pragmática

Mudança de registo

“High on hashish and *mast* on French wine (...).” (21)

“Empanturrados de haxixe e *mast* com vinho francês (...).” (32)

“(...) this despite the fact that their family somehow managed to obtain them exemptions from the draft.” (21)

“(...) isso apesar de a família deles ter conseguido, não sei como, livrá-los da tropa.” (32)

“The rules were simple: no rules.” (45)

“O regulamento era simples: não havia regulamento.” (56)

“I took her from behind by that creek over there.” (6)

“Fartei-me de leva-la para ali, para trás do ribeiro.” (17)

“What a tight little sugary cunt she had!” (7)

“Mas que coisinha mais boa e apertada que ela tinha!” (17)

“Some flaw or other in our design always (...).” (44)

“Havia sempre um erro na sua conceção (...).” (55)

Mudança de informação

Adição:

“Their father argued (...).” (21)

“O pai ainda tentou argumentar (...).” (32)

“(...) all neatly placed on the dining table.” (23)

“(...) em cima da mesa da casa de jantar.” (34)

“Then he’d laugh at his own joke.” (172)

“Depois desatava a rir-se do seu próprio lugar-comum.” (184)

“His door slammed shut and his running footsteps pounced the stairs.” (32)

“A porta fechou-se com um estrando e ouviram-se os seus passos correr escada acima, pisando com força os degraus.” (43)

“People spoke of woman’s rights and modern technology.” (38)

“Ouvia-se falar em coisas como direitos das mulheres e tecnologia moderna.” (49)

“Children opened gifts and played with dyed hard-boiled eggs.” (38)

“As crianças desembrulhavam prendas e brincavam com ovos cozidos, os quais tinham a casca pintada de várias cores.” (49)

"The sky is seamless and blue (...)." (42)

"O céu está todo do mesmo azul (...)." (53)

"There were so-called voluntary winter courses." (43)

"Havia os chamados «cursos facultativos de inverno»" (53)

"We went to the bazaar and bought bamboo (...)." (44)

"Íamos ao bazar e comprávamos canas de bambu (...)." (55)

Omissão:

"(...) and told the other servants to tutor him, but to be kind to him." (21)

"(...) dizendo aos criados que o educassem, mas com brandura." (32)

"I would always feel guilty about it later." (25)

"Mais tarde enchia-me de remorsos." (36)

"(...) on the water where dozens of miniature boats." (167)

"(...) na água onde navegavam barcos em miniature." (180)

"The news had reached Kabul and he called." (171)

"A notícia chegara a Cabul. (184)

"Huddled together in the dining room and waiting for the sun o rise, none of us had any notion that a way of life had ended. Our way of life. If not quite yet, then at least it was the beginning of the end. The end, the official end, would come first in (...)." (32)

"Agarrados um ao outro na sala de jantar, à espera que o sol nascesse, nenhum de nós teve a noção de que uma certa forma de vida chegava ao fim. O fim, o fim oficial, viria em (...)." (42)

"(...) whom he called a "big-toothed cretin." (110)

"(...) que considerava um idiota chapado." (123)

"The sky is seamless and blue (...)." (42)

"O céu está todo do mesmo azul (...)." (53)

"(...) listen to the muffled stillness (...)." (42)

"(...) ouço o silêncio quebrado (...)." (53)

"No kid I knew ever (...)." (43)

"Nenhum miúdo alguma vez (...)." (53)

"I loved wintertime in Kabul. I loved it for the (...)." (43)

"Eu adorava o inverno em Cabul. Por causa do (...)." (54)

"But it quickly became apparent (...)." (44)

"Depressa se tornou evidente (...)." (55)

"Sometimes I wished he wouldn't do that." (45)

"Eu não queria que ele fizesse isso." (56)

"(...) suddenly looking, *really* looking, at each other." (47)

"(...) a olhar, mas a olhar mesmo, um para o outro." (59)

"(...) the alley (...)" (1)

"(...) o beco deserto (...)" (11)

"(...) was always my idea." (4)

"(...) era ideia minha." (14)

"(...) just five days later, she was gone." (8)

"(...) e cinco dias depois desapareceu." (18)

"(...) to pass that longest of nights." (125)

"(...) para ajudar a passar a noite. (138)

"The bit about Israel used to draw (...)." (109)

"A inclusão de Israel enfurecia (...)." (122)

"Not welcome anymore." (111)

"Não bem-vindos nesta casa." (124)

"(...) that his son was worthy." (49)

"(...) que o filho era um campeão." (60)

"I used to burry (...)." (12)

"Eu enfiava (...)." (21)

"Nay, it's worse. Much worse." (173)

"Nay, é pior. Não (...)." (186)

Outros:

"(...) two brothers, young men (...)" (21)

"(...) dois irmãos, dois jovens (...)" (32)

"Not in the usual sense, anyhow." (21)

"Pelo menos, no sentido habitual." (32)

"I spent most of the first twelve years of my life playing with Hassan." (22)

"Passei os meus primeiros doze anos da minha vida a brincar com Hassan." (33)

"(...) she was half-watching a PBS (...) half-correcting (...)." (166)

"Ao mesmo tempo que via (...) corrigia (...)." (179)

"Yes, give it to Kaka Rahim." (27)

"Boa ideia, Kaka Rahim, lê-a." (38)

"(...) he said in a gurgling voice." (175)

"(...) balbuciou." (188)

"Let me take you home with me." (175)

"Vem comigo para minha casa." (188)

"(...) which I was probably going to do anyway." (175)

"(...) eu ia com certeza acabar (...)." (188)

"(...) Baba had forbidden us (...)." (6)

"(...) Baba tinha-me proibido (...)." (16)

2. Semântica

Mudança de ênfase

"(...) and told the other servants to tutor him, but to be kind to him." (21)

"(...) dizendo aos criados que o educassem, mas com brandura." (32)

"People spoke of woman's rights and modern technology." (38)

"Ouvia-se falar em coisas como direitos das mulheres e tecnologia moderna." (49)

"Kites were the one paper-thin slice of (...)." (43)

"Os papagaios eram uma intersecção, fina como papel (...)." (54)

"In Kabul, fighting kites was a little like going to war." (43)

"Em Cabul, ir lançar papagaios era um pouco como ir à guerra." (54)

"How can you know?" (47)

"Mas sabes como?" (58)

"(...) suddenly looking, really looking, at each other." (47)

"(...) a olhar, mas a olhar mesmo, um para o outro." (59)

"(...) I like where I live." (51)

"(...) gosto de morar onde moro." (63)

"(...) why it was always (...)." (4)

"(...) tudo sempre para (...)." (14)

"(...) of the month of Jadi (...)." (125)

"(...) do mês de Jadi (...)." (138)

"(...) praying namaz (...)." (199)

"(...) a rezar o namaz (...)." (210)

Mudança de grau de explicitação e/ou implicitação

"(...) and Ali would shake his head (...)." (22)

"(...) e Ali concordava com a cabeça (...)." (32)

"They would speak four or five times a year (...)." (171)

"Telefonavam-se quarto ou cinco vezes por ano (...)." (184)

"Baba loved the *idea* of America." (109)

"Baba adorava a ideia de viver na América." (122)

"(...) with a shard of mirror." (3)

"(...) com um bocado de espelho partido." (13)

"(...) in the wintertime." (5)

"(...) durante todo o inverno." (15)

"(...) to pass that longest of nights." (125)

"(...) para ajudar a passar a noite. (138)

"(...) every night of the week became a *yelda* for me (...)" (125)

"(...) todas as noites passaram para mim a ser noites de yelda. (138)

"Not welcome anymore." (111)

"Não bem-vindos nesta casa." (124)

Mudança de tropo

"Hassan and I were shinned. Dazed." (23)

"Hassan e eu ficámos pasmados. De boca à banda." (34)

"Come. There is a way to be good again (...)." (168)

"«Vem. Nunca é tarde para acertar as contas (...)." (181)

"(...) the rooftops, and the hills buried under a foot of snow." (42)

"(...) os telhados e os montes cobertos por meio metro de neve." (53)

Paráfrase

"I took her from behind by that creek over there." (6)
"Fartei-me de leva-la para ali, para trás do ribeiro." (17)

"What a tight little sugary cunt she had!" (7)
"Mas que coisinha mais boa e apertada que ela tinha!" (17)

3. Léxico

Literalização

"(...) had the runs." (12)
"(...) tinha ido fazer recados." (22)
"(...) plucked blades of grass (...)." (24)
"(...) arrancando lâminas de relva (...)." (35)

Colocação

"Just before sunrise (...)." (32)
"Pouco antes de o dia nascer (...)." (43)
"People gathered (...)." (45)
"As pessoas aglomeravam-se (...)." (56)
"(...) almost a national affliction (...)." (11)
"(...) quase uma doença nacional (...)." (21)
"(...) wrapped in naan." (12)
"(...) entre duas fatias de naan." (22)
"(...) in the trunk of the car." (13)
"(...) bagageira do carro." (23)
"(...) arms wrapped around his wife." (111)
"(...) os braços dele em volta da esposa" (124)
"(...) shook their heads (...)." (12)
"(...) abanaram a cabeça (...)." (22)
"(...) mustaches needed oiling." (12)
"(...) bigodes precisavam de ser engraxados." (22)
"(...) just before noon the next day." (16)
"(...) antes da manhã seguinte terminar." (26)

"(...) through the crowded Pashtunistan Square." (226)

"(...) a apinhada Praça Pashtunistan." (236)

"Ali used to make Hassan and me take off (...)." (229)

"Ali costumava obrigar Hassan e eu a descalçarmos (...)." (239)

"(...) the tightly packed concrete terraces." (233)

"(...) nas bancadas a rebentar pelas costuras." (243)

"The streets glistened with fresh snow (...)." (53)

"As ruas cintilavam com a neve (...)." (65)

"(...) suddenly I had the feeling I was (...)." (47)

"(...) de repente tive a impressão de que (...)." (59)

"She stood up now." (167)

"Ela imobilizou-se." (180)

"I am indebted to the following (...)." (7)

"Agradeço reconhecido aos seguintes (...)." (9)

"(...) as he drove in silence." (19)

"(...) sem dizer palavra." (29)

"I'd rol from side to side (...)." (43)

"Rebolava-me na cama (...)." (54)

Outros

"High on hashish and *mast* on French wine (...)." (21)

"Empanturrados de haxixe e *mast* com vinho francês (...)." (32)

"Not in the usual sense, anyhow." (22)

"Pelo menos, no sentido habitual." (33)

"Their father argued (...)." (21)

"O pai ainda tentou argumentar (...)." (32)

"In the end (...)." (22)

"No fundo (...)." (33)

"(...) that we always saw hanging around in Kabul." (23)

"(...) com que nos estávamos sempre a cruzar." (34)

"(...) we took strolls in the musty-smelling bazars (...)." (23)

"(...) íamos aos bazares que cheiravam a almíscar (...)." (34)

- "(...) we took strolls in the musty-smelling bazars (...)." (23)
"(...) íamos aos bazares que cheiravam a almíscar (...)." (34)
- "(...) his sneakers kicking up (...)." (34)
"(...) levantando com os pés (...)." (45)
- "(...) on her chest (...)." (166)
"(...) no seu colo (...)." (179)
- "(...) she was half-watching a PBS (...) half-correcting (...)." (166)
"Ao mesmo tempo que via (...) corrigia (...)." (179)
- "I spent most of the first twelve years of my life playing with Hassan." (22)
"Passei os meus primeiros doze anos da minha vida a brincar com Hassan." (33)
- "I have to go to Pakistan." (167)
"Preciso de ir ao Paquistão." (180)
- "I though about a comment Rahim Khan had made (...)." (167)
"Recordei o que Rahim Khan dissera (...)." (180)
- "Made it in passing, almost as an afterthought." (167)
"Fizera-o de propósito, quase como uma ordem." (180)
- "Made it in passing, almost as an afterthought." (167)
"Fizera-o de propósito, quase como uma ordem." (180)
- "(...) nursing home (...)." (168)
"(...) casa de saúde (...)." (181)
- "(...) my face buried in her hair." (169)
"(...) o meu rosto escondido no cabelo dela." (182)
- "Terrible what is happening in your country (...)." (170)
"Terrível, o que se passa no nosso país (...)." (183)
- "(...) switched to a polite nodding mode." (170)
"(...) adotei o simples método de ir fazendo que sim com a cabeça." (183)
- "(...) switched to a polite nodding mode." (170)
"(...) adotei o simples método de ir fazendo que sim com a cabeça." (183)
- "I remembered Peshawar pretty well (...)." (170)
"Eu lembrava-me perfeitamente (...)." (183)
- "(...) that my garroulos driver referred to as (...)." (171)
"(...) que o meu loquaz conductor designou de (...)." (184)

"I thought of the last time (...)." (171)

"Lembrei-me da última vez (...)." (184)

"Then he'd laugh at his own joke." (172)

"Depois desatava a rir-se do seu próprio lugar-comum." (185)

"(...) one of the most instinctive (...)." (173)

"(...) das pessoas mais discretas (...)." (185)

"Nay, it's worse." (173)

"Nay, é pior." (186)

"(...) shortly before he and I fled Kabul." (173)

"(...) pouco antes de ele e eu deixarmos Cabul." (186)

"(...) which I was probably going to do anyway." (175)

"(...) eu ia com certeza acabar (...)." (188)

"Everybody had fled." (178)

"Todos tinham partido." (190)

"Not this time." (185)

"Outra vez, não." (196)

"(...) whom he called a "big-toothed cretin"." (110)

"(...) que considerava um idiota chapado." (123)

"That summer of 1983 (...)." (114)

"No verão de 1983 (...)." (127)

"Fuck the Russia!" (115)

"A Rússia que vá para o raio que o parta!" (129)

"(...) listen to the muffled stillness (...)." (42)

"(...) ouço o silêncio quebrado (...)." (53)

"(...) through the window." (43)

"(...) pela vidraça (...)." (53)

"(...) was undeniably the highlight of the cold season." (43)

"(...) era sem dúvida o expoente máximo da estação fria." (54)

"(...) we had to make our own string (...)." (44)

"(...) tínhamos que preparar o nosso próprio cordel (...)." (55)

"Hassan and I looked at each other. Cracked up." (45)

"Hassan e eu olhámos um para o outro. Furiosos." (56)

"(...) for her advice about (...)." (7)

"(...) pelo que me ensinou (...)." (9)

"I thought about Hassan. Thought about Baba." (2)

"Lembrei-me de Hassan. Lembrei-me de Baba." (12)

"(...) the left side of the brick path (...)." (4)

"(...) à esquerda do caminho vermelho (...)." (14)

"(...) with costum-built cabinets." (5)

"(...) com armários embutidos." (15)

"(...) just one year after (...)." (5)

"(...) precisamente um ano (...)." (15)

"Children opened gifts (...)." (38)

"As crianças desembrulhavam (...)." (49)

"Some thought it was the prettiest house (...)." (4)

"Havia quem dissesse que era a melhor casa (...)." (14)

"The bit about Israel used to draw (...)." (109)

"A inclusão de Israel enfurecia (...)." (122)

"(...) that his son was worthy." (49)

"(...) que o filho era um campeão." (60)

"(...) I knew it wasn't (...)." (1)

"(...) percebi que não (...)." (11)

"(...) pockets filled with (...)." (3)

"(...) bolsos das calças a abarrotar de (...)." (13)

"I used to burry (...)." (12)

"Eu enfiava (...)." (22)

"Self-defense (...)." (20)

"O instinto de defesa (...)." (30)

4. Morfossintaxe

Mudança de tipo e organização de unidade

"Here is what I do on the first day of snowfall every year I step out of the house early in the morning, still in my pajamas, hugging my arms against the chill." (42)

"Vou contar o que faço todos os anos no primeiro dia de neve. Saio de casa de manhã cedo, ainda de pijama, encolhido de frio." (53)

“One day last summer, my friend Rahim Khan called from Pakistan. He asked me to come see him.” (1)

“Um dia, no verão passado, o meu amigo Rahim Khan telefonou-me do Paquistão a pedir-me que fosse visitá-lo.” (11)

Alterações de padrões de repetição e rítmicos

“I loved wintertime in Kabul. I loved it for the (...).” (43)

“Eu adorava o inverno em Cabul. Por causa do (...).” (54)

“I thought about Hassan. Thought about Baba. Ali. Kabul. I thought (...).” (2)

“Lembrei-me de Hassan. Lembrei-me de Baba. De Ali. De Cabul. Da minha (...).” (12)

“(...) Hassan lost his less than a week after he was born. Lost her (...).” (6)

“(...) Hassan perdeu a delel menos de uma semana depois de nascer. Ela teve (...).” (16)

Tradução literal

“But in none of his stories did Baba ever refer to Ali as his friend.” (22)

“Porém em nenhuma dessas histórias Baba chamava a Ali seu amigo.” (32)

“But we were kids who had learned to crawl together, and no history, ethnicity, society, or religion was going to change that either.” (22)

“Mas eramos crianças que tinham aprendido a gatinhar juntas e nem a história, nem a etnia, nem a religião iriam também mudar isso.” (33)

“I remember the two of us walking (...).” (109)

“Lembro-me de nós os dois a passear (...).” (122)

5. Distrações

“Baixei-me a apertei-a.” (208)

“Sacudi o pó do pódio livro (...).” (18)

“(...) quando se engole um bocado de casca de ovo ela sai no chichi.” (23)

“A parte da leitura que eu preferia era quando deparávamos com uma palavra difícil que ele não conhecia.” (35)

6. Boas soluções

6.1 Pragmática

Omissão:

“(...) and when he could talk again (...).” (23)

“(...) e quando conseguiu falar (...).” (34)

Exotização:

“(...) but we’d already made \$ 160.” (126)

“(...) mas já tínhamos feito cento e sessenta dólares.” (139)

“(...) for \$ 5, you could (...).” (127)

“(...) por cinco dólares, podíamos (...).” (140)

“(...) at Ohlone Junior College in Fremont.” (131)

“(...) em Ohlone Junior College em Fremont.” (144)

“(...) had offered three dollars for a five-dollar (...).” (131)

“(...) ofereceu três dólares por uns castiçais de cinco dólares (...).” (145)

Filtragem cultural:

“(...) the rooftops, and the hills buried under a foot of snow.” (42)

“(...) os telhados e os montes cobertos por meio metro de neve.” (53)

6.2 Léxico

“(...) my grandfather adopted him into his own household (...).” (21)

“(...) o meu avô adotou-o e levou-o para casa (...).” (32)

“Lore has it (...).” (11)

“Diz quem sabe (...). (21)

“(...) dismissed as *laaf* (...).” (11)

“(...) atribuído à *laaf* (...).” (21)

“Need a CAT scan first (...).” (135)

“Primeiro tem de fazer uma TAC (...).” (148)

6.3 Semântica

Mudança de ênfase

“Rahim Khan talked some more.” (173)

“Rahim Khan contou mais histórias.” (186)

Anexo X: As Estratégias de tradução: Perspetivas teóricas

Estratégia	Referência	Definição	Citação	Vertente	Categorização
Levar o autor ao leitor	SCHLEIERMACHER (1813)	Esta estratégia pode ser equiparada à de filtragem cultural, uma vez que consiste na adaptação do texto-fonte à cultura-alvo, traduzindo as ocorrências culturais no texto-fonte por equivalentes da cultura-alvo.	“Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direção a ele (...)” (p. 61)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Pragmática Semântica
Levar o leitor ao autor	SCHLEIERMACHER (1813)	Esta estratégia está em oposição à anterior. O tradutor albergar o estranho, isto é, os elementos culturais presentes no texto-fonte são preservados, em vez de os substituir por elementos culturais equivalentes.	“(…) ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direção a ele.” (p. 61)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe Pragmática Semântica
Empréstimo	VINAY e DARBELNET (1958)	Utilização de uma palavra ou expressão de uma língua que não a língua-alvo por ser mais apropriada/satisfatória por inadequação do equivalente existente ou inexistência do mesmo.	“(…) translators (...) occasionally need to use it in order to create a stylistic effect. For instance, in order to introduce the flavour of the source language (SL) culture into the translation, foreign terms may be used (...)” (p. 85)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe

Decalque/Calque	VINAY e DARBELNET (1958)	Utilização de uma palavra ou expressão de uma língua, que não a língua-alvo, na sua tradução literal.	“A calque is a special kind of borrowing whereby a language borrows an expression form of another, but then translates literally each of its elements.” (p. 85)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe
Decalque lexical	VINAY e DARBELNET (1958)	Inserir uma nova expressão respeitando a estrutura sintática da língua-alvo.	“(…) a calque which respects the syntactic structure of the TL, whilst introducing a new mode of expression (…).” (p. 85)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe
Decalque estrutural	VINAY e DARBELNET (1958)	Inserir uma nova expressão introduzindo uma nova construção na língua-alvo.	“(…) which introduces a new construction into the language (…).” (p. 85)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Tradução literal	VINAY e DARBELNET (1958)	Consiste na tradução literal de uma expressão, frase ou texto. Ou seja, a tradução é feita palavra por palavra, sendo que há uma correspondência exata, em termos de sintaxe, entre o texto-fonte e o texto-alvo. No entanto, o tradutor tem de se certificar de que as regras linguísticas da língua-alvo aceitam esse tipo de construção frásica (que foram transpostas do texto-fonte através da tradução literal). Segundo Chesterman, apenas quando a construção resultante no texto-alvo não é aceitável, pelos mais variados motivos, é necessário utilizar outras estratégias de tradução.	“Literal, or word for word, translation is the direct transfer of a SL text into a grammatically and idiomatically appropriate TL text in which the translators’ task is limited to observing the adherence to the linguistic servitudes of the TL.” (p. 86)	*	Léxico Morfossintaxe Semântica
	NEWMARK (1995)		“I believe literal translation to be the basic translation procedure, both in communicative and semantic translation, in that translation starts from here.” (p. 70)		
	CHESTERMAN (1997)		“I define this rather loosely, as meaning “maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical”. (p. 94)		

Transposição	VINAY e DARBELNET (1958)	<p>Consiste na mudança da classe de palavras durante o processo de tradução, como por exemplo de um substantivo para verbo, sem comprometer o significado ou a mensagem do texto-fonte. No entanto, esta estratégia requer, frequentemente, algumas alterações estruturais a fim de incorporar a modificação anterior. Vinay e Darbelnet (1958) distinguem entre dois tipos de transposição: opcional e obrigatória.</p>	<p>“The method called transposition involves replacing one word class with another without changing the meaning of the message.” (p. 88)</p>	**	Léxico Morfosintaxe
	NEWMARK (1995)		<p>“A 'shift' (...) or 'transposition' (...) is a translation procedure involving a change in the grammar from SL to TL. One type, the change from singular to plural, e.g. 'furniture'; <i>des meublest</i> 'applause', <i>des applaudis-sements</i>; 'advice', <i>des consetis</i>; or in the position of the adjective: <i>la maison blanche</i>, 'the white house' is automatic and offers the translator no choice. A second type of shift is required when an SL grammatical structure does not exist in the TL.” (p. 55)</p>		
	CHESTERMAN (1997)		<p>“I use this term (...) to mean any change of wordclass, e.g. from noun to verb, adjective to adverb. Normally, this strategy obviously involves structural changes as well, but it is often useful to isolate the word-class change as being of interest in itself.” (p. 95)</p>		

Modulação	VINAY e DARBELNET (1958)	Trata-se de uma ligeira mudança de ênfase que, no entanto, preserva o significado. Pode ser necessário recorrer a esta estratégia quando, por exemplo, após uma tradução literal a tradução está gramaticalmente correta, mas causa estranheza na língua-alvo. Também aqui se distingue entre dois tipos de modulação: livre ou opcional e fixa ou obrigatória.	“Modulation is a variation of the form of the message, obtained by a change in the point of view. This change can be justified when, although a literal, or even transposed, translation results in a grammatically correct utterance, it is considered unsuitable, idiomatic or awkward in the TL.” (p. 89)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
Equivalência	VINAY e DARBELNET (1958)	Consiste na adequação de uma expressão linguística que conste da língua-fonte e da respetiva cultura, à realidade cultural da língua-alvo. Isto porque as várias línguas têm expressões próprias da cultura em que se inserem para as mais variadas situações, que podem ser iguais, semelhantes ou completamente diferentes. Sendo que os últimos dois cenários são aqueles que requerem esta estratégia.	“The classical example of equivalence is given by the reaction of an amateur who accidentally hits his finger with a hammer: if he were French his cry of pain would be transcribed as “Aïe!”, but if he were English this would be interpreted as “Ouch!”.” (p. 90)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica
	NEWMARK (1995)		“(…) an unfortunately named term implying approximate equivalence, accounting for the same situation in different terms.” (p. 90)		
Adaptação	VINAY e DARBELNET (1958)	Tal como Vinay e Darbelnet referem, a adaptação representa um tipo especial de equivalência, à qual o tradutor recorre quando a realidade cultural representada	“(…) it is used in those cases where the type of situation being referred to by the SL message is unknown in the TL culture. In such cases	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica

		no texto-fonte é não só inexistente como muito estranha na cultura do texto-alvo.	translators have to create a new situation that can be considered as being equivalent. Adaptation can, therefore, be described as a special kind of equivalence, a situational equivalence.” (p. 90/91)		
Racionalização	BERMAN (1985)	Consiste na alteração das estruturas sintáticas originais a fim de tornar a tradução mais natural.	“This bears primarily on the syntactical structures of the original, starting with that most meaningful and changeable element in a prose text: <i>punctuation</i> . Rationalization recomposes sentences and the sequence of sentences, rearranging them according to a certain idea of discursive <i>order</i> .” (p. 288)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe
Clarificação	BERMAN (1985)	Consiste em tornar explícito aquilo que no original é implícito, avançando para lá da inevitabilidade da explicação, podendo, por exemplo, explicitar algo que o autor poderia não querer explicitar.	“This is a corollary of rationalization which particularly concerns the level of “clarity” perceptible in words and their meanings. Where the original has no problem moving in the <i>indefinite</i> , our literary language tends to impose the definite.” (p. 289)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
Expansão	BERMAN (1985)	Esta tendência ocorre frequentemente e dá-se quando a tradução é mais extensa do que o texto-fonte. Muitas vezes depende dos pares de línguas em questão.	“Every translation tends to be longer than the original. (...) Rationalizing and clarifying require expansion, an <i>unfolding</i> of what, in the original, is “folded”.” (p. 290)	**	Morfossintaxe

<p>Enobrecimento</p>	<p>BERMAN (1985)</p>	<p>Ocorre quando o tradutor ao traduzir o texto-fonte procede a uma espécie de revisão, durante a qual altera o estilo ou torna o texto mais legível/fluyente.</p>	<p>“Thus the ennoblement is only a rewriting, a “stylistic exercise” on – and at the expense of – the original. This procedure is active in the literary field, but also in the human sciences, where it produces texts that are “readable”, “brilliant”, rid of their original clumsiness and complexity so as to enhance the “meaning”.” (p. 290/291)</p>	<p>Domesticação Etnocentrismo</p>	<p>Pragmática</p>
<p>Empobrecimento qualitativo</p>	<p>BERMAN (1985)</p>	<p>Aqui trata-se do valor icónico das palavras, isto é, por exemplo, quando a sonoridade de uma palavra evoca a imagem que esta representa. Deste modo, o empobrecimento qualitativo ocorre quando uma tal palavra é traduzida por outra que não apresenta a mesma iconicidade.</p>	<p>“This refers to the replacement of terms, expressions and figures in the original with terms, expressions and figures that lack their sonorous richness or, correspondingly, their signifying or “iconic” richness.” (p. 291)</p>	<p>**</p>	<p>Léxico Semântica</p>
<p>Empobrecimento quantitativo</p>	<p>BERMAN (1985)</p>	<p>Ocorre quando no texto-fonte são usadas várias palavras parecidas, por exemplo “rosto” e “cara”, que no texto-alvo são traduzidas por uma única palavra.</p>	<p>“This refers to a lexical loss. Every work in prose presents a certain <i>proliferation</i> of signifiers and signifying chains. (...) These signifiers can be described as <i>unfixed</i>, especially as a signified may have a multiplicity of signifiers. (...) The translation that does not respect this multiplicity renders the “visage” of an unrecognizable work.” (p. 291/292)</p>	<p>**</p>	<p>Léxico Semântica</p>

Destrução dos ritmos	BERMAN (1985)	Qualquer texto apresenta um ritmo, por mais subtil que seja. Deste modo, o tradutor poderá destruí-lo se não tiver a preocupação de manter os elementos que o formaram no texto-fonte.	“(…) the deforming translation can considerably affect the rhythm – for example, through an arbitrary revision of the punctuation.” (p.292)	**	Léxico Morfossintaxe
Destrução de redes subjacentes de significação	BERMAN (1985)	Uma rede subjacente de significação constitui-se por elementos lexicais ou expressões que mantêm relações entre si. Essas mesmas redes condicionam o sentido global da literatura. Deste modo, se o tradutor não as traduzir perder-se-á um aspeto importante do texto-fonte na sua tradução.	“After long intervals certain words may recur, certain kinds of substantives that constitute a particular network, whether through their resemblance or their aim, their “aspect”. (...). If such networks are not transmitted, a signifying process in the text is destroyed.” (p. 92)	**	Léxico Morfossintaxe
Destrução de padrões linguísticos	BERMAN (1985)	Acontece principalmente a nível de estruturação sintática e de uma modificação da mesma. Assim, dá-se uma homogeneização do texto-alvo, porém isso significa também que se perde a sistematização dos padrões do original.	“Rationalization, clarification, expansion, etc. destroy the systematic nature of the text by introducing elements that are excluded by its essential system. Hence, a curious consequence: when the translated text is more “homogeneous” than the original (...) it is equally more <i>incoherent</i> and, in a certain way, more heterogeneous, more <i>inconsistent</i> .” (p. 293)	**	Morfossintaxe
Destrução de redes vernaculares ou a exotização das mesmas	BERMAN (1985)	Consiste ou na aniquilação de vestígios culturais (sob forma de	“The effacement of vernaculars is thus a very serious injury to the textuality of prose work. It	*	Léxico Pragmática

		palavras/expressões ou construções verbais/frásicas) ou a sua exotização ao mantê-los presentes em itálico ou entre aspas.	may be a question of effacing diminutives in Spanish, Portuguese, German or Russian; or, it may involve replacing verbs by nominal constructions, verbs of action by verbs with substantives.” (p. 294)		
Destrução de expressões e idiomatismos	BERMAN (1985)	Consiste em traduzir expressões respetivas à cultura do texto-fonte por expressões equivalentes na cultura do texto-alvo.	“To play with “equivalence” is to attack the discourse of the foreign work. Of course, a proverb may have its equivalents in other languages, but... these equivalents do not <i>translate</i> it. To translate is no to search for equivalences.” (p. 295)	Domesticante Etnocentrismo	Léxico Semântica
Apagamento da sobreposição das línguas	BERMAN (1985)	Ocorre quando o tradutor não consegue ou escolhe não traduzir as variedades dialetais e linguísticas presentes no texto-fonte.	“The superimposition of languages in a novel involves the relation between dialect and a common language, a koine, or the coexistence, in the heart of a text, of two or more koine. The relation of tension and integration that existent in the original between the vernacular language and the koine, between the underlying language and the surface language, etc. tends to be effaced.” (p. 295)	**	Morfossintaxe
Empréstimo, decalque	CHESTERMAN (1997)	Consultar as definições de calque e empréstimo.	“This strategy covers both the borrowing of individual items and the borrowing of syntagma.	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe

			Like the other strategies, it refers to a deliberate choice, not the unconscious influence of undesired interference.” (p. 94)		
Mudança do tipo de unidade	CHESTERMAN (1997)	Ocorre quando uma unidade do texto-fonte é traduzida para o texto-alvo como sendo outra unidade.	“The units are: morpheme, word, phrase, clause, sentence, paragraph. A unit shift occurs when a ST unit is translated as a different unit in the TT: this happens very frequently, of course, and sub classifications can be set up for unit shifts of different types.” (p. 95)	*	Léxico Morfossintaxe
Mudança da estrutura sintagmática	CHESTERMAN (1997)	Como o próprio nome indica, esta estratégia consiste na mudança da estrutura frásica, como por exemplo: o tempo verbal, plural para singular, entre outros.	“This strategy (...) comprises a number of changes at the level of the phrase, including number, definiteness and modification in the noun phrase, and person, tense and mood in the verb phrase.” (p. 96)	*	Morfossintaxe
Mudança da estrutura proposicional	CHESTERMAN (1997)	Consiste em mudanças a nível das proposições. Por exemplo, através da alteração da voz ativa para a voz passiva (ou vice-versa) ou através da alteração da estrutura proposicional (SVO-SOV), entre outros.	“Under this heading I group changes that have to do with the structure of the clause in terms of its constituent phrases. Various subclasses include constituent order (analyzed simply as Subject, Verb, Object, Complement, Adverbial), active vs. passive voice, finite vs. non-finite structure, transitive vs. intransitive.” (p. 96/97)	*	Morfossintaxe

Mudança da estrutura frásica		CHESTERMAN (1997)	Consiste em mudanças a nível frásico, como por exemplo a transformação de uma oração subordinada numa oração coordenada.	“This group of strategies affects the structure of the sentence-unit, insofar as it is made up of clause-units. Included are changes between main-clause and sub-clause status, changes of sub-clause types etc.” (p. 97)	*	Morfossintaxe
Mudança de coesão		CHESTERMAN (1997)	São mudanças que ocorrem a nível intratextual, por exemplo quando o tradutor acrescenta um demonstrativo ou elimina um advérbio no texto-alvo.	“A cohesion change is something that affects intra-textual reference, ellipsis, substitution, pronominalization and repetition, or the use of connectors of various kinds.” (p. 98)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe
Mudança de nível		CHESTERMAN (1997)	Ocorre quando o tradutor traduz uma expressão de um dado nível, por exemplo sintático, por outro nível, por exemplo lexical. Esta estratégia é muito utilizada ao traduzir do Alemão, por se tratar de uma língua muito concreta.	“By levels I mean phonology, morphology, syntax and lexis. In a level shift, the mode of expression of a particular item is shifted from one level to another.” (p. 99)	*	Léxico Morfossintaxe
Mudança de esquema retórico	<i>ST scheme X => TT scheme X</i>	CHESTERMAN (1997)	Trata-se aqui de mudanças a nível das figuras de estilo presentes no texto-fonte (paralelismos, repetições, aliterações, entre outros). Chesterman distingue entre quatro tipos de mudanças: (a) Manutenção da figura	“This refers to the kinds of changes that translators incorporate in the translation of rhetorical schemes such as parallelism, repetition, alliteration, metrical rhythm etc. (...) the translator can choose between three basic alternatives (...) (a) <i>ST scheme X => TT</i>	*	Morfossintaxe
	<i>ST scheme X => TT scheme Y</i>					

	<p><i>ST</i> scheme $X \Rightarrow$ <i>TT</i> scheme \emptyset</p>		<p>(b) Manutenção de uma figura compatível (c) Eliminação da figura (d) Adição de uma figura</p>	<p><i>scheme X</i> (b) <i>ST</i> scheme $X \Rightarrow$ <i>TT</i> scheme Y (c) <i>ST</i> scheme $X \Rightarrow$ <i>TT</i> scheme \emptyset (...) to these (...) we can also add (...): (a) <i>ST</i> scheme $\emptyset \Rightarrow$ <i>TT</i> scheme X (...)." (p. 99/100)."</p>		
	<p><i>ST</i> scheme $\emptyset \Rightarrow$ <i>TT</i> scheme X</p>					
Sinonímia		NEWMARK (1995)	O tradutor procede à tradução de uma dada palavra do texto-fonte através da utilização de um sinónimo da mesma.	"I use the word 'synonym' in the sense of a near TL equivalent to an SL word in a context, where a precise equivalent may or may not exist. This procedure is used for a SL word where there is no clear one-to-one equivalent, and the word is not important in the text (...)." (p. 84)	*	Léxico Semântica
		CHESTERMAN (1997)		"This strategy selects not the "obvious" equivalent but a synonym or near-synonym for it, e.g. to avoid repetition." (p. 102)		
Antonímia		CHESTERMAN (1997)	O tradutor procede à tradução de uma dada palavra do texto-fonte através da utilização de um antónimo da mesma.	"The translator selects an antonym and combines this with a negation element." (p. 102)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica

Hiponímia	ST superordinate => TT hyponym	CHESTERMAN (1997)	Esta estratégia apresenta três subclasses: (a) Tradução de um hiperónimo do texto-fonte por um hipónimo no texto-alvo; (b) Tradução de um hipónimo do texto-fonte por um hiperónimo no texto-alvo; (c) Tradução de um hipónimo do texto-fonte por um hipónimo do texto-alvo.	“Shifts within the hyponymy relation are common. In principle, this strategy comes in three subclasses: (a) ST superordinate => TT hyponym (...) (b) ST hyponym => TT superordinate (...) (c) ST hyponym X => TT hyponym Y (...).” (p. 102)	*	Léxico Semântica
	ST hyponym => TT superordinate					
	ST hyponym X => TT hyponym Y					
“Converses”		CHESTERMAN (1997)	Ocorre quando uma realidade do texto-fonte é traduzida para o texto-alvo a partir de outro ponto de vista.	“Converses are pairs of (usually) verbal structures which express the same state of affairs from opposing viewpoints, such as <i>buy</i> and <i>sell</i> .” (p. 103)	*	Léxico Pragmática Semântica
Mudança do grau de abstração		CHESTERMAN (1997)	Aqui, dependendo das decisões do tradutor, o texto-fonte poderá tornar-se mais abstrato ou mais concreto do que o texto-alvo.	“A different selection of abstraction level may either move from abstract to more concrete or from concrete to more abstract.” (p. 103)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica
Mudança distribucional		CHESTERMAN (1997)	Ocorre quando se dá uma alteração da distribuição das mesmas componentes semânticas, podendo dar-se uma expansão ou uma compressão.	“This is a change in the distribution of the “same” semantic components over more items (expansion) or fewer items (compression). Expansion “dilutes” the text somewhat.” (p. 104)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Semântica

Mudança de ênfase		CHESTERMAN (1997)	Esta estratégia consiste na mudança de ênfase ao acrescentar, reduzir ou simplesmente alterar a ênfase.	“This strategy adds to, reduces or alters the emphasis or thematic focus, for one reason or another”. (p. 104)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Semântica
Paráfrase		NEWMARK (1995)	É comumente utilizada para traduzir expressões idiomáticas do texto-fonte para a qual não existe um correspondente na língua-alvo.	“This is an amplification or explanation of the meaning of a segment of the text. It is used in an 'anonymous' text when it is poorly written, or has important implications and omissions.” (p. 90)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
		CHESTERMAN (1997)		“The paraphrase strategy results in a TT version that can be described as loose, free, in some contexts even undertranslated. Semantic components at the lexeme level tend to be disregarded, in favor of the pragmatic sense of some higher unit such as a whole clause.” (p. 104)		
Mudança de tropo	<i>ST trope X => TT trope X</i>	CHESTERMAN (1997)	A mudança de tropo consiste, tal como o nome indica, na alteração de um tropo presente no texto-fonte durante a sua transposição para o texto-alvo, através da manutenção de uma metáfora; manutenção de uma metáfora, mas com outra ênfase; eliminação do elemento figurativo ou ainda adição de um elemento figurativo no texto-alvo	“This strategy, or rather set of strategies, applies to the translation of rhetorical tropes (i.e. figurative expressions) (...) we can distinguish three main subclasses of strategy here (a-c): (a) <i>ST trope X => TT trope X. (...)</i> (b) <i>ST trope X => TT trope ∅ (...)</i>	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe Semântica
	<i>ST trope X => TT trope ∅</i>					
	<i>ST trope X => TT trope ∅</i>					

	<i>ST trope ∅ => TT trope X</i>		apesar de inexistente no texto-fonte.	(c) <i>ST trope X => TT trope ∅</i> (...) To these (...) we can also add: (d) <i>ST trope ∅ => TT trope X</i> (...)." (p. 105)		
	Outras mudanças semânticas	CHESTERMAN (1997)	Todas aquelas mudanças que não foram anteriormente referidas no grupo das estratégias semânticas.	"These would include other modulations of various kinds, such as change of (physical) sense or of deictic direction (...)." (p. 107)	*	Semântica
	Filtragem cultural	CHESTERMAN (1997)	Esta estratégia ocorre quando no texto-fonte surgem realidades culturais (da cultura-fonte) que o tradutor traduz recorrendo a realidades culturais da língua-alvo, ou seja, equivalentes.	"This strategy is also referred to as naturalization, domestication or adaptation; it describes the way in which SL items, particularly culture-specific items, are translated as TL cultural or functional equivalents, so that they conform to TL norms." (p. 108)	Domesticação Etnocentrismo	Lexical Pragmática Semântica
	Mudança do grau de explicitação	CHESTERMAN (1997)	O tradutor torna explícito no texto-alvo um elemento que no texto-fonte se encontra implícito, ou vice-versa.	"This change is either towards more explicitness (explicitation) or more implicitness (implicitation). Explicitation is well known to be one of the most common translatorial strategies (...)." (p. 108)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
	Mudança de informação	CHESTERMAN (1997)	Ocorre quando o tradutor acrescenta informação ao texto-alvo que não se encontra no texto-fonte ou elimina informação no texto-alvo que se encontra no texto-fonte (adição e	"By this I mean either the addition of new (non-inferable) information which is deemed to be relevant to the TT readership but which is not present in the ST, or the omission of ST information deemed to be	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática

		omissão, respetivamente).	irrelevant (this latter might involve summarizing, for instance).” (p. 109)		
Mudança interpessoal	CHESTERMAN (1997)	Trata-se de uma mudança a nível estilístico do texto que é alcançada através da mudança de formalidade, tecnicidade, entre outros.	“This strategy operates at the level of the overall style: it alters the formality level, the degree of emotiveness and involvement, the level of technical lexis and the like: anything that involves a change in the relationship between text/author and reader.” (p. 110)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica
Mudança ilocutória	CHESTERMAN (1997)	Consiste na mudança dos atos de fala presentes no texto-fonte, por exemplo, através da inserção de uma pergunta retórica no texto-alvo que não esteja presente no texto-fonte.	“Illocutionary changes (changes of speech act) are usually linked with other strategies too. For instance, changing the mood of the verb from indicative to imperative (...) also involves an illocutionary change from statement to request.” (p. 110/111)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
Mudança de coerência	CHESTERMAN (1997)	Consiste na mudança da organização da informação presente no texto-fonte ao traduzi-la para a língua-alvo. Ou seja, quando o tradutor recorre a alterações de natureza morfossintática.	“(...) coherence changes have to do with the logical arrangement of information in the text, at the ideational level.” (p. 111)	Domesticação Etnocentrismo	Morfossintaxe Pragmática
Tradução parcial	CHESTERMAN (1997)	Tal como o nome indica, esta estratégia consiste em traduzir o	“This covers any kind of partial translation, such as summary	Estrangeirização Alteridade	Pragmática

		texto-fonte apenas de forma parcial.	translation, transcription, translation of the sound only, and the like.” (p. 111)		
Mudança de visibilidade	CHESTERMAN (1997)	A mudança de visibilidade ocorre quando o tradutor acrescenta algo no texto-alvo que chama a atenção do leitor para a existência do tradutor. Isto pode suceder sob várias formas, como por exemplo notas de rodapé, explicações, glosas, notas tradutórias, entre outros.	“This refers to a change in the status of the authorial presence, or to the overt intrusion or foregrounding of the translatorial presence. For instance, translator’s footnotes, bracketed comments (such as explanations of puns) or added glosses explicitly draw the reader’s attention to the presence of the translator, who is no longer “transparent” (...).” (p. 112)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
<i>Transediting</i>	CHESTERMAN (1997)	Esta estratégia é necessária quando o texto-fonte se encontra redigido de forma debilitada, ao ponto de necessitar de uma reformulação ou de ser completamente reescrito.	“This is a term suggested by Stetting (1989) to designate the sometimes radical re-editing that translators have to do on badly written original texts: it includes drastic re-ordering, rewriting, at a more general level than the kinds of changes covered by the strategies so far mentioned.” (p. 112)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Outras mudanças pragmáticas	CHESTERMAN (1997)	Todas aquelas mudanças que não foram definidas anteriormente no grupo das estratégias pragmáticas.	“One example would be layout (...). Another example here is the choice of dialect, in particular British vs. American English (...).” (p. 112)	*	Pragmática

Transferência	NEWMARK (1995)	Ver definição de empréstimo.	Transference (...) is the process of transferring a SL word to a TL text as a translation procedure. It (...) includes transliteration, which relates to the conversion of different alphabets: e.g. Russian (Cyrillic), Greek, Arabic, Chinese, etc. into English, the word then becomes a 'loan word'. (p. 81)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Through-Translation	NEWMARK (1995)	Ver definição de decalque e empréstimo.	“The literal translation of common collocations, names of organizations, the components of compounds (e.g. 'superman1, <i>Übermensch</i>) and perhaps phrases (<i>compliments de fa saison</i> ^ 'compliments of the season'), is known as <i>calque</i> or loan translation. I prefer the more transparent term 'through-translation'.” (p. 84)	Estrangeirização Alteridade	Léxico Morfossintaxe
Naturalização	NEWMARK (1995)	Ocorre quando um empréstimo é naturalizado na língua-alvo. Ou seja, quando a sua ortografia é adequada à da língua-alvo.	This procedure succeeds transference and adapts the SL word first to the normal pronunciation, then to the normal morphology (word-forms) of the TL, e.g. <i>Edinburgh, humeur, redingote, thatcherisme</i> . Note, for German, <i>Performanz, Attraktiv, Exhalation</i> .” (p. 82)	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Morfossintaxe

Equivalente funcional	NEWMARK (1995)	Um equivalente funcional é utilizado quando o tradutor não pretende manter a referência cultural do texto-fonte, mas também não pretende traduzi-la por uma referência cultural equivalente na cultura-alvo.	This common procedure, applied to cultural words, requires the use of a culture-free word, sometimes with a new specific term; it therefore neutralizes or generalizes the SL word; (...). This procedure, which is a cultural componential analysis, is the most accurate way of translating i.e. deculturalising a cultural word. (p. 83)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Equivalente descritivo	NEWMARK (1995)	Um equivalente descritivo é utilizado quando o tradutor não pretende ou não pode (por inexistência) empregar na tradução um nome (por exemplo de um objeto) e, portanto, recorre à utilização da descrição do mesmo.	"In translation, description sometimes has to be weighed against function. Thus for <i>machete</i> , the description is a 'Latin American broad, heavy instrument', the function is 'cutting or aggression'; description and function are combined in 'knife'." (p. 83)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Compensação	NEWMARK (1995)	Ocorre quando o tradutor não conseguiu manter uma dada característica (aliteração, metáfora, jogo de palavras etc.) do texto-fonte e compensa a mesma mais tarde noutra passagem do texto.	"This is said to occur when loss of meaning, sound-effect, metaphor or pragmatic effect in one part of a sentence is compensated in another part, or in a contiguous sentence." (p. 90)	Domesticação Etnocentrismo	Pragmática
Equivalente cultural	NEWMARK (1995)	Ver definição de filtragem cultural.	"This is an approximate translation where a SL cultural word is translated by a TL cultural word (...). The above are approximate cultural	Domesticação Etnocentrismo	Léxico Pragmática Semântica

			equivalents- Their translation uses are limited, since they are not accurate, but they can be used in general texts, publicity and propaganda, as well as for brief explanation to readers who are ignorant of the relevant SL culture.” (p. 83)		
--	--	--	---	--	--

*Estratégia maleável, cuja vertente depende do uso que o tradutor lhe dá.

** Estratégia que não apresenta vertente, tendo, no entanto, características deformantes.